

revista
ÁFRICA
NA UNILAB

Ano 1 • N° 1 • 2021



VOCÊ
CONHECE
A UNILAB?

CONSTRUINDO
PONTES:
OS PALOPS

SONA,
TCHOKWE E
ETNOMATEMÁTICA

VOCÊ SABE
O QUE É
ABAYOMI?

HERANÇAS
TRANSATLÂNTICAS

ÁFRICA - BRASIL
CONEXÕES

ESCRITAS E DIÁLOGOS TRANSNACIONAIS: EXPERIÊNCIAS NEGRAS EM DIÁSPORA

"se elas não fizessem, ninguém vai fazer como elas queriam que fosse".
(Paulina Chiziane)

A Unilab é uma conquista nacional e transnacional. Conquista empreendida pela luta do Movimento Negro Brasileiro e do Movimento Negro dos países africanos, em especial os que compõe a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP.

Estar na Unilab, viver a Unilab tem sido uma experiência única e de um aprendizado que tem mudado a minha vida e a vida de todas, todos e toutes as (os) estudantes que nela estão. Me refiro às centenas de angolanas (os), brasileiras (os), cabooverdianas (os), guineenses, indígenas, moçambicanas (os), quilombolas, refugiadas (os), sâotomenses e timorenses, transsexuais, ciganas (os), que saem de seus países em busca de conhecimento, de um futuro promissor, de desnudar a história de seu país e dizer ao mundo quem somos, onde fazer e o que queremos. Como a famosa frase que conhecemos, "Nada sobre nós, sem nós".

A felicidade é imensa de apresentar a Revista África na Unilab, 1ª. Edição, do Projeto África na UNILAB (ANU), intitulada África-Brasil Conexões. Uma importante iniciativa de discentes egressas da Unilab, Wilma Quadé, Nádia José e a PETiana Maria da Luz Fonseca (idealizadoras do Projeto África na UNILAB) e da comissão do projeto, Ana Cássia Alves, Elizabeth Silva, Martiniza Camparam e Rodrigo Peixoto. O projeto está ancorado no Programa de Educação Tutorial de Humanidades e Letras (PETHL/UNILAB), um programa que visa a melhoria do ensino de graduação, a formação acadêmica das (os) estudantes, a interdisciplinaridade, e o planejamento e execução de atividades acadêmicas diversificadas em grupos de tutoria, entre outras atribuições.

Em um primeiro momento a ANU reúne textos de Karoliny Viana (com depoimentos de Ezequiel Nunes (Z) e Larissa Silva), Rodrigo Peixoto, Leonardo Chaves e Ana Cássia Alves, que destacam temas como contextualização do projeto Unilab, objetivos e os países que a compõe, experiências e trajetórias de estudar e vivenciar o projeto da Unilab e o impacto positivo em suas vidas, apresentação de projetos de extensão que tem dado e gestado vidas na Unilab, uma entrevista das idealizadoras Wilma Quadé, Maria da Luz Fonseca e Nádia José, mulheres africanas, estudantes egressas da Unilab que compartilham experiências lindas, desafiadoras, racializadas e misóginas em Redenção e como resposta gestam o projeto África na Unilab, a menina ANU, e por último um debate pertinente sobre o continente africano, a sua importância como a útera que gestou a humanidade, mas que em seu contexto histórico é permeada de interesses políticos, genocídio e a ganância que marcou, até os dias atuais, o continente mais rico e etnicamente diverso do mundo.

Na segunda sessão, Rodrigo Peixoto e Martiniza Camparam se dedicam em falar sobre a riqueza étnica, cultural, econômica e política de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Destacam a trajetória de vida e política de mulheres e homens que lutaram bravamente pela libertação de seus países do domínio dos países colonizadores, a composição étnica, a língua e questões culturais e educacionais.

Na terceira e última sessão, Manu Marreiro, Rodrigo Peixoto, Alice de Oliveira, Janiele Sales, Elizabeth Silva, Miro César, Maria da Luz Fonseca e Ana

“A Revista ANU é sem dúvida o resultado epistemológico/intelectual, decolonial, pós-colonial, mulherista, feminista negro, transfeminista, LGBTQIA+, afroafetivo, político e cultural das experiências que a Unilab tem possibilitado viver e emergir.

Jacqueline da Silva Costa



Foto: Acervo pessoal.

Cássia Alves, abordam temas que a Lei N. 10.639/03 e os currículos de graduação e pós agradecem. Trata-se de temas muito interessantes, como a percepção da matemática de um modo distinto da que nos é apresentada nas escolas, a Etnomatemática, vivenciada milenarmente por etnias Banto, presente na arte, na natureza, nas religiões, nos tecidos, entre outros espaços, contos milenares que relatam a criação do universo, uma entrevista sobre o Panafrikanismo, a contribuição de artistas afro-brasileiros nas artes como forma de valorizar a sua ancestralidade e debater pautas como o racismo e os valores ancestrais, heranças culinárias transatlânticas, indicações de leituras de obras da literatura infantil e de intelectuais africanas e afro-brasileiras e, por último, um convite a conhecermos a nossa identidade ancestral como um instrumento importante para a tomada de consciência e seguir transformando o mundo em que vivemos.

A Revista ANU é sem dúvida o resultado epistemológico/intelectual, decolonial, pós-colonial, mulherista, feminista negro, transfeminista, LGBTQIA+, afroafetivo, político e cultural das experiências que a Unilab tem possibilitado viver e emergir. Trata-se de Corpos e sujeitas (os) de lugares distintos, produzindo e vivenciando experiências únicas, que só se vivem e viveram aqui em Redenção e Acaraí-Ce e em São Francisco do Conde-Ba, cidades que acolhem os campi da Unilab.

Composto por um editorial epistemológico e pedagógico rico, a menina, Revista ANU, reúne um material vasto e abastado em informações sobre os países da CPLP, racismo, ancestralidade africana

educação, arte, política e cultura. Pois, precisamos encontrar formas de legitimar a nossa existência no mundo e a atrevida e ousada ANU nos mostra que é possível mudar o curso da vida, alterar as ações da engrenagem colonial e racista que nos colocou em uma posição de desvantagem, alterando em grande medida nossos modos de vida e nossos destinos.

Nzinga Mbandi, rainha guerreira do reino de Ngola, símbolo da resistência ao colonialismo português, diria, “*Mulheres e homens, reúnam seu exército que a revolução intelectual se intensificará*”.

ANU nos convida a africanizar, falar, dançar, amar, poetizar, intelectualizar, a descolonizar corpos, mentes com nossa palavra grávida de amor, compromisso, luta, resistência e afroafetos.

Gratidão pela oportunidade. Axé!

POR JACQUELINE DA SILVA COSTA

Educadora, Feminista Preta, Militante, Pantaneira e Escritora. Como Mestre em Educação e Doutora em Sociologia, e há 16 anos tem se dedicado estudar trajetórias de vida de estudantes negras (os), Desigualdades raciais, Racialização da experiência, Racismo e Políticas de Ações Afirmativas. Profa. Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira (Unilab/Ceará) do curso de Pedagogia e do Curso de Bacharelado em Humanidades e se dedica nos temas de estudos: Educação das Relações Etnico-raciais, Feminismo Negro, Literatura Negra, Interseccionalidades, Gênero e Sexualidades. Foi Pro-reitora pro tempore da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Foi coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Gênero, Raça e Alteridade da UNEMAT. Foi vice-coordenadora do Grupo de Trabalho que formulou o Programa de Ações Afirmativas na Unilab. Membra Fundadora do Neabi-Unilab (Núcleo de Estudos Afrobrasileiro, Africano e Indígena da Unilab). Membra Fundadora do Fórum Estadual de Ações Afirmativas do Ceará.

EXPEDIENTE

REITOR DA UNILAB

Prof. Drº Roque do Nascimento Albuquerque

VICE-REITORA DA UNILAB

Prof.ª Drª Claudia Ramos Carioca

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)

Prof.ª Drª Geranilde Costa e Silva

COMITÊ LOCAL DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO (CLAA)

Léia Cruz de Menezes Rodrigues

Ana Cristina Cunha da Silva

Kaline Araujo Mendes de Souza

Francisco Vitor Macedo Pereira

Rosangela Ribeiro da Silva

Jeannette Filomeno Pouchain Ramos

José Veríssimo do Nascimento Filho

Emanuelle Marreiro Araújo

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL DA UNILAB (PETHL)

Prof.ª Drª Jeannette Filomeno Pouchain Ramos (Tutora)

COORDENAÇÃO DO PROJETO ÁFRICA NA UNILAB

Ana Cássia Alves

Elizabeth da Silva Oliveira

Martiniza Camparam

Rodrigo Peixoto

EDITORIAL

Prof.ª Drª Jacqueline da Silva Costa

TEXTOS

Alice de Oliveira Silva

Ana Cássia Alves Cunha

Elizabeth da Silva Oliveira

Janiele Sales dos Santos

Leonardo Chaves Ferreira

Karoliny Monteiro Viana Lima

Manu Marreiro Araújo

Maria da Luz Fonseca

Martiniza José Camparam

Rodrigo Peixoto Macedo

Valdimiro Cesar Simão Miguel

REVISÃO

Rodrigo Peixoto e Jeannette Filomeno Pouchain Ramos

IMAGENS

Creative Commis/Imagens cedidas/Reprodução

PROJETO GRÁFICO/DIAGRAMAÇÃO

Ana Cássia Alves

FALE CONOSCO

pethl@unilab.edu.br

Publicação com 98 páginas. A distribuição e circulação desta revista é digital e gratuita, sendo proibido o uso comercial.

ÍNDICE

2 EDITORIAL

7 VOCÊ CONHECE A UNILAB?

10 PELO DIREITO DE EXISTIR

13 COMPARTILHANDO NARRATIVAS

19 O CONTINENTE AFRICANO

23 CONSTRUINDO PONTES: OS PALOPS

24 ANGOLA

32 CABO VERDE

40 GUINÉ-BISSAU

51 MOÇAMBIQUE

PROJETOS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO PETHL



62 SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

**72 SONA, TCHOKWE E
ETNOMATEMÁTICA**

75 A CABACÀ UNIVERSAL

76 O QUE É PANAFRIKANISMO?

**78 ARTISTAS AFRO-BRASILEIROS
E A VALORIZAÇÃO DA
ANCESTRALIDADE**

82 HERANÇAS TRANSATLÂNTICAS

87 VOCÊ SABE O QUE É ABAYOMI?

90 INDICAÇÕES

94 IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE

96 GLOSSÁRIO

1 Plantões de Monitoria Online do PETHL: encontros de monitoria quinzenal, via mídias virtuais, destinados às matérias de metodologia e escrita acadêmica.

2 Projeto África na Unilab: consiste em oferecer, por meio da mediação dos bolsistas do PETHL, oficinas e palestras/rodas de conversas voltadas para difusão das informações desprovidas do senso comum em torno do continente africano e os africanos negros.

3 Projeto Internacionalização: dar continuidade ao movimento iniciado em 2020, que fomenta e propicia o intercâmbio científico e cultural de bolsistas do PETHL.

4 DiQuinta: constitui um conjunto de dicas publicadas semanalmente em nosso Portal Web e em nossa página oficial no Instagram.

5 Laboratório de Práticas Interdisciplinares: Aprofundar os conhecimentos teóricos-metodológicos para a produção científica na área de Humanidades e Letras, com base no desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita de gêneros acadêmicos.

6 Grupo de Estudos Protagonismo Feminino: o grupo de estudo visa discutir, mensalmente, o desmonte das opressões ligadas ao patriarcado, considerando as diversidades de narrativas e resistências.

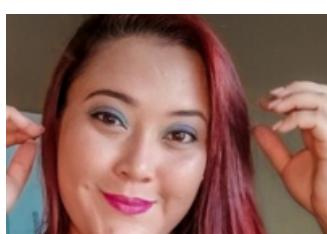
Outros projetos, como "Arte Afeto e Literatura" e PET Dialoga, você encontra em nosso site oficial: www.pethl.unilab.edu.br

Colaboradoras/es na escrita da Revista Digital África na UNILAB

Alice de Oliveira Silva, Ana Cássia Alves Cunha, Elizabeth da Silva Oliveira, Manu Marreiro Araújo, Janiele Sales dos Santos, Leonardo Chaves Ferreira, Karoliny Monteiro Viana Lima, Maria da Luz Fonseca, Martiniza José Camparam, Rodrigo Peixoto Macedo, e Valdimiro Cesar Simão Miguel.



POR JEANNETTE FILOMENO P. RAMOS



Na UNILAB me descobri internacionalista. Desde muito jovem me reconheço como uma menina curiosa e um professor de história despertou meu interesse pelo velho continente, Europa. O trânsito com a África se inicia com desafio da integração internacional sul-sul e, neste movimento, vivi experiências únicas, decoloniais, tanto no cotidiano da vida universitária com a troca entre discentes e docentes africanos, afro-brasileiros(as) e indígenas de diferentes regiões do Brasil, quanto em sala de aula com metodologias de ensino ativas e práticas colaborativas inspiradas na Pedagogia Histórico-Crítica, em Paulo Freire e na arte da educação da Pedagogia Waldorf. As imersões no continente africano e sua diáspora também são parte de mim, transformando a minha essência, as relações e os saberes e práticas pedagógicas, a citar a imersão em Cuba e sua excelência no sistema de ensino básico e superior, a vida com-partilhada em comunidade, entre outros, a imersão e participação em evento acadêmico em Santiago e a realização de um mês de voluntariado com crianças na Ilha de São Vicente em Cabo Verde, a parceria com ex-aluno da UNILAB, Marco Almeida, professor universitário em Angola e com a Universidade Independente de Angola, cito reitor Felipe Zau e Pró-reitor Francisco Issac com a troca de saberes e práticas sobre formação docente e metodologias de pesquisa em Luanda, Requenqua e Lobito. Hoje, como tutora do PETHL, desde 2019, partilho estas experiências e estou aberta para o novo que surge a cada dia no encontro com 12 (doze) bolsistas e com a comunidade acadêmica, permeado de projetos que fazem a diferença e transformam vidas numa perspectiva acadêmica, profissional e relacional. Estas vivências fomentam nos jovens bolsistas autonomia, liberdade e compromisso no planejamento participativo, na elaboração, consecução, monitoramento e avaliação do projetos e atividades de ensino-pesquisa e extensão. O PETHL era um projeto de vida na minha atuação profissional que se tornou realidade. Sou grata e reafirmo que cá estamos a serviço da comunidade, formando cidadãos, pois "A nossa mais elevada tarefa é de formar seres humanos livres capazes de dar sentido e direção em suas vidas. (Rudolf Steiner).



VOCÊ CONHECE A UNILAB?

**Há 11 anos na região do Maciço de Baturité, a universidade
vem desenvolvendo projetos e ações para a comunidade.**

POR KAROLINY VIANA

Localizada na região do Maciço de Baturité, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) nasce dos anseios populares por políticas educativas para as populações mais vulneráveis. E junto com sua chegada, foi possível vivenciar o desenvolvimento de ações de pesquisa, ensino e extensão. Além de uma proposta de ensino superior internacional, tendo como parceira organizações públicas dos países africanos falantes da língua portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe) e do Timor Leste, que fica na Ásia. A Unilab vai muito além, sendo também também intermunicipal e interestadual, estando situada no Maciço de Baturité nas cidades de Acarape e Redenção com três campus, Unidade acadêmica dos Palmares, Campus das Auroras, Campus administrativo da Liberdade, e no Estado da Bahia, na cidade de São Francisco do Conde, com o Campus dos Malês.

Com uma diversidade de estudantes, a universidade vive um intenso caldeirão cultural, que tem o português como língua oficial e em seu corpo estudantil estão indígenas, quilombolas, periféricos, interioranos, estudantes internacionais, de grupos étnicos diversos, além de professores e servidores que representam também essa pluralidade.

Tal configuração da Unilab é única e proporciona para os estudantes e para as comunidades próximas à universidade uma experiência rica em trocas e aprendizados, não só nas relações sociais, mas para nos entender enquanto Brasil. Mas na formação da nossa história e também como um espaço de construção de uma nova perspectiva de educação e sociedade.

Apesar de ser relativamente nova, os impactos da Unilab já podem ser sentidos no Maciço de Baturité e nos países africanos de língua portuguesa, seja nas escolas, onde os egressos e alunos das licenciaturas atuam, trazendo novas perspectivas e metodologias de ensino-aprendizagem ou através de outras experiências.

No Município de Capistrano, temos como exemplo, as egressas do curso de agronomia que desenvolveram um projeto de produção orgânica e agroecológica, que ajuda os agricultores locais a garantir certificação orgânica para que possam ganhar mais independência e valor agregado

em seus produtos certificados. Outra experiências são as dos egressos dos países africanos, que possibilitaram a criação do Programa de Apoio para Desenvolvimento dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PAD-PALOP), que tem por finalidade promover a sustentabilidade socioambiental, através de iniciativas colaborativas de estudantes, profissionais e pesquisadores, sobre as questões relacionadas à energia, clima e agricultura, tendo por finalidade o fortalecimento dos direitos humanos.

Estas são apenas algumas das muitas vivências de sucesso que são resultados diretos do trabalho realizado na universidade. A mudança de vida acontece no dia-a-dia dos estudantes estrangeiros e brasileiros que aos poucos estão modificando não só suas realidades e histórias pessoais, como o lugar em que vivem.

Mais sobre:

Para ter acesso a outros programas e projetos desenvolvidos a partir da UNILAB, acesse www.unilab.edu.br

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

Foto: Acervo Pessoal.



**Ezequiel (Z)
Nunes**

Bacharel em Humanidades, cursa Sociologia na UNILAB e é comunicador popular.

Foto: Acervo Pessoal.



Larissa Silva

Bacharel em Humanidades, cursa licenciatura em Pedagogia.

A UNILAB é uma encruzilhada que estimula minha presença no mundo; que traz um orgulho e sentimento de esperança nas minhas famílias; e que marca a importância da colaboração de tantas pessoas na minha vida. É um espaço onde amplio o contato com outras narrativas, muitas iguais à minha. Foi justamente por causa do intercâmbio educacional, cultural, artístico e político dela que eu me sinto mais questionador das realidades e suas causas, que eu posso fazer da prática de "se situar" um elemento inevitável na hora de ouvir outras pessoas, por exemplo. Além disso, a Unilab me comunica de outra forma o que significa ser um jovem negro gay e pobre no Brasil e isso se concretiza como sua maior marca dentro da trajetória que experimento viver diariamente. – ela me mostra que é possível querer bem mais do que os meus marcadores sociais determinam.

Antes de ingressar na UNILAB, conheci, através de amigos, os objetivos da universidade, orientados por ideias de integração. Fiquei empolgada em poder fazer parte de um projeto assim, pois eu já me engajava em movimentos estudantis secundaristas. Hoje, há quatro anos na instituição, percebo a UNILAB como um espaço de possibilidades, mais do que em qualquer outro ambiente acadêmico, que geralmente é branco, elitista e permeado por preconceitos e hierarquizações. Apesar de muitas vezes não fugir dessa lógica, foi na UNILAB que tive a oportunidade de ter contato com outras culturas e de questionar as estruturas dominantes, de aprender a descolonizar o meu corpo e minha mente. Essas percepções ajudaram-me no autoconhecimento enquanto mulher preta e periférica, e hoje consigo enxergar e valorizar minha existência e minhas potencialidades.

ALGUNS PROJETOS DA UNILAB



PETHL

O Programa de Educação Tutorial de Humanidades e Letras da Unilab (PETHL), tem como objetivo fortalecer as práticas interdisciplinares focadas na tríade ensino-pesquisa-extensão, envolvendo os alunos, docentes e comunidade. A proposta prevê a formação do aluno para o exercício da cidadania, o que exige o desenvolvimento das competências lógica e retórica.

Para saber mais sobre o programa:

🌐 www.pethl.unilab.edu.br

👤 [@pethlunilab](https://www.instagram.com/pethlunilab)

▶ PET de Humanidades e Letras da Unilab

CASA ENCANTADA

O Projeto Casa Encantada é uma ação do Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil (Ciadi) e tem por objetivo atender crianças de 4 a 10 anos, filhos/as de estudantes da UNILAB Ceará, servidores e da comunidade do Maciço de Baturité, a partir dos temas "Ludicidade", "Culturas de Matrizes Africanas", "Cultivo da terra e Educação Ambiental" e "Saúde e Desenvolvimento da Criança".

Para saber mais sobre o projeto:

👤 [@casaencantada4](https://www.instagram.com/@casaencantada4)



LATITUDES AFRICANAS

Latitudes Africanas é um programa que integra as atividades de extensão do "Grupo de Pesquisa África-Brasil: Produção de conhecimento, sociedade civil, desenvolvimento e cidadania global" da UNILAB/Bahia. O programa objetiva a formação e a divulgação da arte, da cultura e do pensamento crítico africano e afro-diaspórico. Dentre suas principais atividades estão a realização de ciclos de encontros, Semana da África, o Festival Latitudes Africanas bienal, entre outros.

Para saber mais sobre o projeto:

👤 [@latitudesafricanas](https://www.facebook.com/@latitudesafricanas)

👤 [@latitudesafricanas](https://www.instagram.com/@latitudesafricanas)

REAPODERE

A ReaPodere (Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências) atua desde 2016 de forma interdisciplinar com o Projeto de Extensão, "Infâncias reapoderadas: oficinas socioeducativas com crianças em situação de pobreza da comunidade da Estrada Velha/Acarape". Além disso, a rede desenvolve uma pesquisa chamada "Impactos da pobreza no sentido de comunidade de moradores/as do Centro Comunitário em Redenção /CE".

Para saber mais sobre o projeto:

🌐 reapodere.unilab.edu.br

👤 [@reapodere](https://www.instagram.com/@reapodere)

👤 [@reapodere](https://www.facebook.com/reapodere)





PELO DIREITO DE EXISTIR

O projeto África na UNILAB, por uma educação decolonial e antirracista

POR RODRIGO PEIXOTO, LEONARDO CHAVES E ANA CÁSSIA ALVES

O que sabemos sobre o continente africano é real? O cinema, os programas de TV, as mídias em geral, qual o recorte que apresentam sobre África e os africanos? O que se percebe é um desconhecimento generalizado, ideias estereotipadas e questões que precisamos nos aprofundar para conhecer a nossa história, e foi assim, a partir das experiências de três mulheres negras, africanas e em diáspora que vieram estudar no Ceará, nas cidades de Redenção e Acaraípe, que surge o projeto África na UNILAB (ANU).

Wilma Quadé, Maria da Luz Fonseca e Nádia José já ouviram repetidamente perguntas do tipo, “você veio de navio para o Brasil?”, “Você passava fome, por isso veio pra cá?”, “E tem muitos animais selvagens na África?” e depois de um certo tempo, tais questões deixam de ser curiosidades e passam a se tornar constrangedoras ao longo das trajetórias destas estudantes.

A estudante Maria da Luz Fonseca relata que a criação do projeto surge com o acúmulo dessas situações, “éramos as

únicas africanas dentro do PET naquela época.” Apontando a colega, Wilma Quadé como a incentivadora das ideias iniciais: “[ela] estava comentando sobre alguma coisa e falou que sentia falta de um projeto que falasse sobre o continente Africano dentro do PET, já que a gente está dentro de uma universidade que tem uma proposta decolonial.”

O Programa de Educação Tutorial (PET) da UNILAB desenvolve projetos de pesquisa, ensino e extensão no âmbito da interdisciplinaridade, a partir dos cursos de Humanidades e Letras-Língua Portuguesa, neste sentido, Wilma aponta que o projeto possibilita transformações sociais: “Eu acredito que o projeto ANU é capaz de consolidar suas bases e sobretudo de se expandir cada vez mais, transcendendo os muros da universidade, porque mais do que um projeto lindo, o ANU é um projeto necessário e urgente dentro da universidade, nas escolas e na sociedade brasileira em geral.”

Conversando com os/as estudantes africanos da UNILAB

“ A forma que a proposta do ANU rompe os padrões é a forma como ele me toca, porque a gente quer um mundo melhor, onde o continente Africano seja visto e entendido de fato, assim como ele é. O ANU planta essa semente de esperança, de desmonte de privilégios e que a gente possa construir um mundo mais inclusivo. ”

Maria da Luz Fonseca é estudante de Pedagogia e bolsista do Programa de Educação Tutorial de Humanidades e Letras da UNILAB. É mulher, preta, africana e bissexual, natural de São Tomé e Príncipe, filha de Ana Maria Fonseca. Atualmente cursa Mestrado Interdisciplinar em Humanidades - MIH/UNILAB.

ou mesmo com os/as estudantes fenotípicamente negros(as) é comum ouvirmos histórias de racismos no cotidiano, mas para além do estereótipo, saber o lugar de origem dessas pessoas torna o ambiente por vezes mais hostil. Nádia José, reflete que a concepção inicial do ANU era desconstruir as ideias que se tem sobre o continente africano: “África não é um país e sim um continente com mais de 50 países e diversas culturas e línguas.” Ressaltando que “A ideia era apresentar a África que para mídia não interessa, um continente que acompanha a evolução humana e a modernidade, uma África bastante diversa, com nativos negros e brancos, com uma parte dos países com a maioria da população negra e outros países com a maioria da população branca, uma África plural e rica em recursos naturais.”

As atividades do Projeto tiveram início no ano de 2018, a partir do desenvolvimento de oficinas que tinham por objetivo construir uma nova visão da África, livre de preconceito, a partir do compartilhamento de experiências e saberes sobre o continente africano, unindo geografia, história, literatura, além da reflexão das notícias vinculadas na mídia sobre o continente africano, possibilitando que os (as) próprios (as) estudantes africanos e africanas da UNILAB compartilhassem suas trajetórias de vida.

As primeiras experiências foram importantes para fortalecer os objetivos do projeto, como também, reestruturar conforme as transformações que foram surgindo. De 2018 para cá, o projeto passou por mudanças, se reinventou e adaptou-se aos novos desafios, mas segue o caminho trilhado por suas idealizadoras, pois como afirma Wilma “o ANU me ensinou que somos nós os responsáveis

pelos caminhos que escolhemos trilhar. Quando o PETHL parecia não ser o melhor lugar para integrar e crescer, idealizamos e implementamos o ANU e este se tornou um dos meus grandes propósitos dentro do programa. O ANU me ensinou que, quando fazemos algo, devemos fazer com determinação e firmeza até dar certo, persistência inabalável.”

A pandemia por Covid 19 foi um dos agentes dessa mudança. Em 2020 o ANU iniciou a pesquisa do projeto para compartilhar as experiências das oficinas, assim como, desenvolver lives no Instagram, criou um aplicativo, o “Quiz – Anu/PETHL”, com perguntas voltadas para difusão de informações verdadeiras, longe do senso comum, preconceito e, sobretudo, do racismo em torno do continente africano e dos africanos negros, e a criação da primeira edição da revista África na UNILAB.

Mais sobre:

Para saber mais sobre o ANU ou os demais projetos desenvolvidos pelo PETHL, acesse www.pethl.unilab.edu.br



Compartilhando narrativas

Para conhecemos melhor o projeto ANU (África na UNILAB), realizamos uma entrevista com as três criadoras do projeto, que são a bolsista do PETHL Maria da Luz Fonseca de Carvalho e as ex-bolsistas Nádia Carina da Silva Melo José e Wilma João Nancassa Quadé.

Acreditamos que elas, tendo participado da criação do ANU, sabem das motivações, dos objetivos e das principais potencialidades do projeto. Dessa forma, fizemos cinco perguntas para compreender a percepção de cada uma, de modo a conhecer o ANU diretamente de suas origens!



Maria da Luz Fonseca, Wilma Quadé e Nádia José são mulheres negras em diáspora que resignificaram suas experiências a partir da criação do ANU.

Fotos: Acervo Pessoal.

ANU: O que te motivou no processo de criação do projeto ANU?

Maria da Luz Fonseca: Eu lembro de um belo dia na reunião, em que a Wilma, a Nádia e eu éramos as únicas africanas dentro do PETHL (Programa de Educação Tutorial de Humanidades e Letras) naquela época. E naquela reunião específica, a Wilma estava comentando sobre alguma coisa e falou que sentia falta de um projeto que falasse sobre o continente Africano dentro do PET, já que a gente está dentro de uma universidade que tem uma proposta decolonial. Acho que foi uma crítica também ao programa, a forma como Wilma se colocou, de maneira muito pertinente. Eu acho que também tem a ver que por vezes a gente está no nosso lugar de conforto e não presta atenção para as coisas que podem ser feitas e aí entra a questão do PET ser um programa extremamente elitista, que basicamente está preocupado em criar robôs dentro do programa e não dá a devida atenção para coisas transformadoras, que de fato a gente pode fazer dentro do programa.

Nádia Carina da Silva M. José: Quando cheguei ao Brasil, percebi que a visão que se tem sobre o continente africano é deturpada, notei que a mídia brasileira vende a imagem de uma África selvagem, miserável, marcada pela fome e a pobreza, isto é algo que incomoda todo estudante africano quem vem ao Brasil. Na UNILAB, nós, os estudantes africanos, conversamos muito sobre isso. Então, quando nos reunimos para criar o ANU, a gente pensou em um projeto que de algum modo ajudasse a desconstruir a visão estereotipada que se tem sobre África, mostrar que não é um país e sim um continente com mais de 50 países e diversas culturas e línguas. A ideia era apresentar a África que para mídia não interessa, um continente que acompanha a evolução humana e a modernidade, uma África bastante diversa, com nativos negros e brancos, com uma parte dos países com a maioria da população negra e outros países com a maioria da população branca, uma África plural e rica em recursos naturais.

Wilma João Nancassa Quadé: Em primeiro lugar, uma das grandes motivações que levou a criação do ANU tem a ver com o contexto hostil e racista, em que nós estudantes africanos residentes no maciço de Baturité, nos encontrávamos, onde era clara e expressiva a revolta relativamente a chegada regular de números de estudantes africanos pretos nas cidades de Redenção e Acarape.

Em segundo lugar, tem a ver com as abordagens das quais éramos alvos em todos os lugares que frequentávamos, de pessoas que chegavam em nós e faziam perguntas absurdas do tipo: lá na África tem casas? Lá na África vocês vivem com os animais? Como saíram da África, vieram nadando? etc. Começamos a perceber que a ideia que se tinha da África era de um País ou de um espaço homogêneo, miserável, onde só há guerras, doenças, catástrofes, pobreza e fome.

Com isso, sentimos a necessidade de pensar um projeto que fosse capaz de pesquisar, sistematizar informações e

conteúdos verídicos, desprovidos do senso comum, do preconceito e do racismo acerca do continente africano e dos africanos negros, com protagonismo dos estudantes africanas(os). Inicialmente destinados ao público adolescente e jovem, com foco nas escolas da região do maciço de Baturité, como forma de incentivar um processo de desconstrução dessa visão estereotipada e racista, e possibilitar a construção de uma visão livre do preconceito, do pessimismo e do racismo acerca da África, diferente daquela que a mídia brasileira passa.

ANU: O que significa ou significou o ANU para você?

Maria da Luz Fonseca: O ANU me tocou de maneira especial, eu acho que essa primeira e segunda pergunta se complementam. Desde aquele dia em que a Wilma se colocou na reunião e demonstrou preocupação e interesse em trabalhar sobre a temática do continente Africano. Eu lembro que na hora, a gente queria atrelar o ANU ao projeto PET visita/recebe escola, pensando que ia ser só uma extensão daquele outro projeto e aí na mesma hora eu me coloquei para escrever o projeto, juntamente com a Wilma, que é guineense, e Nádia, que é angolana. Nós três fomos escrever o projeto e aos pouquinhos nós fomos colocando em prática.

O ANU para mim rompe padrões históricos e, como consequência, ele mexe com as nossas vidas. Eu sou uma mulher negra Africana e aí seria até contraditório dizer que o ANU não me toca, por isso que eu digo, ele me toca de uma maneira diferente. A forma que a proposta do ANU rompe os padrões é a forma como ele me toca, porque a gente quer um mundo melhor, onde o continente Africano seja visto e entendido de fato, assim como ele é. O ANU planta essa semente de esperança, de desmonte de privilégios e que a gente possa construir um mundo mais inclusivo.

Nádia Carina da Silva M. José: Para mim, o ANU significa resistir à desinformação, desconstruindo os estereótipos e estigmas sobre o meu continente, dando voz e vez à África na visão dos africanos.

Wilma João Nancassa Quadé: O projeto África na UNILAB significa para mim um espaço de afirmação, de denúncia, de protagonismo, desconstrução e de descolonização das mentes, das narrativas, de estereótipos, de preconceitos e de relativismos exacerbados acerca das culturas, da língua, dos modos tradicionais de vida, da cosmovisão dos povos africanos e da África em particular, que foram criados no passado e atribuídos aos africanos e à África com o ideal de criar hierarquias, categorizando seres humanos em grupos de humanos e sub-humanos, para assim, legitimarem as barbáries da escravidão, de desumanização e da colonização cometidos no continente negro.

O ANU foi e é, para mim, e com certeza para outras (os), um espaço onde nós africanas (os) tivemos a oportunidade de dizer o que não somos e, o mais importante ainda, de dizer com propriedade quem nós somos e de onde viemos, o lugar e a história dos quais não existe ninguém melhor que nós, para contar. O ANU

**“ O ANU ajudou-me
a me olhar como
africana em território
estrangeiro, a pensar
em como posso
contribuir para
difundir informações
sobre a África dos
africanos e não a
África da mídia. ”**

Nádia Carina da Silva Melo José é uma estudante angolana, ex-bolsista do Programa de Educação Tutorial de Humanidades e Letras da UNILAB e uma das fundadoras do projeto ANU. É graduada em Letras - Língua Portuguesa pela UNILAB e, atualmente, mestrandona em linguística pela UFPR.

é mais do que um simples projeto, pois, é antes de tudo um espaço de poder, de (re) existência e de mudança de paradigmas. Compreendemos que é chegada a hora de escrever a própria história e contra-narrativas como forma de derrubar a biblioteca colonial que tem conservada ainda uma ideia de África primitiva e pessimista. Portanto, o ANU significa para mim uma escola de vida e de educação de pessoas (principalmente adolescentes e jovens) para mentes abertas e livres do racismo e de outros preconceitos.

ANU: O que você acha que o ANU ainda é capaz de fazer dentro e fora da Universidade?

Maria da Luz Fonseca: Acredito na potência do ANU e na potência afetiva. Porque quando a gente criou o ANU, quando a gente se sentou para escrever o projeto, quando a gente se senta, todos os bolsistas para planejar as atividades do ANU, a gente está dizendo que existe uma demanda com relação ao continente, à história, às relações étnico-raciais e eu acho que ainda tem muita coisa para fazer. Na pandemia, no ano de 2020, nós precisamos desenvolver ações em uma outra perspectiva da proposta do ANU, mas acredito que grandes coisas podem ser feitas, a partir de tal proposta.

Tem uma coisa que me preocupa muito, a gente reconhece a potencialidade do ANU, nós reconhecemos, mas o projeto está em uma estrutura que é racista e o próprio PET pode ser uma ameaça para o ANU. Eu falo isso porque a gente sabe que o PET foi criado em uma perspectiva totalmente elitista e branca, que não dá tanta atenção para as questões relacionadas ao continente Africano. O que é uma contradição, porque estamos em uma universidade internacional, que tem pessoas da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), do continente africano.

Pensando nessa lógica de que o ANU está dentro de um projeto branco, elitista e que a qualquer momento ele pode ser extinto, caso as pessoas brancas do PET não compreendam sua importância, pode ser um problema para dar continuidade àquilo que a gente tem proposto há mais de três anos. Então, eu acredito que ainda há muita coisa por fazer, muita coisa para fazer dentro do próprio PET, porque ainda existem pessoas dentro do programa que não compreendem a importância e não reconhecem a potencialidade do projeto, infelizmente. Eu acho que essa estrutura racista é o que mais balança o projeto.

Nádia Carina da Silva M. José: Os estudantes africanos sofrem bastante preconceito dentro e fora da universidade e parte disso deve-se justamente à falta de informação sobre África. Diante disso, o ANU pode e deve ser um meio para divulgar informações pertinentes sobre os países africanos. Mais do que convidar estudantes africanos para falarem sobre os seus países, poderiam inicialmente, pesquisar sobre como os estudantes se sentem dentro e fora da universidade, será que sentem-se acolhidos? Com base nas respostas da comunidade africana, poderia se pensar em palestras e debates dentro e fora da universidade, para abordar tais questões.

Wilma João Nancassa Quadé: Eu acredito que o projeto ANU é capaz de consolidar suas bases e sobretudo de se expandir cada vez mais, transcendendo os muros da universidade, porque mais do que um projeto lindo, o ANU é um projeto necessário e urgente dentro da universidade, nas escolas e na sociedade brasileira em geral. Digo isso porque acredito que este projeto é um potente instrumento e contributo no processo de construção e consolidação de uma educação cujas ideias são capazes de refletir as diversidades étnico-raciais, culturais e sociais que constituem a sociedade brasileira. O ANU, com a dedicação e empenho dos envolvidos, dos dispositivos técnicos e tecnológicos disponíveis hoje, é capaz de atingir um maior número de pessoas em diferentes lugares e oportunizar a essa gente uma possibilidade de superar seus preconceitos e de aprender mais sobre a África. Costumo dizer que, quanto mais o Brasil conhecer a África, mais vai se autoconhecer enquanto País, pois não se pode pensar o Brasil completamente distante da África.

ANU: Você acredita que o ANU pode ajudar a repensar a grade curricular das escolas?

Maria da Luz Fonseca: Assim, eu sou pesquisadora das relações étnico-raciais, inclusive o meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) foi sobre a Lei 10.639/03 em uma das escolas de Redenção. E aí quando a gente frequenta os espaços escolares, principalmente em Redenção, que é onde a gente tem contato, quase todos os dias, a gente vê que a aplicabilidade da Lei 10.639/03 ainda é um desafio. As formações dos professores, elas deveriam ser continuadas, mas não é. Então, é um desafio muito grande, mas eu acredito, sim, que o projeto ANU pode ajudar a descolonizar os currículos.

Das experiências que eu tive nas escolas brasileiras, por exemplo, teve uma que eu fiquei lá por três meses, por conta do estágio, em que no plano curricular da escola tinha o ensino de história afro-brasileira e africana a curto prazo. Então, a lei existe? Existe. Mas na prática ela não funciona, ou, se funciona, funciona de maneira muito superficial ou vazia, sem dar a atenção necessária. A gente vive muito isso, por exemplo, quando chega novembro, tem o novembro negro, em alusão ao dia 20 de novembro. Todas as escolas saem procurando o pessoal africano para fazer comida e parece que é só isso. Eu acho que as pessoas ainda não entenderam, ou as escolas ainda não entenderam, que o continente Africano, que a história brasileira, ela atravessa o continente Africano. Que, para que haja a inclusão e reparação histórica, os brasileiros precisam conhecer sua própria história e sua história tem a ver com o continente Africano. É um desafio muito grande, mas eu acredito que o ANU pode, sim, ajudar a repensar os currículos.

Nádia Carina da Silva M. José: Acredito que o ANU pode, sim, ajudar a repensar a grade curricular das escolas, principalmente do maciço de Baturité, que é onde os estudantes da UNILAB mais atuam, mas isso só acontecerá se as escolas comprometerem-se de fato a estudar a história e cultura dos africanos, porque já existe

“O ANU é mais do que um simples projeto, pois, é antes de tudo um espaço de poder, de (re)existência e de mudança de paradigmas.”

Wilma João Nancassa Quadé é Bacharela em Humanidades e Socióloga, pela UNILAB. É poeta, ex-bolsista do Programa de Educação Tutorial de Humanidades e Letras da UNILAB e uma das fundadoras do Projeto ANU. Atualmente é mestrandona em Estudos étnicos e Africanos (pós-afro), na UFBA, e Embaixadora da Juventude pela ONU. Além disso, Wilma é também membro do grupo de estudo, pesquisa e extensão AMANDLA, pesquisadora e ativista dos Direitos Humanos e Redatora da Youth for Human Rights Brasil.

no Brasil essa obrigatoriedade, mas sabemos que a realidade é bem diferente. Se de fato tentassem ao menos estudar, não teríamos na universidade colegas que acreditam que África é um país, onde só reinam a fome e a pobreza.

Wilma João Nancassa Quadé: Acredito que sim, pois o ANU já é um passo interessante para se juntar às outras inúmeras iniciativas decoloniais de se pensar a grade curricular já existentes no Brasil, pois o projeto propõe uma educação que seja capaz de reconhecer e valorizar as diferenças e buscar mecanismos capazes de superar as desigualdades, o racismo e os preconceitos enraizados na sociedade. Portanto, o ANU é um grande contributo para repensar a grade curricular.

ANU: Que aprendizados você leva do ANU, tanto na vida pessoal quanto profissional?

Maria da Luz Fonseca: O ANU me ensinou muita coisa, porque quando a gente é africano e aí quando tem um olhar de uma pessoa branca e não africana sobre a gente, as pessoas acham que a gente sabe tudo sobre o continente Africano, só porque a gente é africana, entendeu? E aí acho que tem muito a ver com isso, tem a ver por eu ser africana e não saber tudo sobre o continente Africano. Durante o processo de criação do ANU, eu fui conhecendo os países do continente, principalmente os da CPLP: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, que é de onde eu sou. E assim, foi um conhecer mais profundo, porque a gente faz pesquisa, busca referências, que de alguma maneira fundamentalmente o que a gente está falando. Então, nós vamos tendo um contato maior com a Angola, por exemplo. As oficinas que a gente aplicou no primeiro ciclo, que foi o nosso projeto piloto, foram na escola Neide Tinoco. Naquele período, no PET, não tinha nenhum bolsista que era de Cabo Verde e aí nós entramos em contato com uma estudante cabo-verdiana, da UNILAB, para planejar e facilitar a atividade conosco, e isso faz com que absorvamos esses conhecimentos.

Na vida pessoal, eu acho que são as relações que a gente constrói dentro do PET e constrói juntamente com outras pessoas. Eu estou falando das relações afetivas mesmo,

por exemplo, a Wilma é alguém que só ficamos próximas depois que eu comecei a trabalhar com ela, justamente no ANU. A Wilma é minha amiga até hoje, a gente conversa sobre coisas que perpassam a universidade, então é uma pessoa que eu tenho muita admiração e carinho. Então é isso que o ANU faz com a gente, nós acabamos por construir relações afetivas e que vão para além do meio acadêmico, e a gente acaba dando uma recheada no nosso nível de conhecimento com relação ao continente Africano, com relação à produção do conhecimento mesmo. O ANU faz isso com a gente.

Nádia Carina da Silva M. José: O ANU ajudou-me a me olhar como africana em território estrangeiro, a pensar em como posso contribuir para difundir informações sobre a África dos africanos e não a África da mídia.

Wilma João Nancassa Quadé: No âmbito pessoal são vários aprendizados que o ANU me possibilitou. Primeiro, aprendi que quando alguma coisa não vai bem, ao invés de ficar só reclamando e se lamentando é preciso agir, e o ANU surgiu com a intenção de minimizar o impacto do preconceito e do racismo que afetam os estudantes africanos, mas não só.

Em segundo lugar, aprendi que por menor que seja uma ação, é melhor do que não fazer nada sob o medo de não alcançar o esperado e, por último, aprendi que a (re)existência é um ato de sobrevivência, principalmente para nós que deixamos tudo e atravessamos o oceano em busca de uma formação superior e de uma oportunidade de ascensão socioeconômica.

Para a vida profissional, o ANU me ensinou que somos nós os responsáveis pelos caminhos que escolhemos trilhar. Quando o PETHL parecia não ser o melhor lugar para integrar e crescer, idealizamos e implementamos o ANU, e este se tornou um dos meus grandes propósitos dentro do programa. O ANU me ensinou que, quando fazemos algo, devemos fazer com determinação e firmeza até dar certo, persistência inabalável.





O CONTINENTE AFRICANO

Você conhece a África? O que você já ouviu falar sobre esta região? Sabia que a África é o terceiro maior continente do mundo?

POR RODRIGO PEIXOTO

Para melhor discutir em torno destas e de outras questões sobre o continente africano, faremos agora uma simples apresentação, mostrando um pouco de seus países, sua diversidade, seus inúmeros idiomas, suas incontáveis expressões culturais, seus ricos saberes e ensinamentos, além de breves contextualizações históricas para que possamos, juntos, entender a importância de África para a humanidade.

Ao longo das nossas vidas vamos conhecendo o continente africano pelos mais diversos meios de comunicação, seja através dos jornais, programas de televisão, cinema, revistas, livros, rádio ou internet.

Geralmente crescemos com a visão de que em África há vários animais selvagens vivendo em imensas savanas, e que existem muitas pessoas em situação de miséria absoluta. Além disso, aprendemos também, na escola, ainda que este assunto seja pouco abordado em sua complexidade, que muitos africanos negros foram escravizados no período de colonização.

Mas você sabia que muitas dessas informações são percepções preconceituosas sobre o povo africano e as características do continente? Porém uma coisa é certa: Com certeza a África não se reduz a estas imagens simplórias.

Ora, precisamos entender que África é um continente e que nele existem 54 países diferentes, com incontáveis

expressões culturais, inúmeros idiomas e diversos povos, que compartilham histórias ricas em saberes e ensinamentos. Então, para melhor compreendermos toda essa riqueza e diversidade do continente africano, vamos conhecer sobre esses e outros aspectos socioculturais e uma breve contextualização histórica para que possamos, juntos, saber da importância de África para a humanidade.

Uma breve contextualização

O território que hoje conhecemos como África foi o lugar onde surgiram os primeiros seres humanos e, é por esse motivo, que pesquisadoras e pesquisadores do mundo inteiro dizem que o continente africano é o berço da humanidade. Para além desse fato tão importante, os povos que ali se estabeleceram, ao longo dos anos, formaram culturas e formas de viver e de pensar que acompanham inúmeros povos até hoje. Prova disso são as centenas de grupos étnicos* originários de África que existem e resistem no continente, e em outras partes do mundo, até os dias atuais, onde carregam consigo um pouco de seus saberes e de sua cultura.

Tendo em mente a grande diversidade africana, com seus múltiplos povos e expressões culturais, considerando os trajetos históricos de cada país, é possível afirmar também que as tradições e os conhecimentos africanos têm algo

em comum. Isso se torna perceptível em seus saberes transmitidos de geração a geração, através da oralidade, ou seja, por meio da palavra falada, da experiência vivida que é compartilhada entre gerações e assim se mantém viva. Além disso, sua espiritualidade, seus modos de vida, suas expressões artísticas e as histórias de seus prósperos reinos são características africanas que podem ser partilhadas entre muitos de seus povos, mesmo com todas as diferenças existentes.

Da esquerda para a direita: Argélia, Angola, Benin, Botsuana, Burkina Faso, Burundi, Camarões, Cabo Verde, República Centro-Africana, Chade, Comores, República Democrática do Congo, Congo, Djibouti, Egito, Guiné Equatorial, Eritréia, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Costa do Marfim, Quênia, Lesoto, Libéria, Líbia, Madagascar, Malauí, Mali, Mauritânia, Ilhas Maurício, Marrocos, Moçambique, Namíbia, Níger, Nigéria, Ruanda, Saara Ocidental*, São Tomé e Príncipe, Senegal, Seychelles, Serra Leoa, Somália, África do Sul, Sudão do Sul, Sudão, Suazilândia, Tanzânia, Togo, Tunísia, Uganda, Zâmbia, Zimbábue. (Foto: Reprodução/ Creative Commons).

*Apesar da bandeira oficial, o Saara Ocidental é considerado uma região não-autônoma, por reivindicação do Marrocos, que é apoiado pela França e pelos Estados Unidos.



Foto: Reprodução.

Toda a história africana, com suas religiosidades que pregam harmonia plena entre o ser humano e a natureza, (afinal nós seres humanos também somos parte da natureza), entre a mulher e o homem, entre as divindades e os seres vivos, além de sua importância geográfica e social para o desenvolvimento humano mais “humanizado”, teve seu contexto desfigurado com a invasão europeia, no período da colonização, que foi um processo histórico iniciado ainda no século XV, primeiro com o sequestro e a compra de africanos negros para servirem de mão-de-obra escravizada nos campos das Américas, incluindo o Brasil, de modo a movimentar a economia, que tinha o açúcar como principal produto.

No entanto, a ocupação europeia em quase todo o interior do continente africano ocorreu, de fato, apenas a partir do ano de 1880, num período em que as economias das grandes potências mundiais, que se construíram com base na exploração racista de outros povos, estavam passando por transformações, em razão da Revolução Industrial, que fez com que os principais colonizadores procurassem mais alternativas para aumentar o seu poder econômico e também político. Nesse sentido, o continente africano, com seus muitos recursos naturais, interessou muito às intenções de acúmulo de riquezas dos países europeus através da produção industrial, que se utilizava de minérios, tais como o cobre, o chumbo e o ferro e outras matérias-primas como o algodão e a borracha. Tudo isso, e muito mais, era encontrado no rico e diversificado território africano.

Entre os anos de 1884 e 1885 ocorreu a Conferência de Berlim, que foi um evento com diversas nações europeias, tais como Inglaterra, Alemanha, Bélgica, França, Itália, Espanha e Portugal. Nesse evento, os países europeus participantes dividiram o território africano, como se fosse uma grande propriedade que lhes traria muito dinheiro e poder. Isso fez com que o cenário colonial em África ficasse pior do que nunca, pois os seus povos estavam sendo submetidos a todos os tipos de exploração e violência possíveis, perdendo suas casas, sendo separados de suas famílias e forçados a abandonarem sua cultura e espiritualidade, tudo isso

para sustentar (e se adequar), de maneira forçada, os padrões da vida ocidental, ou seja, os padrões da cultura europeia, como se esta fosse a única cultura possível na formação de uma civilização.

A colonização, como podemos ver, foi o ato mais perverso e cruel da história da humanidade, pois violentou, de inúmeras maneiras, povos inteiros. Esse processo, que iniciou no século XV, em suas primeiras formas, deixa marcas até hoje no mundo inteiro e, de modo muito impactante, no continente africano que, por sua vez, tenta, ainda, se libertar de certas armadilhas montadas pelas grandes forças econômicas mundiais, como aquelas da Europa, que mencionamos, mas também outras, como os Estados Unidos da América. Tal interesse histórico que esses países cultivaram pela África mostra como o continente africano é uma potência, por ser uma região rica e importante para a economia global. Porém, infelizmente é esse mesmo interesse que faz com que o continente ainda seja tão explorado. É por essa razão que as grandes mídias, por exemplo, que são controladas pelas potências europeias, entre outras como os já mencionados Estados Unidos, mostram a África como um lugar violento e miserável, mas nunca mostram os pontos positivos e muito menos apontam quem são os verdadeiros culpados pelos problemas que ainda existem no continente, aqueles responsáveis pela colonização ultra racista que durou séculos e que deixa feridas abertas até hoje, como a grande desigualdade social causada pela ambição dos donos do poder.

A responsabilização destes fatos deve ser sempre lembrada, como forma de denúncia e, por outro lado, é necessário ressaltar que os países africanos também possuem suas riquezas e glórias, seus saberes e suas belezas, muitas vezes escondidas pela falta de acesso ao amplo conhecimento do continente e através das mídias e de instituições oficiais, que, de modo intencional, trabalham para fazer com que a África pareça um lugar naturalmente ruim.

“Entende-se por “grupo étnico”, de modo simplificado, um conjunto de pessoas que partilham de uma identificação mútua e íntima por possuírem uma origem comum. Ou seja, num grupo étnico as pessoas são ligadas pela genealogia (descendência familiar) e ancestralidade, pela partilha da mesma cultura, dos mesmos idiomas, das mesmas crenças espirituais ou de outros fatores de reconhecimento de si e do outro como pertencentes do mesmo povo. Em termos gerais, o pertencimento étnico se dá como uma herança deixada pelos ancestrais.”

Algumas referências:

BOAHEN, Albert Adu. História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935.

GALEANO, Eduardo. De pernas pro ar. A escola do mundo ao avesso, v. 7, 2009.

MOKHTAR, Gamal et al. História geral da África, II: África antiga. 2016.

ÁFRICA DOS MEUS SONHOS

MORGADO MBALATE

O que me dói nesta minha África
é ver alguma parte dela que vai deixando de ser
África.

Vivo longe dos africanos que estão se tornando
ocidentais.

Vivo próximo dos africanos originais.
África, sinto-te aqui no meu coração.

África é para ti minha dedicação.

África é a magia que inunda minha vida.

Minha poesia se abre para o teu olhar.
O inimigo pode roubar todas as grandezas e
riquezas da África.

Mas o inimigo jamais poderá roubar
a beleza do meu sonho africano.

Morgado Mbalate é poeta, filósofo, acadêmico, e escritor moçambicano, membro da Academia Internacional da União Cultural e do Museu Imaterial da Diversidade Cultural.

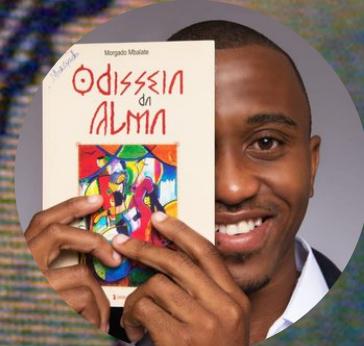


Foto: Reprodução/Creative Commons.

CONSTRUINDO PONTES: OS PALOPS



AUNILAB, como você teve a oportunidade de conferir, é uma Universidade Brasileira de Integração Internacional com outros países que também falam a Língua Portuguesa, conhecidos como lusófonos. Sendo esta uma revista voltada ao continente africano, falaremos a seguir dos cinco países de África que fazem parte desta integração. São eles: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Antes, contudo, é preciso que se saiba que, uma das marcas da colonização, além do racismo, de outras várias violências e da imposição religiosa, é o idioma. Os brasileiros, por exemplo, falam português porque foram colonizados por Portugal, que também colonizou alguns países em território africano. Estes países africanos que foram colonizados por Portugal são chamados de PALOPS (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Os países lusófonos, incluindo Portugal, fazem integração e cooperação com o Brasil através da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) e a UNILAB é um grande exemplo concreto dessa relação. Podemos perceber, assim, que a linguagem aqui atua como uma ferramenta de união entre as nações, mas é sempre necessário lembrar o contexto histórico que fez com que esses países começassem a falar outra língua que não fossem as de seus povos originários.

E é com a intenção desse resgate histórico e de mostrar um pouco sobre os PALOPS, especificamente, que iremos apresentar, nas próximas páginas, cada um dos países africanos de língua portuguesa, passeando por sua história, pelos seus povos diversos e por suas ricas culturas.

ANGOLA



POR RODRIGO PEIXOTO

ARepública de Angola, localizada na região sul do continente africano, possui um grande território, que faz fronteira com outros quatro países africanos: Congo, Namíbia, República Democrática do Congo (antigo Zaire) e Zâmbia. O território angolano é repleto de riquezas naturais, culturais e intelectuais, com povos diversos, mas que ao mesmo tempo convergem em alguns ideais já enraizados no país. A exemplo disso, podemos citar que, entre os mais de 30 milhões de angolanos, 93% são adeptos da religião cristã e somente cerca de 7% dividem-se em religiões africanas, entre outras. Este fato pode ser entendido enquanto um dos reflexos que ilustram bem como a colonização portuguesa modelou parte relevante da construção social de Angola, impondo sua cultura, seu idioma, seus modelos sociais, seus modos de vida e suas práticas religiosas neste país, que no início da década de 1970, ainda era uma colônia de Portugal. Nesse contexto, após quase cinco séculos de invasão e domínio português em território angolano, com a escravização sendo peça fundamental das atividades comerciais lusitanas, esta nação africana, enfim, conquistou sua independência. Isto ocorreu apenas no dia 11 de novembro do ano de 1975, depois de mais de uma década de lutas dos movimentos angolanos anticolonialistas, que tiveram como liderança o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), sob o comando de Agostinho Neto, que foi um médico, poeta e

Descrição: Esta é a bandeira da República de Angola, com suas três cores distribuídas em um retângulo superior vermelho, que simboliza as lutas por independência do país, um retângulo inferior preto, que representa o luto das mães que perderam seus filhos nos conflitos, e, no centro, há 3 símbolos amarelos: Uma roda dentada, representando o trabalho industrial, cruzada por uma espada do tipo catana, que representa o trabalho no campo e, acima, a estrela, que em conjunto com os outros dois elementos, representa os trabalhadores e trabalhadoras angolanos.

Capital: Luanda

População: Aproximadamente 32 milhões de pessoas.

Moeda: Kwanza

Clima: Predominantemente temperado.

Extensão territorial: 1.246.700 km².

Idioma oficial: Português, devido à colonização portuguesa.

HINO NACIONAL DE ANGOLA

MANUEL RUI E RUY MINGAS

Ó Pátria, nunca mais esqueceremos
Os heróis do 4 de Fevereiro
Ó Pátria, nós saudamos os teus filhos
Tombados pela nossa independência
Honramos o passado e a nossa história
Construindo no trabalho um homem novo
Honramos o passado e a nossa história
Construindo no trabalho um homem novo
Angola, avante
Revolução, pelo Poder Popular
Pátria unida, liberdade
Um só povo, uma só nação (2x)
Levantemos nossas vozes libertadas
Para glória dos povos africanos
Marchemos, combatentes angolanos
Solidários com os povos oprimidos
Orgulhosos lutaremos pela paz
Com as forças progressistas do mundo
Orgulhosos lutaremos pela paz
Com as forças progressistas do mundo
Angola, avante
Revolução, pelo Poder Popular
Pátria unida, liberdade
Um só povo, uma só nação (2x)

político que acabou se tornando o primeiro presidente da história de seu país. O MPLA continua no poder até hoje, mas algumas pessoas consideram seus pensamentos e ações bem diferentes daqueles que conquistaram a independência angolana.

Grande parte da população de Angola é de origem banto, que é uma das etnias mais tradicionais do continente africano, tendo se ramificado em muitos outros grupos. Os povos bantos, antigamente, já chegaram a construir um grande e imponente reino, chamado de Reino do Congo, muito tempo antes da colonização, e também já ocuparam cerca de 70% de toda a extensão territorial de África. Atualmente, depois de alguns séculos, os bantos estão, em sua maioria, na parte centro-sul do mapa africano, incluindo Angola, que conta com aproximadamente dez grupos étnicos, entre os quais estão: Ovambo, Herero, Xindonga, Ganguela, Nhaneca-Humbe, Chokwe, Khoisan, entre outros, sendo sua maioria de origem Banto. Os três maiores do país são os Ambundos, os Bakongos e os Ovimbundos, que juntos somam mais de 75% da população total do país.

Em termos econômicos, Angola é uma grande produtora de petróleo, gás natural e diamantes, o que explica o interesse das grandes potências econômicas mundiais na sua exploração, como ocorre ainda hoje, pois Angola é uma nação de muitas riquezas que, inclusive, poderia se sustentar sem as tantas desigualdades que agridem o país, se não fosse a ganância colonial.

Algumas referências:

BATSÍKAMA, Patrício. O poder político entre os Mbundu. Sankofa (São Paulo), v. 9, n. 16, p. 96-134, 2016.

JOSÉ, Nsimba. As narrativas orais ovimbundu como espaço de produção de sentidos. LEITE, IB SEVERO, CG (orgs.). Kadila: culturas e ambientes, 2016.

BITTENCOURT, Marcelo. A história contemporânea de Angola: seus achados e suas armadilhas. II Seminário Internacional sobre a História de Angola, 2000.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. Etnias de fronteira e questão nacional: o caso dos “regressados” em Angola. Cadernos de Campo (São Paulo 1991), v. 10, n. 10, p. 45-62, 2002.

PEREIRA, Luena. Os Bakongo de Angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda. PhD diss., University of São Paulo, 2004.



VOCÊ SABIA?

01 Capoeira

A capoeira, arte de dança e luta que faz parte das raízes culturais brasileiras, tem origens angolanas. Foi introduzida no



Brasil por angolanos escravizados, que bravamente manifestaram sua cultura mesmo diante da extrema violência colonial.

02 Árvore sagrada



O Imbondeiro, de origem da floresta do Mayombe, é uma árvore histórica de Angola. Ela é considerada sagrada, pois fornece muitos medicamentos naturais aos angolanos. Suas folhas, extremamente ricas em proteína, cálcio e ferro, são utilizadas no combate a dores e inflamações.

03 Rio Kwanza

O rio Kwanza, que dá nome à moeda nacional angolana, é considerado o rio mais importante do país. O rio possui cerca de mil quilômetros de longitude, sendo 240km navegáveis.



Fotos: Reprodução.

MULTI & COLOR CONTINENTE

LOPITO FEIJÓ

Mar largo. Intensa geodesia
feita rainha. Sóbria tainha
pedaço de África nas áfricas de
agridoces mangais.

Personificação do sonho dos
meus sonhos
imaginação do olimpo
transbordante
com peixes, flores e carnes
frutíferas
consumível farinha de um
único saco.

Seiva de encantatórios
motivos
palco de inquebrantáveis
mistérios

vulcânica personagem
de/retida
assombração de estranhas
entranhas
madura, rubra e caudalosa
gota fluvial.

Quantas vezes ao avesso da
inversão original
de/mente julguei-te deusa
grega
sem saber-te mar/salina
nos densos canaviais do meu
harém.

Repto rainha minha de
intensos carnavais
Multi & color continente.

“
João André da Silva Feijó, mais conhecido como Lopito Feijó, é um poeta angolano, nascido em Lombe, no dia 29 de setembro de 1963. Entre suas obras, destacam-se “Marcas da guerra: percepção íntima & outros fonemas doutrinários”, lançado em 2011, e “Desejos de aminata”, de 2014.



Foto: Templo Cultural Delfos / Reprodução

FIZERAM HISTÓRIA!

Muitos foram aqueles e aquelas que contribuíram para a formação da nação Angolana. Agostinho Neto, Deolinda Rodrigues e Nzinga Mbandi são alguns dos muitos que fizeram história!

DEOLINDA RODRIGUES

Deolinda Rodrigues Francisco de Almeida, angolana nascida no dia 10 de fevereiro de 1939, em Cateste, foi uma militante e defensora dos direitos humanos que atuou ativamente pela independência de seu país. No período de luta, fundou a Organização das Mulheres Angolanas (OMA).

No ano de 1963, devido à sua atuação firme na frente de luta pela libertação de Angola, contra as forças coloniais portuguesas, Deolinda foi presa e torturada. Quatro anos depois, já em 1967, foi assassinada por integrantes da Frente de Libertação Nacional de Angola (FNLA) que, apesar do nome, estava do lado das forças opressororas.

Até hoje, em 02 de março, que foi o dia da morte de Deolinda, comemora-se o dia nacional da mulher angolana, em sua homenagem. Seu nome está, também, em uma importante avenida de Luanda, capital de Angola.

AGOSTINHO NETO

António Agostinho Neto, nascido no dia 17 de setembro de 1922, na aldeia de Kaxicane, na então província de Luanda, foi um médico, poeta e político angolano. Primo de Deolinda, Agostinho também lutou pela independência de Angola, ocupando o cargo de presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

À frente do MPLA, no ano de 1975, Agostinho Neto conquistou, junto de seus companheiros e companheiras de luta, a independência de Angola. Dessa forma, ele foi o primeiro presidente angolano e, até hoje, o MPLA governa o país, com muitas mudanças desde sua fundação.

NZINGA MBANDI

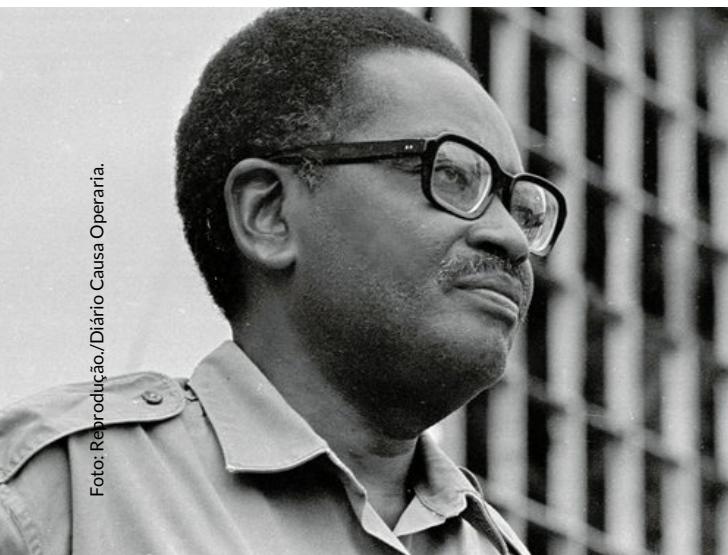
Nzinga Mbandi, ou Ana de Sousa (chamada assim após seu batismo cristão), foi uma rainha do reino de Ngola, que deu nome à nação angolana. Estima-se que ela viveu entre os anos de 1582 até o ano de 1663. Durante esse tempo, Nzinga reinou por cerca de 37 anos, fundando também o reino de Matamba. Neste período, ela comandou diversas batalhas contra as forças coloniais portuguesas e outros invasores.

Não há muitos registros históricos conhecidos de Nzinga, em razão dos apagamentos sofridos pela História Africana, mas estas poucas informações servem para mostrar que, nas tradições africanas, as mulheres sempre ocuparam lugares de poder e desempenharam papéis importantes, algo que não acontece, com frequência, nas raízes da cultura ocidental.

Foto: Reprodução/Associação Tchiwaka de Documentação

Foto: Reprodução/Diário Causa Operária.

Foto: Reprodução / Instituto Adolpho Bauer.



LUTA

AGOSTINHO NETO

Violência
vozes de aço ao sol
incendeiam a paisagem já quente

E os sonhos
se desfazem
contra uma muralha de baionetas

Nova onda se levanta
e os anseios se desfazem
sobre os corpos insepulcos

E nova onda se levanta para a luta
e ainda outra e outra
até que da violência
apenas reste o nosso perdão

“

Além de lutar pela independência de seu país, que o fez se tornar o primeiro presidente da história de Angola, Agostinho Neto também possui uma significativa obra relacionada à poesia.



Foto: Reprodução.

Diversidade Étnica

Angola é um país com diversas etnias, ao todo contabiliza-se dez grupos étnicos na região, mas três destes representam mais de 70% da população, sendo estes os Ovimbundos, Ambundos e Bakongos.



Fotos: Sonangol | Reprodução

OVIMBUNDOS

Os Ovimbundos, ou Umbundu, falantes da língua Umbundo, são um povo étnico de origem Banto. Hoje, eles correspondem a cerca de 40% da população total de Angola, sendo o maior grupo étnico da nação. Localizam-se, em sua maioria, na região sul do rio Kwanza, na parte da costa angolana e na faixa central do país.

Os Ovimbundos também se viram forçados a se afastar de suas terras, sendo um dos povos mais afetados pelo processo de colonização portuguesa. Após muitos conflitos, internos e externos, os Ovimbundos finalmente puderam retornar à Angola e ocupam grande parte de seu território atual.

Assim como outros povos de África, eles foram muito afetados também pela cristianização, que significa o processo de conversão às religiões cristãs. Os portugueses, assim como diversos povos europeus no período da colonização, utilizavam a religião como forma de dominar outros povos, fazendo com que apagasse seu modo de vida e suas crenças. Por essa razão, é fundamental que estes povos sejam lembrados desde suas raízes, para que esses saberes nunca se percam.

AMBUNDOS

Os Ambundos, ou Mbundu, são um grupo étnico de Angola, de origem Banto, e dividem-se entre diversos outros grupos, entre os quais estão: Luanda, Kissama, Hungo, Libolo, Kibala, Ngola, Bângala, Songo, Chinje e Minungo. Falam, de maneira geral, a língua Kimbundu, que é, na verdade, um conjunto de vinte e uma variantes linguísticas. Em Angola, os Ambundos se encontram, em sua grande maioria, nas províncias de Malange, no Kwanza Norte, no Kwanza Sul, em Mbengu, em Uíge e na capital Luanda. A exemplo de muitos outros povos africanos, que foram obrigados a se deslocar pelo continente, e pelo resto do mundo, devido, principalmente, à invasão europeia, os Ambundos tiveram que migrar e foram se reunindo principalmente em Angola.

Ainda no século XII, muito antes da colonização portuguesa na região que hoje conhecemos como Angola, os Ambundos foram responsáveis por dois reinos muito importantes e prósperos, conhecidos como Reino do Ngola, que deu o nome ao país Angola, e Reino da Matamba. Hoje, os Ambundos constituem cerca de 25% da população total angolana, sendo, portanto, o segundo maior grupo étnico do país.

BAKONGOS

Os Bakongos, ou Congos, falantes da língua Quicongo, são, assim como os outros dois grupos aqui apresentados, um grupo étnico angolano, de origem Banto. Grande parte de sua população está localizada na parte Norte do mapa de Angola, mas também se encontram, em número significativo, em outros países, como a República Democrática do Congo e a República do Congo, que localizam-se na região central do continente africano. Hoje, muitos estão concentrados em Luanda, capital de Angola.

Os Bakongos faziam parte, no século XIII, do Reino do Congo, um dos maiores e mais relevantes reinos da história de África. O Reino de Congo era próspero e muito bem-organizado politicamente, até a chegada violenta dos portugueses, ainda no século XV. Em meio ao processo de migração dos Bakongos, muitos foram para o Zaire, conhecido hoje como República Democrática do Congo.

Muitos de seus descendentes, porém, retornaram à Angola após o período de independência. Atualmente, os Bakongos representam cerca de 10% da população total de Angola.

O CERCADO

ANA PAULA TAVARES

De que cor era o meu cinto de missangas, mãe
feito pelas tuas mãos e fios do teu cabelo
cortado na lua cheia
guardado do cacimbo
no cesto trançado das coisas da avó

Onde está a panela do provérbio, mãe
a das três pernas e asa partida
que me deste antes das chuvas grandes
no dia do noivado

De que cor era a minha voz, mãe
quando anunciava a manhã junto à cascata
e descia devagarinho pelos dias

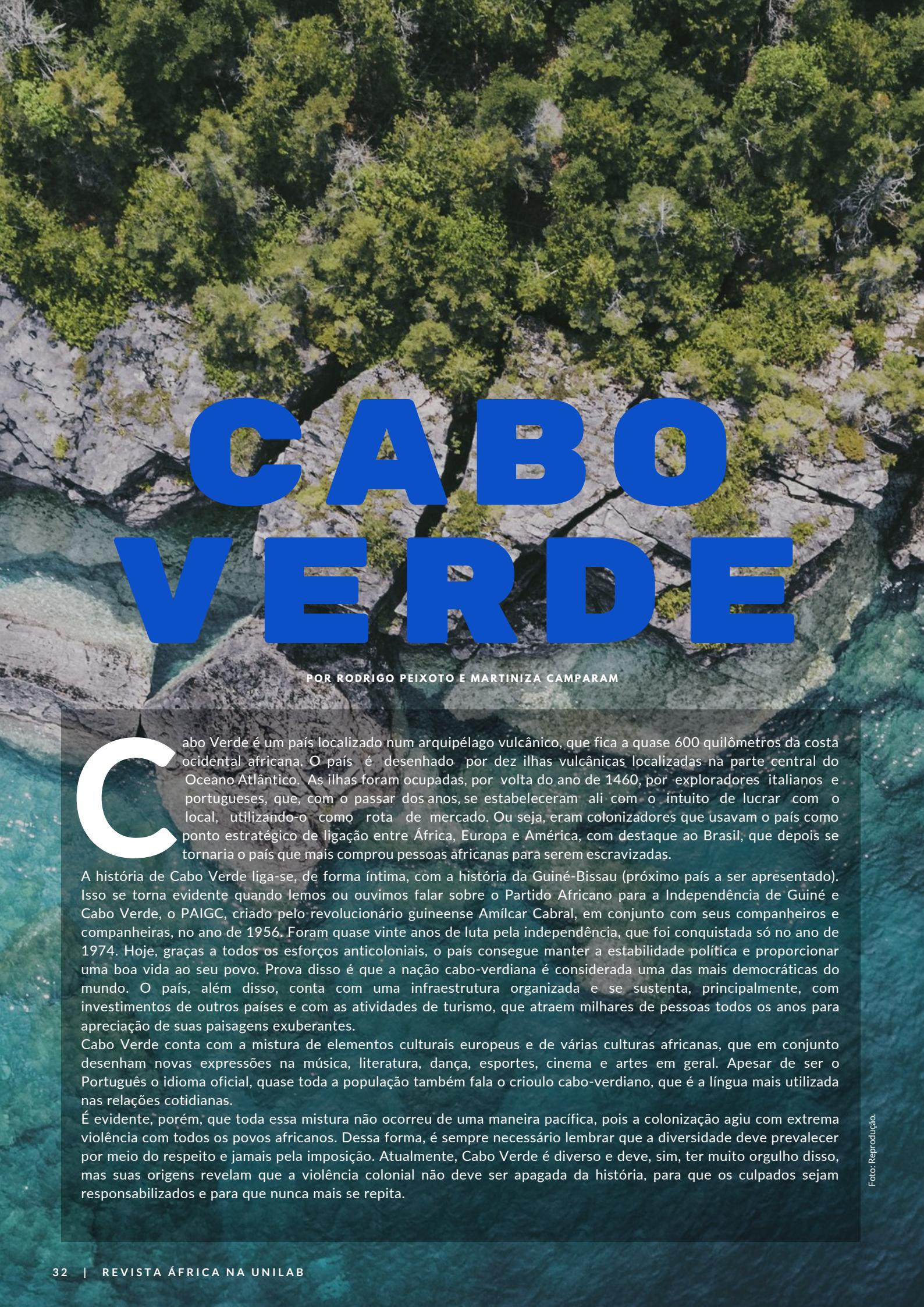
Onde está o tempo prometido pra viver, mãe
se tudo se guarda e recolhe no tempo da espera
pra lá do cercado

“

Ana Paula Tavares, nascida no dia 30 de outubro de 1952, é uma historiadora e poeta angolana, autora de obras como “Dize-mes coisas amargas como os frutos” e “Um rio preso nas mãos”, que é sua obra mais recente. Atualmente é um dos principais nomes da literatura angolana.



Foto: Ozias Filho / Reprodução



CABO VERDE

POR RODRIGO PEIXOTO E MARTINIZA CAMPARAM

Cabo Verde é um país localizado num arquipélago vulcânico, que fica a quase 600 quilômetros da costa ocidental africana. O país é desenhado por dez ilhas vulcânicas localizadas na parte central do Oceano Atlântico. As ilhas foram ocupadas, por volta do ano de 1460, por exploradores italianos e portugueses, que, com o passar dos anos, se estabeleceram ali com o intuito de lucrar com o local, utilizando-o como rota de mercado. Ou seja, eram colonizadores que usavam o país como ponto estratégico de ligação entre África, Europa e América, com destaque ao Brasil, que depois se tornaria o país que mais comprou pessoas africanas para serem escravizadas.

A história de Cabo Verde liga-se, de forma íntima, com a história da Guiné-Bissau (próximo país a ser apresentado). Isso se torna evidente quando lemos ou ouvimos falar sobre o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde, o PAIGC, criado pelo revolucionário guineense Amílcar Cabral, em conjunto com seus companheiros e companheiras, no ano de 1956. Foram quase vinte anos de luta pela independência, que foi conquistada só no ano de 1974. Hoje, graças a todos os esforços anticoloniais, o país consegue manter a estabilidade política e proporcionar uma boa vida ao seu povo. Prova disso é que a nação cabo-verdiana é considerada uma das mais democráticas do mundo. O país, além disso, conta com uma infraestrutura organizada e se sustenta, principalmente, com investimentos de outros países e com as atividades de turismo, que atraem milhares de pessoas todos os anos para apreciação de suas paisagens exuberantes.

Cabo Verde conta com a mistura de elementos culturais europeus e de várias culturas africanas, que em conjunto desenham novas expressões na música, literatura, dança, esportes, cinema e artes em geral. Apesar de ser o Português o idioma oficial, quase toda a população também fala o crioulo cabo-verdiano, que é a língua mais utilizada nas relações cotidianas.

É evidente, porém, que toda essa mistura não ocorreu de uma maneira pacífica, pois a colonização agiu com extrema violência com todos os povos africanos. Dessa forma, é sempre necessário lembrar que a diversidade deve prevalecer por meio do respeito e jamais pela imposição. Atualmente, Cabo Verde é diverso e deve, sim, ter muito orgulho disso, mas suas origens revelam que a violência colonial não deve ser apagada da história, para que os culpados sejam responsabilizados e para que nunca mais se repita.



Descrição: Esta é a bandeira de Cabo Verde, com suas quatro cores distribuídas. O azul, cor predominante na bandeira, ocupando as partes de baixo e de cima, representa o mar e o céu que envolvem o território cabo-verdiano.

Mais centralizadas estão as faixas brancas, que simbolizam a paz e uma faixa vermelha, que representa a luta pela independência do país. As dez estrelas amarelas, mais à esquerda, representam as dez ilhas que, juntas, formam Cabo Verde.

Capital: Cidade de Praia

População: Aproximadamente 600 mil pessoas.

Moeda: Escudo cabo-verdiano

Clima: Predominantemente tropical e árido.

Extensão territorial: 4.033km²

Idioma oficial: Português, devido à colonização portuguesa.

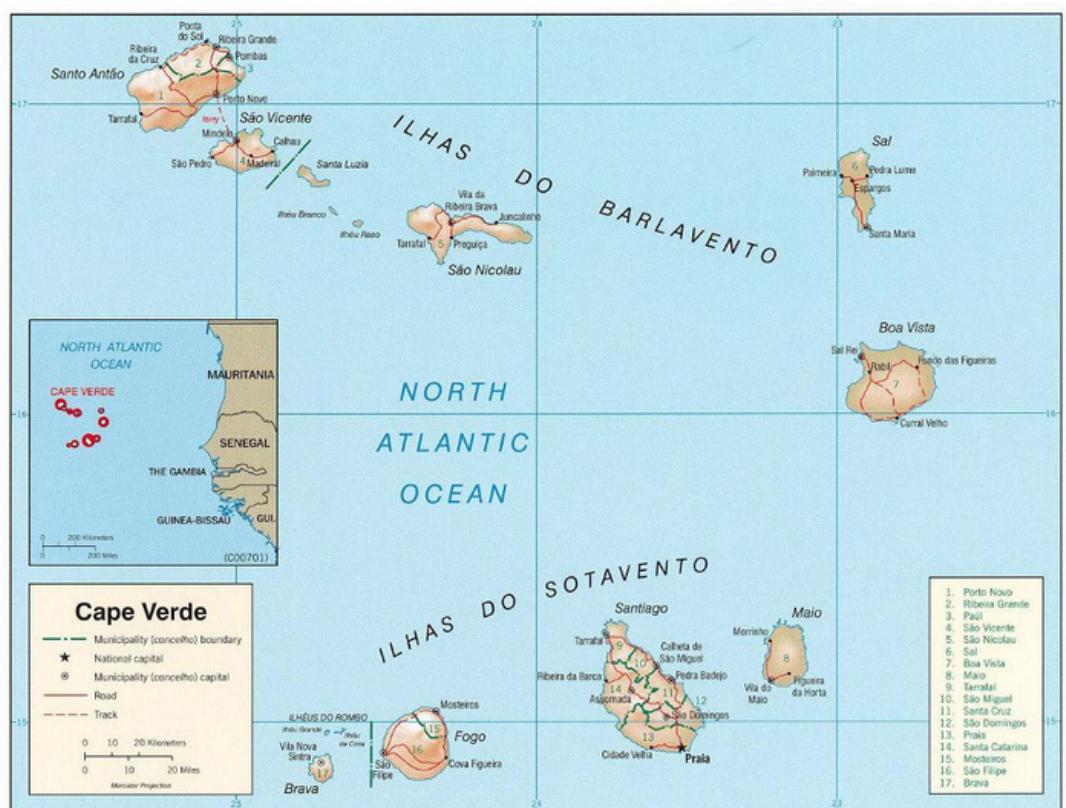


Foto: Maps Land/Reprodução.

CONHECENDO POVOS CABO-VERDIANOS

Nem todos os países do continente africano são constituídos por grupos étnicos, Cabo Verde é exemplo de uma grande mistura de povos.



Diferente de vários outros países de África, Cabo Verde não possui grupos étnicos específicos, mas sim uma mistura entre vários povos africanos e alguns povos europeus que lá se estabeleceram ao longo da história.

Como apontado anteriormente, essa mistura não ocorreu de uma maneira tão simples e pacífica, devido ao violento processo de colonização. Entretanto, o que se vê, hoje, é uma ampla diversidade entre o seu povo, que costuma viver em harmonia e com fortes traços culturais africanos, que não deixaram que suas raízes fossem apagadas.

Apesar disso, há também marcas do período colonial na cultura nacional cabo-verdiana, como o idioma oficial e o fato de que quase 100% da população é adepta a religiões cristãs, levadas ao continente justamente pelos europeus.

O fato é que, atualmente, os quase 600 mil cidadãos cabo-verdianos se esforçaram para construir uma sociedade inclusiva e diversa, respeitando sua história e olhando com cuidado para o passado, com o objetivo de construir um presente e um futuro melhores.

Fotos: 1 - Joe Santiago Magazine /2 - Karime Xavier Folhapress/ 3 - Foto: Joe Yogerst CNN Travel /Reprodução



Algumas referências:

Cartilha “A Participação das Mulheres na Construção da História de Cabo Verde”, de Gleiciane Brandão Carvalho. Disponível em: <https://www.pphhist.uema.br/wp-content/uploads/2016/12/Gleicina-cartilha.pdf>

CASSAMA, Daniel Julio Lopes Soares. Amílcar Cabral e a independência da Guiné Bissau e Cabo Verde. 2014.

MOURÃO, Daniele Ellery. Guiné-Bissau e Cabo Verde: identidades e nacionalidades em construção. Pro-Posições, v. 20, p. 83-101, 2009.

HINO NACIONAL DE CABO VERDE

Canta, irmão
Canta, meu irmão
Que a liberdade é hino
E o homem a certeza.

Com dignidade, enterra a semente
No pó da ilha nua;
No despenhadeiro da vida
A esperança é do tamanho do mar
Que nos abraça,
Sentinela de mares e ventos
Perseverante
Entre estrelas e o atlântico
Entoa o cântico da liberdade.

Canta, irmão
Canta, meu irmão
Que a liberdade é hino
E o homem a certeza.

FIZERAM HISTÓRIA!

Não há dúvidas que a história de Cabo Verde é rica em diversidade, mas os filhos e filhas da Terra do Sol fizeram história em muitos percursos da sociedade.

PAULA MARIA FORTES

Paula Maria Fortes foi uma militante revolucionária cabo-verdiana, nascida no dia 26 de janeiro de 1945, em Mindelo, na Ilha de São Vicente. Paula Fortes lutou pelo que acreditava desde os seus dezesseis anos de idade, auxiliando nas lutas anticoloniais de Cabo Verde e Guiné-Bissau.

Com o passar dos anos, Paula se formou em enfermagem, ajudando muitos feridos nos conflitos ocasionados pela colonização portuguesa e, após a independência, no ano de 1975, também ajudou a fundar a Organização de Mulheres de Cabo Verde (OMCV), se tornando, depois, a primeira mulher a assumir o cargo de delegada de Estado na Ilha de Sal. Em 07 de junho de 2011, Paula Fortes adoeceu e veio a falecer, deixando um legado de muito valor a todas as mulheres cabo-verdianas e africanas, de modo geral.



ARISTIDES MARIA PEREIRA

Aristides Maria Pereira foi um político e revolucionário cabo-verdiano, nascido na Ilha da Boavista, no dia 17 de novembro de 1923, que lutou contra a colonização portuguesa em Cabo Verde e Guiné-Bissau. Ele foi responsável, junto com Amílcar Lopes Cabral, Luís Cabral e outros companheiros e companheiras, por fundar o Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC), em 1956.

Após alguns anos de intensos conflitos contra as forças coloniais de Portugal, o PAIGC, sob o comando de cabo-verdianos e guineenses, conquistou a independência dos dois países. Com isso, Aristides assumiu o posto de primeiro presidente da história de Cabo Verde, contribuindo para a formação da nação cabo-verdiana até o ano de 1991, quando houve as primeiras eleições democráticas do país. Na ocasião, António Mascarenhas Monteiro foi eleito em seu lugar, pois o governo de Aristides já estava desgastado, especialmente pela sabotagem política e econômica, executada principalmente por países europeus contra Cabo Verde e contra quaisquer movimentos revolucionários africanos, como os movimentos por independência e as organizações que surgiram com eles.

Já em 2011, mesmo ano da morte de Paula Maria Fortes, Aristides também adoeceu e veio a falecer, no dia 22 de setembro, deixando o grande legado de sua luta anticolonial.

A MINHA GENTE

EILEEN BARBOSA

A minha gente
Parece ter brotado
Desta terra seca

Brotada dos vulcões
Nascida de uma concha
Que o mar depositou na areia.

A minha gente
Tem rugas de olhar o longe
Rugas de rir
De sofrer
E de morrer
As de morrer são mais bonitas
Provam o renascer

A cada dia.

“

Eileen Barbosa é uma escritora, intérprete e tradutora cabo-verdiana, nascida no dia 23 de fevereiro de 1982, na Ilha de São Vicente. É autora do livro de contos “Elieenístico” e co-autora de diversas antologias e coletâneas de contos e poesia.



Foto: Acervo Pessoal Eileen Barbosa/Reprodução.

Você sabia?

01

CARNAVAL EM CABO VERDE

Em Cabo Verde também se comemora o carnaval de maneira muito animada, com desfiles de escolas de samba e festas nas ruas das cidades, sob o ritmo dos mais variados estilos musicais, como a coladeira, a morna e o funaná, que são tradicionais do país. Para se ter uma noção, os eventos carnavalescos cabo-verdianos já receberam o nome de Brazilim, que significaria algo como “pequeno Brasil”.



02

PICO DO FOGO

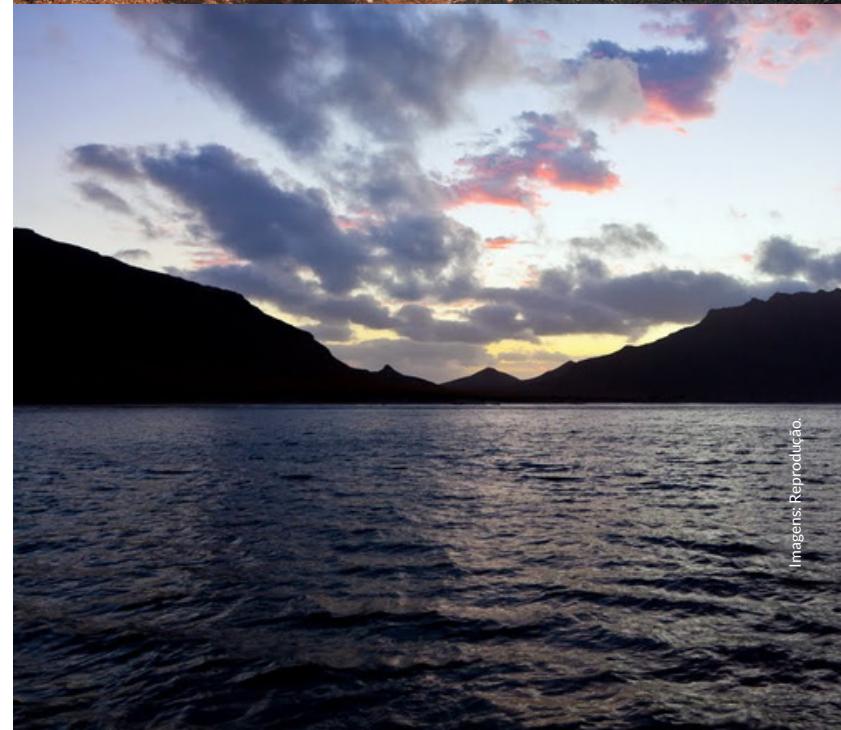
O pico do fogo, que fica localizado na Ilha do Fogo, é o ponto mais alto de Cabo Verde. Com quase 3 mil metros de altitude, este vulcão assusta pelo tamanho e pela capacidade de destruição quando entra em erupção.



03

ILHA DESERTA

A ilha de Santa Luzia é a única ilha completamente desabitada de Cabo Verde. Com cerca de 5km de largura e 13km de comprimento, esta pequena ilha sofre com a falta de chuvas, que é um dos principais motivos pelos quais não há nenhum ser humano residindo por lá. Apesar disso, no ano de 1990, a Ilha de Santa Luzia foi considerada como patrimônio público e é vista como uma importante reserva natural.



TER UMA TER VÁRIAS

TOMÉ VARELA DA SILVA

Ter uma só cara
é estar-se nu
em casa
ou no jardim.

Ter várias caras
é mais fácil
que estar-se nu
em qualquer lado.

Ter várias caras
é doença social
de bom tom.

Ter uma só cara
é saúde
ou doença mental.

“

Tomé Varela da Silva é um poeta, antropólogo e filósofo cabo-verdiano, nascido no ano de 1950, na Ilha de Santiago. Tomé é autor do livro “Como é possível? (Altos e baixos dum amor)” e prefere escrever suas obras em crioulo cabo-verdiano, valorizando, assim, a língua materna de seu país.

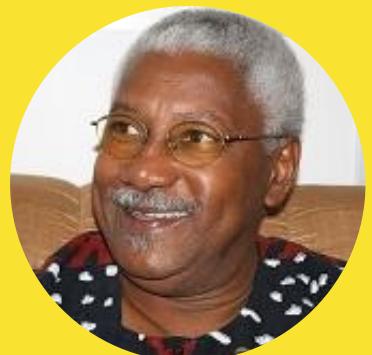


Foto: Reprodução.



GUINÉ-BISSAU

POR RODRIGO PEIXOTO



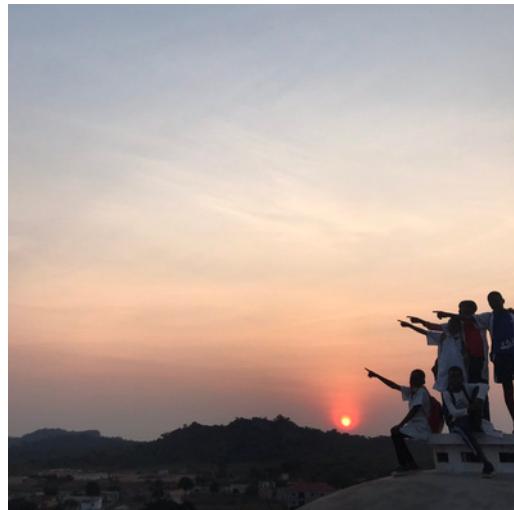
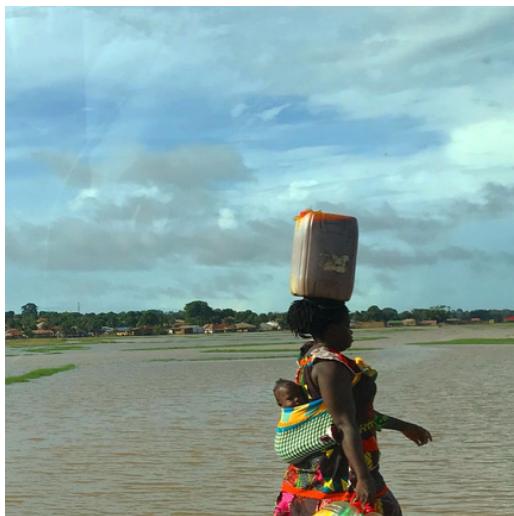
Localizada na costa ocidental africana, a República da Guiné-Bissau é um país pequeno em extensão, mas muito grande em história e em diversidade social e cultural. É isto que ilustra suas inúmeras etnias, religiões e práticas socioculturais. Há também uma grande diversidade natural, como mostra, por exemplo, o arquipélago de Bijagós, com 88 ilhas e ilhotas que contam com uma imensa variedade em sua fauna e flora, além de ser do mesmo nome de uma das etnias guineenses.

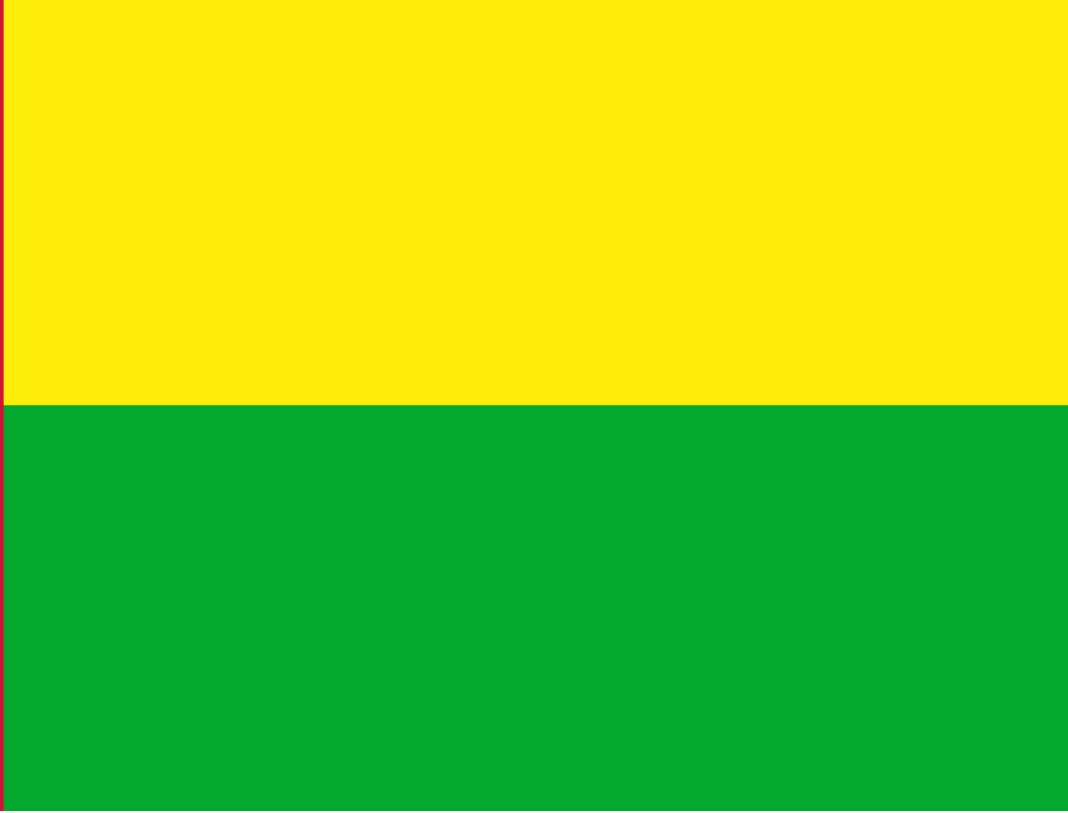
Outro fato representativo dessa diversidade, é que em Guiné-Bissau existem e persistem muitas línguas além do português, que é considerado o idioma oficial. Na verdade, apesar disso, a ampla maioria da população guineense fala o crioulo da Guiné-Bissau, enquanto menos de 15% fala o Português.

A Guiné-Bissau faz fronteira com dois países: Senegal e Guiné Conacri. Sua capital, e sua maior cidade, Bissau, possui mais de 500 mil habitantes e comporta o maior porto do país, além da praça e do palácio imperial, da catedral, do mercado popular, entre outros estabelecimentos, comerciais ou não, que ajudam na economia e na importância da capital para o restante do país. Por falar nisso, as atividades econômicas de mais destaque na Guiné-Bissau estão relacionadas à agricultura e à pesca, o que representa mais de 60% de seus ganhos.

A história mais “recente” de Guiné-Bissau é, infelizmente, permeada por conflitos, pois desde o século XV, até a segunda metade do século XIX, seu território foi posse de Portugal, ou seja, era uma colônia portuguesa. Isso mudou apenas no ano de 1974, quando grupos organizados por Amílcar Cabral, o mais importante líder revolucionário da nação, em nome do Partido Africano para a Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC), partido mais expressivo do país até hoje, conquistaram sua independência. Entretanto, apesar desta vitória para a nação guineense, os conflitos não terminaram. Amílcar, a grande inspiração nacional, acabou sendo assassinado no mesmo ano, pelas forças coloniais portuguesas, que também tiraram a vida de Ernestina “Titina” Silá, amiga de Cabral e heroína guineense. Ambos lutaram bravamente nos conflitos pela independência e merecem um lugar de destaque na História.

Hoje, a Guiné-Bissau ainda tenta se livrar das marcas coloniais deixadas por Portugal, a exemplo de suas dívidas e de sua dependência econômica, que limitam o crescimento do país e, consequentemente, um maior conforto para seu povo. Apesar disso, Guiné-Bissau dá exemplo de diversidade, com sua riqueza natural preservada, além dos mais de 30 grupos étnicos que fazem deste pequeno país uma grande fonte de conhecimento e de inspiração para um mundo com mais humanização e comunhão entre as pessoas e com o meio ambiente.





Descrição: Esta é a bandeira da Guiné-Bissau, com suas quatro cores distribuídas. O amarelo, na parte superior, representa o sol, o verde, na parte inferior, simboliza a esperança, já o vermelho representa a luta pela independência do país e a cor negra da estrela ilustra a unidade dos povos africanos.

Língua oficial: Português, devido à colonização portuguesa.

População: Aproximadamente 2 milhões de pessoas.

Extensão territorial: 36.125km²,

Capital: Bissau

Clima: Majoritariamente tropical.

Moeda: Franco CFA

Algumas referências:

INE, DW, TVI, ANP, Journals, Estadão, Banco Mundial, Africa-Turismo, PPL, Agrotec, TripAdvisor, Gbissau, Brito-Semedo, Didinho, VozdaGuine, UNIOGBIS, Ojogodalusofonia.



Imagem: Creative Commons / Inspriprodução

Palácio do Governo
da República da
Guiné-Bissau

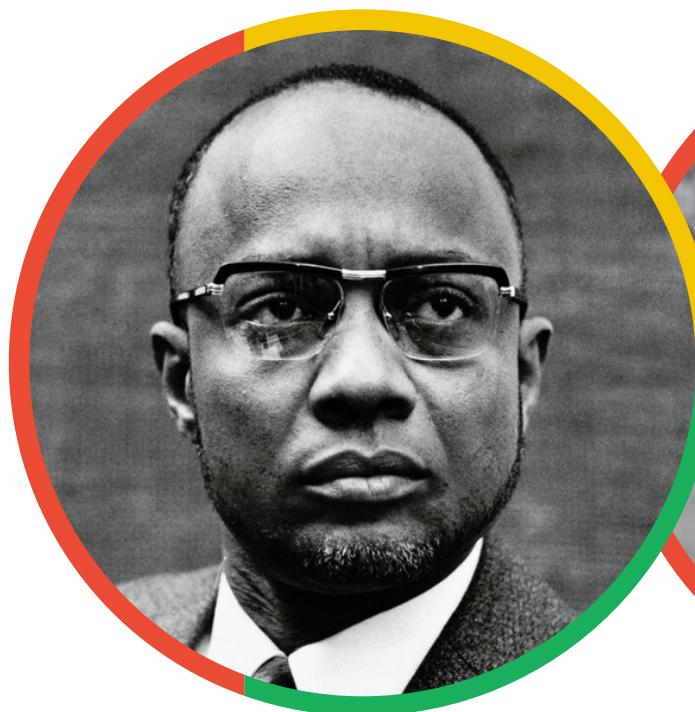
HINO DE GUINÉ-BISSAU

AMÍLCAR CABRAL

Sol, suor e o verde e mar	Ramos do mesmo tronco
Séculos de dor e esperança	Olhos na mesma luz
Esta é a terra dos nossos avós	Esta é a força da nossa união
Fruto das nossas mãos	Cantem o mar e a terra
Da flor do nosso sangue	A madrugada e o Sol
Esta é a nossa pátria amada	Que a nossa luta fecundou
Viva a pátria gloriosa Floriu nos céus a bandeira da luta	Viva a pátria gloriosa Floriu nos céus a bandeira da luta
Avante, contra o jugo estrangeiro	Avante, contra o jugo estrangeiro
Nós vamos construir Na pátria imortal A paz e o progresso (2x)	Nós vamos construir Na pátria imortal A paz e o progresso. (2x)

FIZERAM HISTÓRIA!

Muitos são aqueles e aquelas que fizeram a história da Guiné-Bissau. Conheça um pouco da trajetória da Ernestina Silá e Amílcar Cabral, importantes líderes guineenses.



Fotos: Reprodução.

AMÍLCAR CABRAL

Amílcar Lopes Cabral, nascido no dia 12 de setembro de 1924, foi um intelectual, poeta e revolucionário guineense, fundador do partido PAIGC (junto de seu meio-irmão Luís

Cabral e outros companheiros e companheiras), que liderou os confrontos pela independência de Guiné-Bissau, conquistada no ano de 1974. Ao longo de sua trajetória, Amílcar enxergou no marxismo uma possibilidade de, finalmente, livrar o povo guineense das opressões sofridas durante séculos de colonização, e assim direcionou seus esforços, empreendendo mudanças e buscando, através da progressiva diminuição das desigualdades sociais, aliviar os impactos historicamente provocados pelo colonialismo/capitalismo, que até hoje sufoca a soberania de inúmeros países.

Por seu posicionamento inabalável, Amílcar foi morto por forças coloniais no ano da independência, deixando ampla herança de conhecimento libertador, com produções escritas sobre a importância da resistência do povo de Guiné-Bissau e dos povos africanos, em si.

ERNESTINA SILÁ

Ernestina Silá, conhecida também como "Titina", nascida no ano de 1943, foi uma revolucionária guineense que lutou pela independência de seu país. Titina foi companheira de luta de Amílcar Cabral pela libertação do povo guineense, quando batalhas foram travadas por quase duas décadas. Infelizmente, ela foi covardemente assassinada quando estava a caminho do velório de Amílcar, em 1974, ano da independência de Guiné-Bissau. Amílcar Cabral e Ernestina Silá certamente serão lembrados para sempre na história de Guiné-Bissau, pois deram a vida para libertar seu país das guerras coloniais portuguesas, que não só tomavam seu território, como tentavam, a todo custo, apagar sua diversidade cultural, suas religiões, seus idiomas, seus conhecimentos tradicionais diversos e sua própria existência. Com certeza, ambos fizeram – e fazem – história!

ILHA

AMÍLCAR CABRAL

Ilha: Tu vives – mãe adormecida –
nua e esquecida, seca, fustigada pelos ventos,
ao som de músicas sem música
das águas que nos prendem...

Ilha: teus montes e teus vales
não sentiram passar os tempos
e ficaram no mundo dos teus sonhos
– os sonhos dos teus filhos –
a clamar aos ventos que passam,
e às aves que voam, livres,
as tuas ânsias!

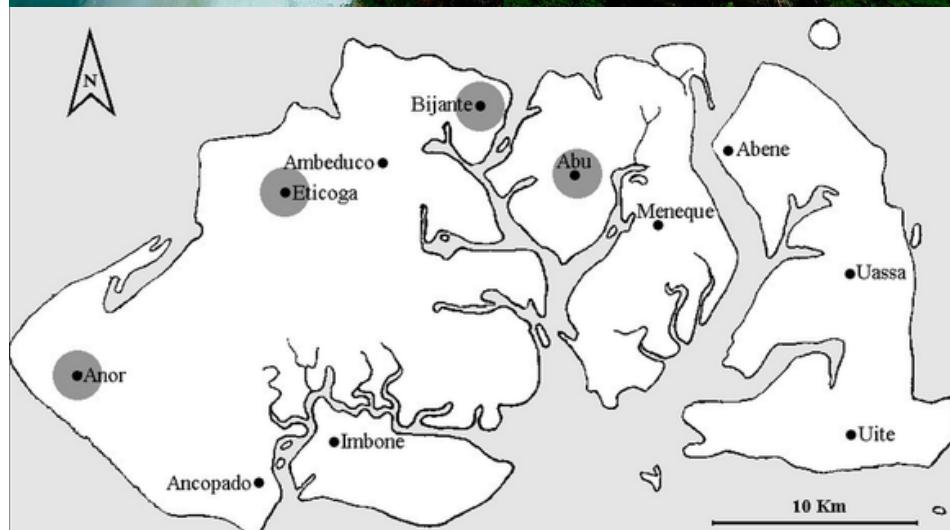
Ilha: colina sem fim de terra vermelha
– terra dura –
rochas escarpadas tapando os horizontes,
mas aos quatro ventos prendendo as nossas ânsias!

VOCÊ SABIA?

Em Guiné-Bissau, existe uma lenda muito interessante. É a lenda de Akapakama e a origem do mundo segundo os Bijagós. Segundo essa narrativa, tudo começou na ilha de Orango, que era o mundo. Nessa ilha, Akapakama e seu companheiro tiveram quatro filhas, e batizaram-nas de Ogubane, Ominka, Oraga e Orakuma. Após isso, e somente após isso, surgiram animais e plantas, compondo a rica diversidade que se multiplicaria nos anos seguintes.

Na medida em que cresceram, as quatro irmãs também tiveram filhos, que foram ganhando certas habilidades especiais concedidas por seu avô, o Deus criador de tudo e de todos, que sempre existiu. Os filhos de Ogubane receberam poderes relativos às chuvas e ao vento, para controlarem as épocas de seca e de inundações. Os de Ominka receberam os poderes do mar, para se ocuparem da pesca, que ainda é uma atividade crucial para a sobrevivência e o sustento de muitos povos. Os de Oraga receberam a natureza, o que lhes traria vida em comunhão e riquezas. Por fim, os filhos de Orakuma receberam poderes da terra, sendo capazes de dirigir os rituais nela realizados.

E é assim que a etnia dos Bijagós conta a origem do mundo, que começou na ilha de Orango e se expandiu, com sua grande diversidade e beleza sem fim. Akapakama, com seu companheiro e suas quatro filhas, iluminadas pelo Deus criador, dão uma lição de celebração à diversidade e às coisas belas do mundo.



Mapa do arquipélago de Bijagós / Vista aérea do Ilha de Orango / Mapa do Parque Nacional das Ilhas de Orango: Área prospectada

Fotos: Reprodução.



POVOS GUINEENSES

O território da Guiné-Bissau é composto por mais de 20 etnias, entre Fulas, Papéis, Manjaco, etc. O país é uma nação pluri-étnica, por suas múltiplas culturas, línguas, organizações sociais, entre outros.

Conheça seis grupos-sociais étnicos da Guiné-Bissau.



BALANTAS

O termo “Balantas” significa “Aqueles que resistem”. Sua ocupação na divisão territorial de Guiné-Bissau, ilustra bem esse significado. Para se ter uma ideia de sua dimensão, os Balantas representam 25% da população guineense, sendo, assim, o maior grupo étnico do país.

E não para por aí! Os Balantas não vivem apenas na Guiné-Bissau, eles estão divididos, em grande número, também na Gâmbia e no Senegal, entre outros países mundo afora. Com uma história muito rica e uma vasta carga de conhecimento, os Balantas permanecem existindo e resistindo, preservando sua cultura e seus saberes, sem jamais se curvar às violências coloniais.

Os Balantas são divididos em dois grupos: Os Balantas de Kuntowe e os Balantas de Nhacra. Para resistir, os Balantas convivem, sendo a comunhão, entre todas as idades e gêneros, o principal traço dessa etnia, formando comunidades harmoniosas e integradoras. A imagem ao lado é de um jovem com trajes para a cerimônia da colheita, também conhecida como *nkumann*.

Foto: Balanta Welcome Home Facebook / Reprodução.



BIJAGÓS

Nomeando a natureza exuberante de um arquipélago com 88 ilhas e ilhotas, os Bijagós são um grupo étnico guineense conhecido por sua comunhão com a natureza e pelo respeito, principalmente pelos mais velhos, que são fonte de experiência e sabedoria.

Cerca de 70% dos Bijagós estão concentrados no arquipélago homônimo (de mesmo nome), o que explica a quase total preservação destas ilhas e a riqueza de conhecimento concentrada por lá.

Na cultura Bijagós, assim como em ampla camada das culturas africanas, as mulheres têm grande destaque, tomando decisões importantes para suas comunidades e liderando organizações. Para alguns pesquisadores e pesquisadoras, muitos grupos dos Bijagós podem até ser considerados como “matriarciais” ou “matrilineares”, que são de fato liderados por mulheres, sendo elas que possuem as funções mais importantes e o poder de tomar decisões, planejadas, organizadas e executadas entre si.



Foto: Pos di Terra, Facebook / Reprodução.

FULAS

A etnia dos Fulas é, majoritariamente, adepta à religião muçulmana e composta por populações semi sedentárias e sedentárias, isto é, ocupando funções como fazendeiros, mercadores e artesãos, dentre outros profissionais que vivem do trabalho com a terra e do trabalho nômade.

São mais de 25 milhões de Fulas ao redor do mundo. Eles se encontram em pelo menos 20 países e têm grande presença na costa ocidental africana, região em que está, também, a Guiné-Bissau. Lá, os Fulas estão localizados principalmente ao Sul e ao Norte da região de Bafatá e Gabú.

Este grupo étnico teve grande resistência durante os mais de quatro séculos de exploração e dominação coloniais em território africano. Isto explica a preservação de sua cultura e sua grande população.



Fotos Fundação Afríkhepri/Reprodução



Foto: John Atherton / Reprodução

MANDINGAS

Os Mandingas também são um grupo étnico bem numeroso e presente em África, com mais de 11 milhões de habitantes apenas em território africano. Estima-se que, no total, os Mandingas são mais de 45 milhões de pessoas em movimento pelo mundo.

De maioria muçulmana, os povos dessa etnia são, em grande parte, remanescentes do Império do Mali, um dos vários impérios que existiam no continente africano, antes do período de colonização europeia.

Os Mandingas preservam sua memória histórica e, certamente, em cada um destes 45 milhões que existem pelo mundo, há um fragmento do conhecimento desses povos que, em Guiné-Bissau, ajudam a construir uma bela nação em sua diversidade.

MANJACOS

Assim como todos os grupos étnicos existentes, em Guiné-Bissau ou fora dela, os Manjacos são um grupo muito variado. Tal fato é perceptível quando observamos que existe uma enorme diversidade religiosa entre eles.

Os manjacos estão distribuídos por muitas regiões da Guiné-Bissau, como por exemplo nas ilhas de Pecixe e Djeta e ainda na região de Cacheu. Estão também em outros lugares da África, como Senegal e Gâmbia, e em alguns territórios do continente europeu, principalmente em Portugal e na França. Estima-se, hoje, que os Manjacos são mais de 300 mil pessoas concentradas nestas e noutras regiões.

Uma atividade tradicional que os Manjacos desenvolveram e conservam até hoje com muito orgulho é a panaria, que é responsável pela produção de diversos tipos de panos de "pinti", com utilidade para roupas e outros itens importantes. Isso mostra o esforço de preservação de seus saberes históricos, mesmo com tantas interferências externas e violentas ao longo do tempo.

"Pano di pinti" em crioulo é um pano com peso muito grande em termo de significado, é utilizado pela maioria das etnias guineenses nos seu trajes culturais, nas cerimónias fúnebres se utiliza muito para sepultar o malogrado e para oferecer aos familiares do falecido como símbolo de solidarização, também é utilizado como símbolo de gratidão para agradecer pelo bom trabalho que alguém realizou.



Foto: This is Guiné Bissau, Instagram @/reprodução

PAPEL

Conta-se, na história da região que hoje é Guiné-Bissau, que os Papéis foram os seus primeiros habitantes. Todavia, devido a vários fatores, hoje compõem cerca de apenas 7% da população guineense e, diferente das outras etnias aqui apresentadas, os Papéis são menos numerosos e estão concentrados, em sua ampla maioria, na região de Bissau, capital do país.

Os Papéis preservam sua cultura, a exemplo de seu casamento tradicional e de suas várias manifestações rítmicas e danças, além da preservação da Língua, mesmo com a colonização portuguesa a tradição oral não foi perdida.

Estima-se que no mundo os papeis sejam um pouco mais de 100 mil pessoas. Os papeis possuem uma carga histórica muito significativa para Guiné-Bissau e para o continente africano.



Foto: UNILAB/Ana Cássia Alves



MOÇAMBIQUE

POR RODRIGO PEIXOTO

Moçambique é um país africano situado na região da África Austral, na costa do Oceano Índico. Seu território faz fronteira com seis países: África do Sul, Malawi, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue.

Tal como várias outras nações africanas, Moçambique conta com uma riqueza cultural vasta e diversa, desde a sua culinária, com pratos como o frango à zambeziana, feito à base de frango frito e coco, tradicionalmente na província de Zambézia, até as danças tradicionais específicas e a literatura, que conta com escritores como Paulina Chiziane, Mia Couto e Noémia de Sousa.

A Língua Portuguesa, que hoje é falada por cerca de 25% do povo moçambicano, apesar de ser o idioma oficial de Moçambique, devido ao processo de colonização portuguesa, o que chama a atenção mesmo é a variedade de idiomas existentes no país, que somados totalizam mais de quarenta e três. Os mais falados são o tsonga (ou changana), o macua, o lomwe, o sena, o nianja e o chuwabu. Além disso, Moçambique conta com importantes grupos étnicos, tais como os Tsonga, os Yao e os Shona, entre outros. Atualmente, estima-se que há mais de dez grupos étnicos em Moçambique, sendo a maioria deles de origem banto.

Economicamente, Moçambique tem enfrentado dificuldades para equilibrar as desigualdades sociais geradas pelo processo de invasão colonial portuguesa, que explorou e ocupou o território moçambicano do século XV até o ano de 1975, quando o país, finalmente, conquistou sua independência, sob o comando da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO).

Descrição: Esta é a bandeira de Moçambique, com suas cinco cores distribuídas. São três grandes faixas horizontais centralizadas: A verde representa a riqueza do solo moçambicano, a preta representa o continente africano, a amarela simboliza a riqueza do subsolo, divididas por pequenas faixas brancas, que representam a paz. Além das faixas, há um triângulo vermelho na lateral esquerda, que simboliza a luta anticolonial. Em seu interior, há três elementos diferentes: uma estrela amarela, que simboliza a solidariedade entre todos os povos; um livro, que representa a educação como meio importante da luta pela independência e soberania e uma arma, modelo AK-47, entrelaçada a uma enxada, que juntas simbolizam a luta armada pela independência angolana e o trabalho com a agricultura, que, por sua vez, é muito importante para o sustento do país.

Capital: Maputo

População: Aproximadamente 31 milhões de pessoas

Moeda: Metical

Clima: Predominantemente tropical

Extensão territorial: 801.590 km²

Idioma oficial: Português, devido à colonização portuguesa



HINO NACIONAL DE MOÇAMBIQUE

Na memória de África e do Mundo
Pátria bela dos que ousaram lutar
Moçambique, o teu nome é liberdade
O Sol de Junho para sempre brilhará

Moçambique nossa terra gloriosa
Pedra a pedra construindo um novo dia
Milhões de braços, uma só força
Oh pátria amada, vamos vencer (2x)

Povo unido do Rovuma ao Maputo
Colhe os frutos do combate pela paz
Cresce o sonho ondulando na bandeira
E vai lavrando na certeza do amanhã

Moçambique nossa terra gloriosa
Pedra a pedra construindo um novo dia
Milhões de braços, uma só força
Oh pátria amada, vamos vencer (2x)

Flores brotando do chão do teu suor
Pelos montes, pelos rios, pelo mar
Nós juramos por ti, oh Moçambique
Nenhum tirano nos irá escravizar

Moçambique nossa terra gloriosa
Pedra a pedra construindo um novo dia
Milhões de braços, uma só força
Oh pátria amada, vamos vencer (2x).

Porém, infelizmente, apesar de suas muitas riquezas, tais como o petróleo, o gás natural, o carvão e o ouro, Moçambique ainda sofre por conta da exploração de outras nações, principalmente europeias, que não permitem que o país se desenvolva, tal como desejaram os movimentos pela independência.

Todavia, apesar desse cenário de instabilidade provocado pelas invasões ao longo dos séculos, tanto árabe quanto europeia, sendo que a europeia provocou muito mais impactos violentos com a colonização, ainda hoje deixando profundas marcas, é admirável a capacidade de convivência do povo moçambicano. Assim como ensinam as tradições africanas, o respeito entre diferentes povos deve prevalecer acima de tudo e, em Moçambique, a diversidade é quase sagrada, bem como o respeito pelos mais velhos. Seu hino, que fala muito sobre as lutas anticoloniais e a formação da nação moçambicana, mostra bem esse contexto. Por essa razão, é ainda muito necessário lutar pela verdadeira independência de Moçambique.

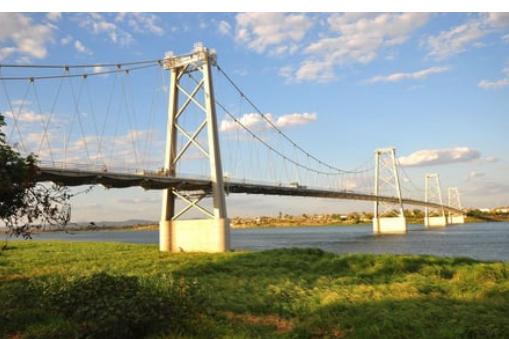
Algumas referências:

CABRAL, Amílcar. Liberação nacional e cultura. Malhas que os impérios tecem. Textos anticoloniais. Contextos pós-coloniais, p. 355-375, 2011.

COELHO, Marcos Vinícius Santos Dias. O mundo natural dos tsongas no discurso de Henri Junod. Fortaleza: UPLOADS, 2009.

DUARTE, Morgana Machea et al. "Me erguerei lúcida, bramindo contra tudo: basta!": a atuação de mulheres moçambicanas na luta armada de libertação nacional e seus reflexos para o empoderamento feminino na sociedade atual. 2018.

SANTANA, Jacimara Souza. A participação das mulheres na luta de libertação nacional de Moçambique em notícias (Revista Tempo 1975-1985). Sankofa (São Paulo), v. 2, n. 4, p. 67-87, 2009.



PORQUÊ

NOÉMIA DE SOUSA

Por que é que as acáias de repente
floriram flores de sangue?

Por que é que as noites já não são calmas e doces,
por que são agora carregadas de electricidade
e longas, longas?

Ah, por que é que os negros já não gemem,
noite fora,

Por que é que os negros gritam,
gritam à luz do dia?

“

Carolina Noémia Abrantes de Sousa Soares, nascida no dia 20 de setembro de 1926, foi uma poeta, militante, jornalista e tradutora moçambicana que é considerada a “mãe dos poetas” de sua nação. Com seu livro “Sangue Negro”, Noémia expôs muitas questões importantes sobre a escravização dos povos negros e sobre a necessidade de lutar contra a opressão racista colonial.



Foto: Reprodução

VOCÊ SABIA?



50% de jovens

A população de Moçambique é, atualmente, extremamente jovem. Estima-se que cerca de 50% do povo moçambicano tem até 15 anos de idade. Ou seja, metade dos povos de Moçambique é formada por crianças e adolescentes.

Capulana

A capulana é um tipo de pano tradicional de Moçambique, estampado com muitas cores e formatos exuberantes. É muito comum ver as mulheres de Moçambique utilizando capulanias como saia, turbante ou até mesmo para carregar seus filhos. Isso faz com que as capulanias sejam passadas de geração a geração, servindo como uma teia repleta de histórias para serem contadas e ensinamentos para serem transmitidos para as novas gerações.



Ilha do sultão



Existe uma ilha em Moçambique com o mesmo nome do país, que fica localizada ao norte, na província de Nampula. Esta ilha foi a primeira capital de Moçambique e carrega esse nome devido ao sultão que dominou o mercado local no século XVI, chamado Mussa Bin Bique. Mais tarde, o país inteiro também passou a ser chamado de Moçambique.

Fotos: Reprodução/Creative Commons.

AFIRMA-TE

PAULINA CHIZIANE

Quantas vezes não vacilamos
Por causa das falas do mundo?
Quando sentires medo,
respira fundo
E recobra a coragem!
Desce para dentro de ti
E procura as razões da tua luta.
Deixa a liberdade guiar o teu espírito
Até o coração do infinito!

“

Paulina Chiziane é uma escritora moçambicana, nascida no dia 04 de junho de 1955. Possui diversas obras publicadas e foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance.



Foto: Reprodução.

CONHECENDO POVOS MOÇAMBICANOS



Foto: Cultura Macula/Reprodução.

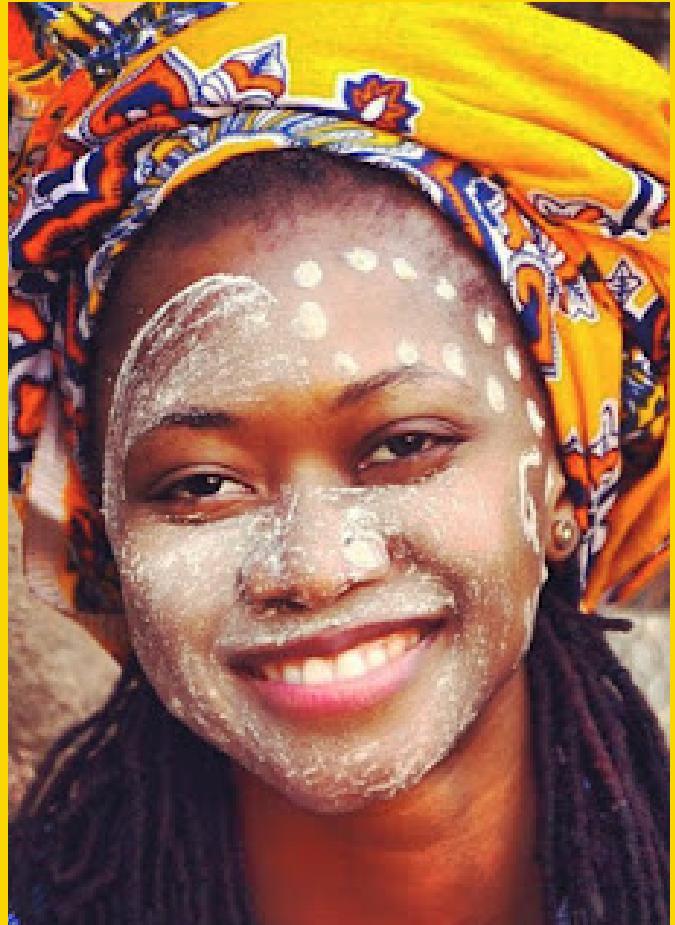


Foto: Cultura Macula/Reprodução.

TSONGAS:

Os Tsongas são um grupo étnico que se concentram, em sua ampla maioria, em território moçambicano, mas também estão ao longo da região ocidental do continente africano, onde são conhecidos como shangaan (ou changana), que dá nome a uma das línguas mais faladas de Moçambique.

O grupo dos Tsonga se divide em três, são eles: Os changana, que residem próximo ao rio Limpopo, os Ronga, que vão do extremo sul moçambicano até o rio Limpopo e, por fim, os Tswa, que se encontram ao norte do rio Limpopo e vão até o rio Save. Os Tsongas são conhecidos pela capacidade de viver em harmonia com a natureza, respeitando toda forma de vida e têm, em suas danças e ritmos tradicionais, uma importante forma de expressão.

MACUAS:

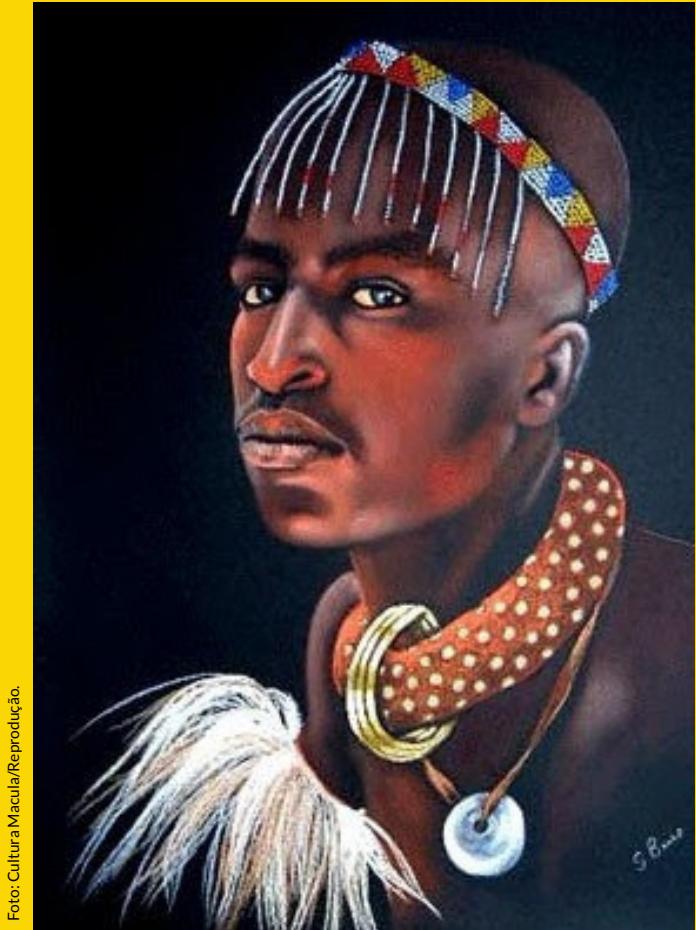
Os Macuas são considerados por alguns estudiosos como o maior grupo étnico de Moçambique, com mais de 4 milhões de habitantes, ocupando todo o território nacional, mas principalmente as regiões norte e central do país. Este é o grupo de origem banto mais antigo da África Austral, região onde se localiza Moçambique. Além disso, os povos Macua, que variam de acordo com as regiões, possuem uma característica mais ou menos geral; sua organização sócio-familiar. Ou seja, a linhagem familiar como base de sua organização social, econômica, cultural e política.



YAO:

Os Yaos, ou Ajauas, são um grupo étnico de origem banto que habita, em grande parte, a província de Niassa, junto ao lago de mesmo nome. Possuem uma extensa história de comércio a longas distâncias, entre a ilha de Moçambique e a Tanzânia, por exemplo.

Os Yaos possuem uma forte influência islâmica, devido à presença muçulmana em África. Isso se tornou ainda mais forte no século XIX, como forma de proteção aos ataques coloniais europeus.

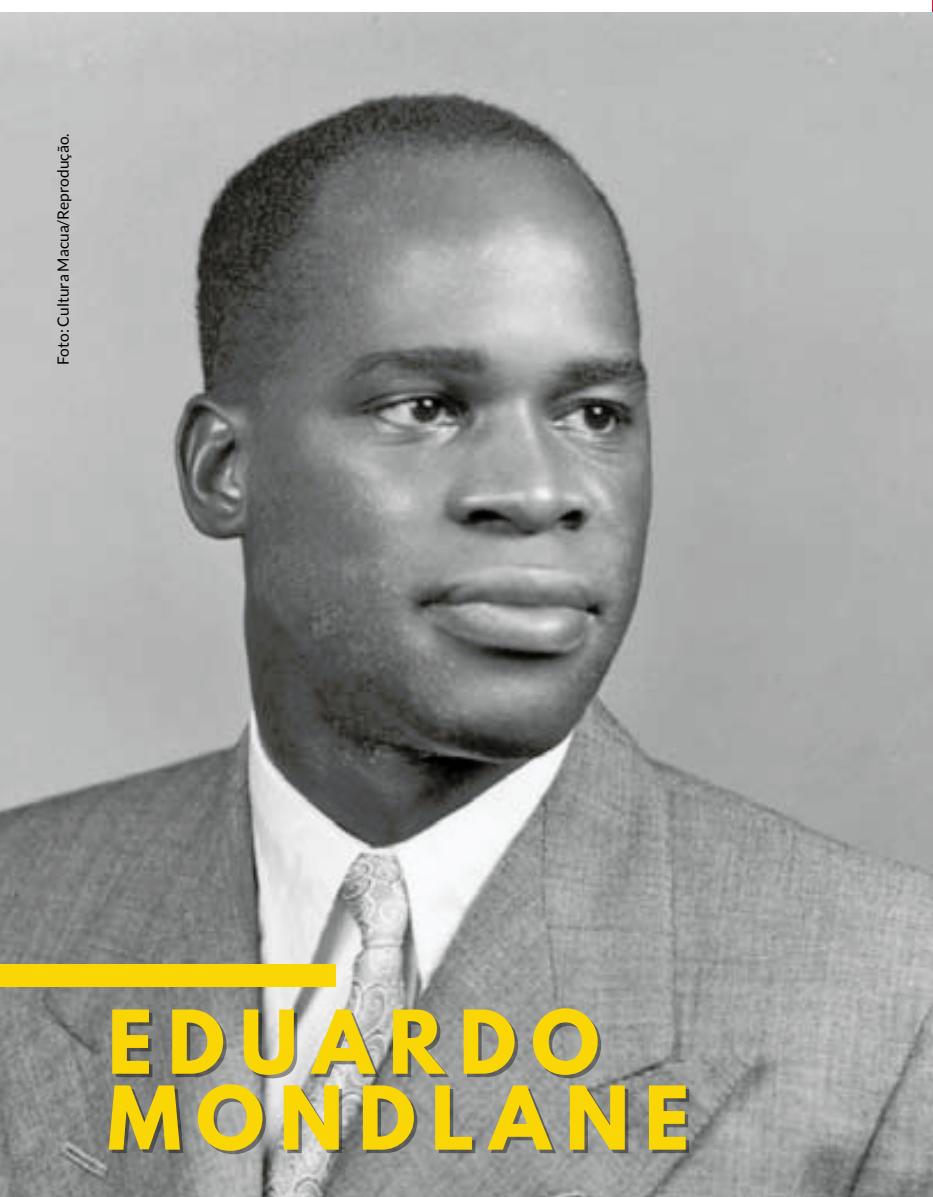


SHONA:

O povo Shona, ou Xona, é, assim como outros grupos étnicos africanos, composto por povos falantes de diversas línguas originárias do banto, dividindo-se em três grupos diferentes: Ndaú, Manyka e Tewe. Estes grupos, juntos, somam mais de nove milhões de pessoas mundo afora. Mas os Shona se encontram, em maior número, no Zimbábue e em Moçambique, especificamente na região sul, e possuem uma tradição secular ligada à agricultura familiar, no cultivo de feijão, abóbora, batata doce, milho e outros importantes alimentos que serviram, e servem, até hoje, de sustento para inúmeras famílias.

FIZERAM HISTÓRIA

Foto: Cultura Macaua/Reprodução.



EDUARDO MONDLANE

Nascido no dia 20 de junho de 1920, Eduardo Chivambo Mondlane, ou simplesmente Eduardo Mondlane, como ficou conhecido, foi um militante revolucionário moçambicano, que lutou pela independência de seu país. Ajudou a fundar, junto de sua companheira Janet Mondlane e seu amigo Samora Machel, em 1962, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Após alguns anos de batalhas junto à FRELIMO e grande parte do povo moçambicano, Eduardo Mondlane foi assassinado por forças coloniais, em 03 de fevereiro de 1969. Até hoje, na data de sua morte, comemora-se o dia dos heróis moçambicanos em sua homenagem.

Samora Moisés Machel, nascido no dia 29 de setembro de 1933, foi um militar revolucionário moçambicano que liderou as lutas anticoloniais de seu país. À frente da FRELIMO, junto à sua então companheira Josina Machel e de seu amigo Eduardo Mondlane. Foi o primeiro presidente de Moçambique, após a conquista da independência, em 1975.

Onze anos depois, no entanto, Samora morreu num acidente aéreo. Até hoje há a suspeita de sabotagem da aeronave em que estava, uma vez que Samora lutava contra a exploração do povo moçambicano, contrariando os interesses das grandes potências econômicas globais.

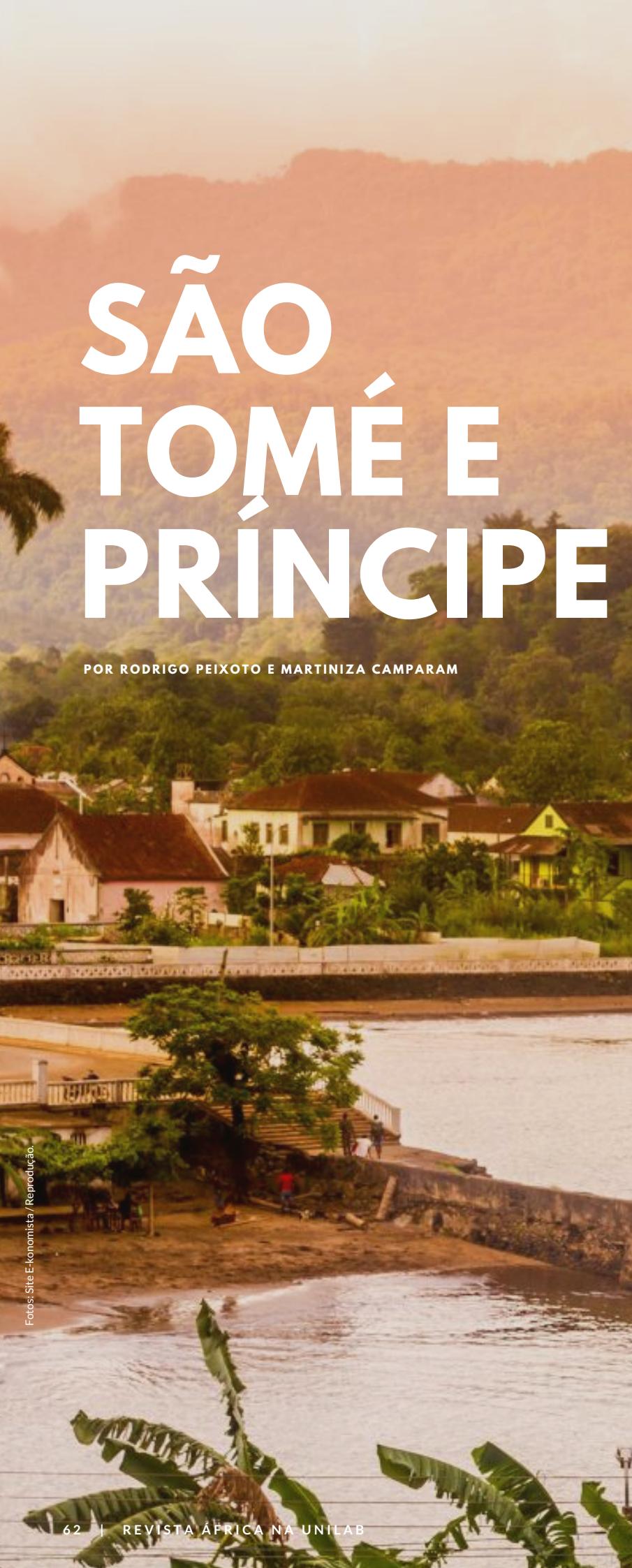
SAMORA MACHEL

Nascida no dia 10 de agosto de 1945, Josina Abiatar Muthemba, que passou a ser conhecida como Josina Machel, devido ao seu casamento com Samora Machel, foi uma revolucionária moçambicana que lutou na linha de frente pela independência de Moçambique e também pelos direitos das mulheres.

Josina comandou o Destacamento Feminino, na FRELIMO, responsável pela educação política e pelo treinamento militar de mulheres para atuarem nas lutas pela independência do país. Infelizmente, no dia 7 de abril de 1971, Josina faleceu vítima de um câncer no fígado, antes mesmo de presenciar a vitória da FRELIMO frente às forças coloniais. Entretanto, deixa um legado, principalmente às mulheres moçambicanas, de que vale a pena lutar por justiça.

Em razão de tudo isso, pela preservação de sua memória histórica, em todos os anos, no dia 7 de abril, é comemorado o dia da mulher moçambicana.

JOSINA MACHEL



SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

POR RODRIGO PEIXOTO E MARTINIZA CAMPARAM

São Tomé e Príncipe é um país composto por duas ilhas que, juntas, formam o seu nome. Afirma-se que lá não havia ninguém até o ano de 1470 quando exploradores portugueses ocuparam o território e se estabeleceram, construindo, com o passar do tempo, uma colônia portuguesa. Nessa nova colônia houve também uma violenta exploração de negros africanos de diversos países da costa do continente, principalmente para a produção de açúcar, algo que durou cerca de dois séculos, chegando ao fim após muitas rebeliões de escravizados e, principalmente, pela concorrência com o Brasil, que também produzia açúcar em larga escala, por meio da escravização de povos africanos.

Porém, infelizmente, este não era o fim da escravização em São Tomé e Príncipe, pois durante mais de um século seu território serviu de posto de comércio de pessoas escravizadas. Apesar desta exploração, os povos africanos escravizados em território são-tomense, assim como em outros territórios onde isso aconteceu, nunca se curvaram às opressões, sempre lutaram por liberdade e por uma vida digna. E em São Tomé e Príncipe, estas lutas obtiveram resultado apenas no ano de 1975, após a independência do país, pois apesar da abolição da escravatura em seu território, no ano de 1876, a exploração dos povos africanos que ali viviam durou ainda quase um século.

Após a independência, São Tomé e Príncipe conseguiu, finalmente, começar a construir sua nação, que pela primeira vez se viu mais ou menos livre das formas de exploração coloniais. Desse modo, sob o comando do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP), o país caminhou rumo à democracia, tentando equilibrar os conflitos e diminuir a desigualdade social deixada pelas forças coloniais.

Atualmente, o país se sustenta principalmente pela agricultura, pesca e atividades turísticas, já que suas riquezas naturais encantam a todos que passam por lá. Sua cultura é bem diversa, pois desde sua origem houve a mistura entre vários povos. Contudo, assim como em Cabo Verde e outros países, a exemplo do Brasil, podemos observar que essa mistura ocorreu de maneira violenta, e é por isso que hoje o país tenta preservar diversas raízes culturais, principalmente africanas, com a medicina tradicional, o idioma crioulo e suas variações, bem como através de elementos da cultura angolana e cabo-verdiana, com o objetivo de redesenhar a diversidade de uma maneira não violenta. Muitos traços de culturas europeias também estão presentes nas duas ilhas, tais como o idioma português, as religiões cristãs, parte da culinária, da música, do cinema e das artes, de uma maneira geral.

Algumas referências:

AGUIAR, Iolanda Trovoada. SAO TOME E PRINCIPE PLANTAS E POVOS.

BARBOSA, Heyma Lopes Neto. A participação das mulheres santomenses na vida política no período de 1991 a 2018. 2018.

BERTHET, Marina Annie. Reflexões sobre as roças em São Tomé e Príncipe. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 25, p. 331-351, 2012.

SEIBERT, Gerhard. Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. Anuário Antropológico, n. II, p. 99-120, 2015.



Foto: Mapa de África / Reprodução.



Fotos: Popody Mbouy / Reprod.



Descrição: Esta é a bandeira de São Tomé e Príncipe, com suas 4 cores distribuídas. As duas faixas verdes horizontais, nas partes de cima e de baixo da bandeira, simbolizam a rica vegetação do país; a faixa amarela centralizada simboliza a riqueza; o triângulo vermelho na parte esquerda representa a luta pela independência e as estrelas negras simbolizam as duas ilhas que formam o país: a Ilha de São Tomé e a Ilha do Príncipe.

Capital: Cidade de São Tomé.

População: Aproximadamente 220 mil pessoas.

Moeda: Dobra são-tomense.

Clima: Predominantemente tropical.

Extensão territorial: 1.001km²

Idioma oficial: Português, devido à colonização portuguesa.



LÁ NO ÁGUA GRANDE

ALDA ESPÍRITO SANTO

Lá no "Água Grande" a caminho da roça
negritas batem que batem co'a roupa na pedra.

Batem e cantam modinhas da terra.

Cantam e riem em riso de mofa
histórias contadas, arrastadas pelo vento

Riem alto de rijo, com a roupa na pedra
e põem de branco a roupa lavada.

As crianças brincam e a água canta.

Brincam na água felizes...

Velam no capim um negrito pequenino.

E os gemidos cantados das negritas lá do rio
ficam mudos lá na hora do regresso...

Jazem quedos no regresso para a roça.

“

Alda Espírito Santo deixa um legado muito importante para a literatura lusófona e para a cultura santomense, de maneira geral. Mulher, negra e africana, Alda é uma grande inspiração até hoje para todas (os) aquelas (es) que acreditam em outras realidades possíveis.



Foto: Reprodução

FIZERAM HISTÓRIA

Foto: Alfredo / Reprodução.



ALDA ESPÍRITO SANTO

Manuel Pinto da Costa, nascido no dia 05 de agosto de 1937, é um economista e político que foi o primeiro presidente da história de São Tomé e Príncipe, no ano de 1975, quando o país finalmente se tornou independente, após mais de quatro séculos de explorações em seu território. Ele também fez parte do amplo movimento por independência que mobilizou diversos países africanos, tais como Cabo Verde e Guiné-Bissau, que se uniram diretamente nesta luta.

Manuel liderou os primeiros quinze anos do período pós-independência de São Tomé e Príncipe, sob as ações do Movimento pela Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP), até que no ano de 1991 ocorreram as primeiras eleições democráticas do país. Na ocasião, Miguel Trovoada venceu o pleito. Manuel voltou a se candidatar a presidente em outras oportunidades, mas só conseguiu voltar ao cargo no ano de 2011, quando governou até 2016.

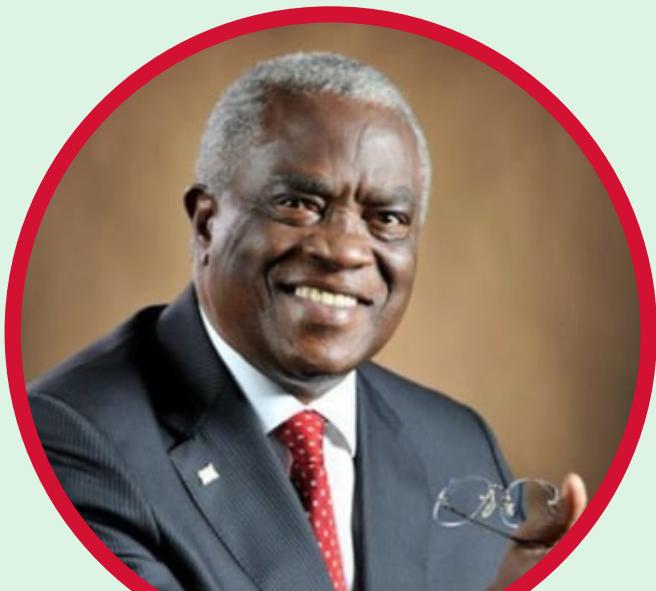
Hoje, com 83 anos, Manuel Pinto da Costa observa, de perto, os movimentos políticos são-tomenses, que ainda buscam equilíbrio e uma maior autonomia em relação aos países considerados como grandes potências econômicas mundiais.

Alda Neves da Graça Espírito Santo foi uma poeta, jornalista e professora são-tomense, nascida no dia 30 de abril de 1926. Além de ser autora de várias obras literárias, tornando-se uma das mais importantes escritoras da África Lusófona, ou seja, dos países africanos que falam a Língua Portuguesa, Alda também ocupou cargos políticos importantes em seu país.

Se aproximando dos principais líderes revolucionários de São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau, Alda estudou e trabalhou e, com sua escrita e voz potentes, conseguiu um lugar de destaque na história de seu país. Ela chegou a ser ministra da Educação e da Cultura de São Tomé e Príncipe, agindo sempre nos caminhos da luta anticolonial.

Alda Espírito Santo faleceu no ano de 2010, em razão de algumas complicações de saúde, deixando marcas históricas muito valiosas para a cultura literária são-tomense e para a poesia africana, de uma forma geral, inspirando principalmente as mulheres africanas a escreverem seus saberes e suas vivências.

Foto: Fundação Manuel Pinto da Costa / Reprodução.



MANUEL PINTO DA COSTA

HINO DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Independência total
Glorioso canto do povo
Independência total
Hino sagrado de combate
Dinamismo
Na luta nacional
Juramento eterno
No país soberano de São Tomé e Príncipe

Guerrilheiros da guerra sem armas na mão
Chama viva na alma do povo
Congregando os filhos das ilhas
Em redor da Pátria Imortal
Independência total, total e completa
Construindo, no progresso e na paz
A nação mais ditosa da Terra
Com os braços heroicos do povo

Independência total
Glorioso canto do povo

Independência total
Hino sagrado de combate
Trabalhando, lutando, lutando e vencendo
Caminhamos a passos gigantes
Na cruzada dos povos africanos
Hasteando a bandeira nacional
Voz do povo, presente, presente em conjunto
Vibra rijo no coro da esperança
Ser herói na hora do perigo
Ser herói no ressurgir do País

Independência total
Glorioso canto do povo
Independência total
Hino sagrado de combate
Dinamismo
Na luta nacional
Juramento eterno
No país soberano de São Tomé e Príncipe



POVOS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Como exposto anteriormente, o povo são-tomense é muito diverso e, a exemplo de Cabo Verde, lá também não há grupos étnicos específicos, bem definidos ou localizados em determinadas regiões. A maioria dos são-tomenses está presente na Ilha de São Tomé, que é maior que a Ilha do Príncipe.

Entre o seu povo, é possível encontrar inúmeras formas de expressão, originárias de muitos lugares da África e de outros continentes. Apesar de ser um país considerado pequeno, em termos territoriais, São Tomé e Príncipe possui riquezas naturais e culturais inestimáveis. Isso pode ser comprovado em suas danças tradicionais, como a dança de Socopé, em sua culinária, que mescla muitas características da culinária portuguesa, e também na música, com cantores como Camilo Domingos, na literatura, com escritoras como Alda Espírito Santo e Olinda Beja, e através de outros artistas, como os artesãos, que misturam elementos de diversas culturas diferentes. Em São Tomé e Príncipe, o trabalho com a agricultura é muito comum e muito valoroso, tanto para subsistência, ou seja, para o próprio sustento familiar, quanto para atividade econômica do país. Trabalhadoras e trabalhadores dividem as tarefas nas diversas e férteis roças espalhadas pelo território são-tomense, num modo de vida geralmente tranquilo, no qual seu povo possui o privilégio de aproveitar as mais belas paisagens, desde as frondosas árvores frutíferas até as exuberantes praias com águas cristalinas.

Nas artes e expressões são-tomenses, é preservada a história de luta do país e as vitórias conquistadas pela sua gente, que através da diversidade, caminha pela constante transformação positiva da sociedade.

QUEM SOMOS?

OLINDA BEJA

O mar chama por nós, somos
ilhéus!

Trazemos nas mãos sal e espuma

cantamos nas canoas
dançamos na bruma

somos pescadores-marinheiros
de marés vivas onde se escondeu
a nossa alma ignota
o nosso povo ilhéu

a nossa ilha balouça ao sabor das

vagas

e traz a espraiar-se no areal da
História

a voz do gandu

na nossa memória...

Somos a mestiçagem de um deus
que quis mostrar
ao universo a nossa cor tisnada
resistimos à voragem do tempo
aos apelos do nada

continuaremos a plantar café
cacau
e a comer por gosto fruta-pão
filhos do sol e do mato
arrancados à dor da escravidão

“

Olinda Beja é uma poeta e contista santomense, nascida no dia 12 de fevereiro de 1946. Hoje com 72 anos, é considerada uma das escritoras mais importantes da África lusófona. Seus livros são objetos de estudo em diversas universidades.



Foto: Reprodução/RTP Play.

VOCÊ SABIA?

1

FLORESTA DA BRUMA

Em São Tomé e Príncipe há uma floresta chamada "Floresta da Bruma". Ela tem cerca de 1.800 metros de altitude e está quase sempre coberta por nevoeiros, o que explica o seu nome. Foi nesta floresta, no ano de 1919, que um grupo de astrônomos, liderados pelo britânico Arthur Eddington, comprovou a Teoria da Relatividade, de Albert Einstein, renomado físico teórico alemão.



2

PRAIAS PARADISÍACAS

São Tomé e Príncipe tem uma grande variedade de praias paradisíacas. Por esse motivo, milhares de turistas passam pelo país todo ano, atividade que ajuda no seu desenvolvimento econômico. Entre as praias mais visitadas estão a Praia da Banana, a Praia do Boi, a Praia do Bombom, a Praia de Santa Rita, entre outras.



3

O MELHOR CACAU DO MUNDO

O cacau das terras férteis de São Tomé e Príncipe chama a atenção por sua extrema qualidade. Pode até mesmo ser considerado por alguns como o melhor cacau do mundo. Nas mais de 150 roças espalhadas pelo país, o cacau é um dos produtos mais cultivados, partindo em grande quantidade para a exportação, prática que o faz ser extremamente importante para a economia santomense.



RASGUEI OS POSTAIS

CONCEIÇÃO LIMA

Rasguei os postais
Nada é tão real como estar aqui

Nada é tão real como esta morada
Nada é tão real como esta morada
de esplendor e solidão
onde recusamos atraiçoar
a promessa da luz

Anunciados fomos antes dos erros
enganos e perfídias

Uma a uma apagaremos
as estrelas de mentira
Removeremos dos caminhos o lixo
e os entraves

Abraçaremos as lavras,
sacudiremos
dos livros a poeira.

Nenhum vestígio dos altares
erguidos
a deuses absurdos.

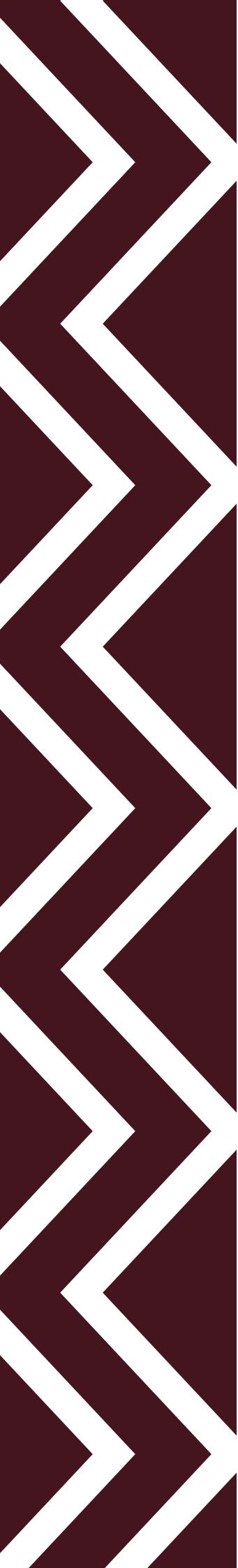
Recomeçamos – artesãos da nossa
redenção.

“

Maria da Conceição de Deus Lima, nascida em 08 de dezembro de 1961, é uma poeta são-tomense. Entre suas obras, destacam-se “O útero da casa”, de 2004, e “A Dolorosa Raiz do Micondó”, lançado em 2006. Sua poesia atravessa gerações e se mostra como um potente instrumento da cultura são-tomense e de reivindicação da identidade africana.



Foto: Reprodução.



SONA, TCHOKWE E ETNOMATEMÁTICA

**Os desenhos feitos na areia que contam
histórias através de símbolos**

POR MANU MARREIRO

AMatemática está em toda parte. Na natureza, nos processos de desenvolvimento científico, econômico e tecnológico, mas também está intimamente ligada à cultura e às tradições de muitos povos. Embora muitas vezes não seja óbvia a presença da Matemática, ou a razão de ser dessa presença, se observarmos com alguma atenção podemos percebê-la. Nas diversas culturas africanas podemos também ter e perceber a matemática de um modo totalmente diferente de como a reconhecemos. Por exemplo, para a etnia Tchokwe. Os Tchokwe (Tshokwe, Chokwe, Batshioko ou Quiocos), vivem ao noroeste da Angola, em uma região que faz divisa com os países da República Democrática do Congo e da Zâmbia. São de origem Banto, seu idioma é o utshokwe e para além da matemática, são artesãos que dominam o manejo da madeira e ferro, e são conhecidos pela criação de máscaras, que são representações dos espíritos ancestrais ou da natureza.

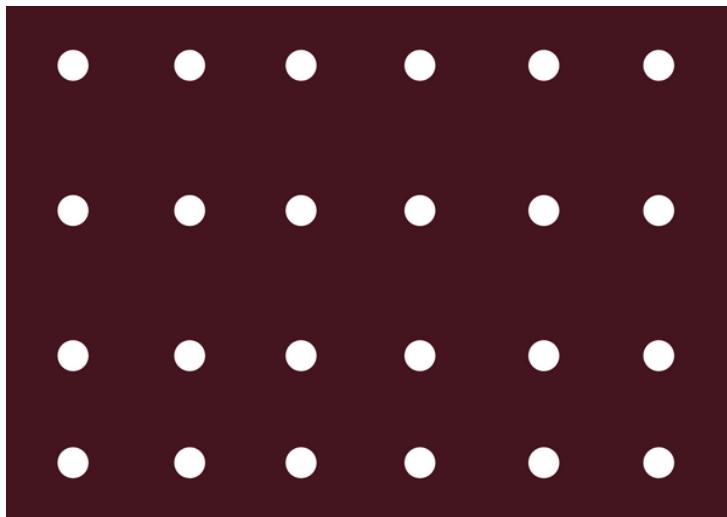
A Ciência e o desenvolvimento da escrita dos povos Lunda Tchokwe vem de uma linhagem ancestral, e assim como os Lunda-Tchokwe, os demais grupos étnicos de Angola possuem um saber científico original. Quando os Tchokwe se encontram no centro da aldeia ou nos campos de caça, sentados à volta do fogo ou à sombra de árvores frondosas, costumam passar o tempo em conversas ilustrando-as com desenho no chão.

Os desenhos pertencem a uma velha tradição e exibem provérbios, fábulas, jogos, adivinhas, animais, cálculos, geometria e etc. e têm um papel importante na transmissão do conhecimento e da sabedoria de geração a geração.

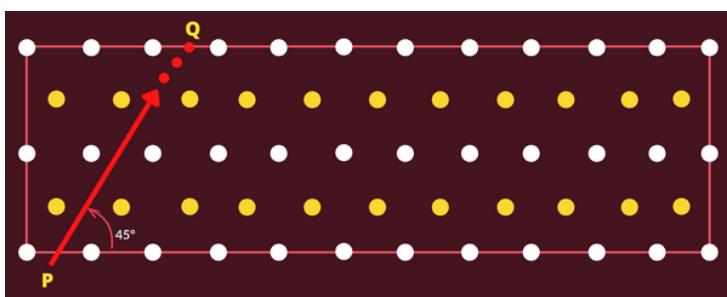
A experiência matemática dos Tchokwe recebe o nome de etnomatemática, que é uma matemática cultural e ancestral. A etnomatemática é o modo pelo qual uma determinada cultura desenvolveu, ao longo da história, as técnicas e as idéias para aprender a trabalhar com medidas, cálculos, inferências, comparações, classificações e modos diferentes de modelar o ambiente social e natural em que está inserida, para explicar e compreender os fenômenos que neles ocorrem.

O QUE REPRESENTA OS SÍMBOLOS? O QUE PODEMOS APRENDER?

Esses desenhos são conhecidos como Sona, geralmente os desenhos são feitos na areia e ilustram histórias, provérbios, fábulas. Para os Quiocos, esses desenhos são a sua escrita. É uma escrita peculiar, sem letras, sem alfabeto. É uma linguagem composta por pontos e linhas.



As distâncias horizontais e verticais entre os pontos são as mesmas, e a quantidade de pontos em cada coluna e linha depende do que vai ser desenhado. Alguns desenhos podem ser feitos apenas com uma linha fechada, ou seja, podem começar e terminar em um mesmo ponto, sem precisar tirar o dedo da areia, por exemplo a leoa.



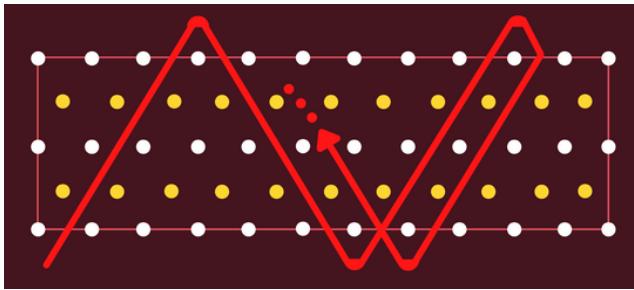
o desenho começa com um linha perpendicular do ponto P ao ponto Q

BANTO

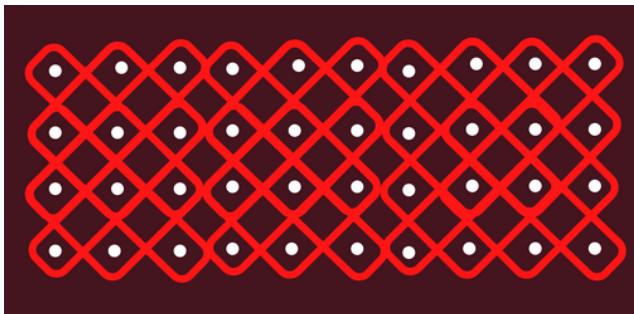
Foram um dos maiores grupos étnicos de África e por volta de 2 000 a.C começaram a expandir seu território. Hoje não existe um grupo étnico dos bantos e sim grupos étnicos que tem em comum na língua o banto original.

Atualmente são mais de 400 grupos étnicos que falam línguas bantas.

No período de escravização de seres humanos, os grupos de origem banto foram os mais numerosos a chegar ao Brasil, trazidos principalmente de Angola, do Congo e de Moçambique. Muitas expressões faladas no português do Brasil têm origem no quimbundo, uma língua banta de Angola. Assim como a língua, a nossa formação cultural também recebeu muita influência da cultura bantu.



e o desenho segue fazendo um zig-zag com ângulos de 45°



e o desenho termina no mesmo ponto que se iniciou. Ou seja, ele é um desenho com apenas uma linha fechada.

Mas quantas linhas fechadas são necessárias para formar outros desenhos? Isso depende das dimensões das redes de pontinhos e do desenho que você quer fazer, sempre lembrando de respeitar os ângulos de 45° nas curvas.

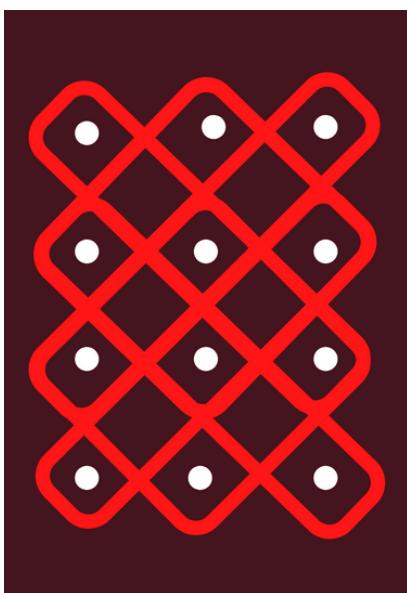
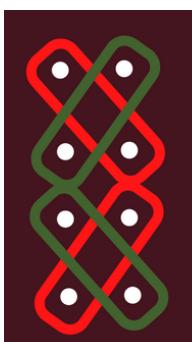
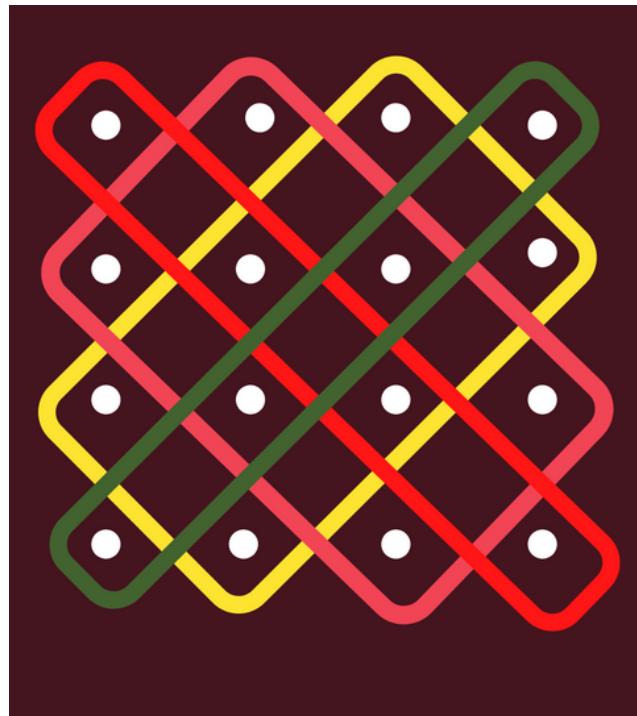


tabela de 4×3 precisa de uma linha só



Já uma tabela de 4×2 precisa de 2 linhas



e em uma de 4×4 precisamos de 4 linhas fechadas, mas por que?

Em Matemática, existem muitas maneiras de obter um número a partir de outros dois: podemos somá-los, ou então subtrair um do outro, ou ainda multiplicá-los; nosso problema é o seguinte, nós conhecemos dois números - que é o número de filas e o de colunas - e a partir deles podemos obter um terceiro número que é o de linhas. O padrão está relacionado ao Máximo Divisor Comum (MDC) entre o número de filas e colunas, o MDC é o número de linhas fechadas necessários para formar um desenho.

Diversidade

Os Tchokwe são apenas um de diversos povos que possuem suas próprias ciências, podemos destacar outros povos como os indígenas na Amazônia, o povo Maia e tantos outros grupos étnicos. Conhecer e estudar estas outras ciências ou etnomatemáticas, também, tem um extenso significado político, pois, desmistifica as ideias sobre o saber científico único, que tem como base a educação europeia.

Algumas referencias:

CARVALHO, Jaime et al. Lusona: Recreações geométricas de África, Paulus Gerdes, Texto Editora, Lisboa/Moçambique Editora, Maputo, Universidade de Coimbra, ISBN: 9724721426. Lecturas matemáticas, v. 23, n. 1, p. 87-90, 2002.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática-elo entre as tradições e a modernidade. Autêntica, 2016.

KNIJNIK, Gelsa et al. Etnomatemática em movimento. Autêntica Editora, 2019.

LIMA, Mesquitala. Os kyaka de Angola. Vol. III, 1988.

GERDES, Paulus. On Mathematical Elements in the Tchokwe "Sona" Tradition. For the Learning of Mathematics, v. 10, n. 1, p. 31-34, 1990.



Foto: Reprodução/Creative Commons

A CABACÁ UNIVERSAL

**Um conto de origem Abomei (antiga capital da
República Popular de Benin)**

POR RODRIGO PEIXOTO

A cabaça é um fruto do gênero do melão ou da abóbora, cuja casca grossa o torna útil para os homens, depois que se lhe retirar a polpa macia. Serve como jarro de água ou, se for cheio com sementes secas, dá para chocalho musical. Em alguns templos colocam uma cabaça redonda cortada ao meio horizontalmente, para receber pequenas oferendas ou objetos simbólicos. O fruto é muitas vezes decorado com gravuras, em ambas as metades, com enorme variedade de desenhos bem como figuras de seres humanos, animais e répteis. Em Abomei, O Universo é considerado como uma esfera semelhante à cabaça redonda, e o horizonte fica nos bordos da união das metades do fruto. É aí que céu e mar se juntam, num local hipotético inacessível ao homem. A terra é considerada plana, flutuando dentro da grande esfera, tal como uma cabaça pequena pode flutuar dentro da maior. Dentro da esfera estão as águas, não só no horizonte como por debaixo da Terra. Este aspecto particular é explicado pelo fato de que se alguém fura o solo sempre descobre água, de modo que esta tem de rodear toda a terra. O Sol, a Lua e as estrelas movem-se na metade superior da cabaça. Quando Deus criou todas as coisas, a sua primeira preocupação foi formar a Terra, fixando os limites das águas e unindo bem os bordos da cabaça. Uma cobra divina enrolou-se à volta da Terra, para agregar e manter firme, e levou Deus a vários lugares, estabelecendo a ordem e sustentando todas as coisas com os seus movimentos essenciais.

O que é o Panafrikanismo?

POR MIRO CESAR

Foto: Acervo Pessoal.



[SOBRE O RACISMO NO BRASIL]

"foi uma surpresa enorme... Primeiro é que em Angola não se discute muito e nem se vive no dia a dia o racismo porque lá (Angola) as pessoas não são julgadas pela cor da pele, a cor da pele não dita o seu carácter, apesar de ter brancos com os seus privilégios, mas em Angola por ter uma maioria de pessoas pretas, não é à toa que muitos não sabem o que é racismo".

Quem são os estudantes da UNILAB e o que eles pensam sobre África e Brasil? Pensando nessas questões, conversamos com o estudante Abel Calombe Quijila, sobre o que é o Panafrikanismo.

Quijila é de nacionalidade angolana, do bairro Cortume, Cazenga (Luanda-Angola), é bacharel em Humanidades, graduando em História e mestrando no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidade na UNILAB. Antes de embarcar para o Brasil, Quijila cursava História no Instituto Superior de Educação do Bengo, cidade próxima a capital Luanda, Angola. Teve de deixar quase tudo para trás para dar continuidade aos estudos.

Miro Cesar: Qual é a imagem que se tem de África aqui no Brasil?

Quijila: Muitos (brasileiros) não se preocupam em pesquisar as cidades afrikanas, os modos de vida, preferem cair nas narrativas midiáticas de uma África sofrida... para a maioria dos brasileiros África continua sendo estagnada, aquela África mística que eles veem a passar na TV, que só tem fome, pobreza, crianças desnutridas, não tem estradas, só tem leões e guerras.

M.C: Sobre o panafrikanismo, Pode falar o que é?

Quijila: O Panafrikanismo é um movimento revolucionário, político, cultural e econômico pensado por pessoas pretas (descendentes de afrikanos) na diáspora. É um movimento político filosófico no intuito de ver uma África livre das amarras coloniais. O Panafrikanismo vai estender a sua influência dentro do continente africano, onde vamos ver alguns líderes africanos a incorporar o Panafrikanismo como via de emancipação como:

Thomas Sankara, Kwame Nkrumah, Lumumba, Julius Nyerere, Kenneth Kaunda, Samora Machel, Eduardo Mondlane, Amílcar Cabral e outros. Na década de 50 até a década de 80, os presidentes africanos que escolheram o panafricanismo como via de emancipação foram assassinados (pela Europa), porque traziam a perspectiva de independência total do domínio colonial.

MC: O por que do Panafricanismo?

Quijila: Me tornei Panafricanista a partir dessa mesma perspectiva de ser uma voz a mais a despertar os outros irmãos africanos de que sem o panafricanismo não há revolução africana. Não se pensa revolução africana sem o panafricanismo porque o mesmo visa resgatar o valor africano.

MC: É o Panafikanismo uma continuação dos objetivos preconizados pelos Países da Linha da Frente (PLF 1960)?

Quijila: Sim, é uma continuidade. Apesar de muitos líderes adotarem o Panafikanismo (autonomia Africana) juntamente com o modelo econômico europeu, isso não inviabilizou a implementação das ideologias panafricanistas em vários países africanos.

MC: Existem diferentes correntes dentro do Panafricanismo? pode falar um pouco sobre?

Quijila: Sim, existem várias correntes, por exemplo, Panafricanistas marxistas e os Panafricanistas Não Marxistas. Os primeiros são os que vão pensar a emancipação de África a partir de uma perspectiva europeia (Marxismo) e os Panafricanistas Não Marxistas vão defender o nacionalismo preto na perspectiva de que não deve existir mistura de ideologias para emancipar África, pois para estes não se pensa em progresso com a ideologia de outros povos. Não podemos esperar que o comunismo, o socialismo e o capitalismo resolvam os nossos problemas econômicos, que foram causados por eles mesmos (os europeus) durante o tráfico negreiro transatlântico.



Foto: Reprodução/Creative Commons.

ÁFRICA COM K

Você já pensou na origem das palavras? Muitas palavras do Brasil tem sua origem em Banto, uma língua oriunda de um conjunto de povos da África sul-equatorial. Por exemplo, moleque, cafuné, quitanda, quilombo, caçula, fubá, farofa, entre outras. Mas qual a origem da palavra África?

Para o campo de estudo que busca conhecer a origem das palavras, a etimologia, o nome "África ou Afrika" pode ter em sua origem as línguas Bantú e Eastern Sudanic, mas também existem outras teorias, por exemplo:

Avringa - Alguns teóricos apontam que a palavra África deriva de Avringa ou Afri, que é o nome de um dos povos que habitavam o norte do continente, os Berberes.

Africus - De origem romana, significa o vento sudoeste, um dos doze ventos da mitologia.

Afrigii, Afriди ou Afrira - De origem árabe, existe também a teoria que aponta que o termo África significa empoeirado. Fala-se que existe um tronco linguístico que une a origem árabe aos Berberes.

Aphriké - Origem grega e significa sem frio.

Aprica - De origem em latim, significa ensolarado.

Outra questão que aponta o origem do nome vem nos estudos linguísticos ou das línguas, que percebemos ao estudar o alfabeto de algumas línguas africanas, por exemplo na língua Kikongo.

O alfabeto Kikongo é feito pelas seguintes letras: **a b d e f o k m n g o p s t u v w y z**.

E sua pronúncia é: **a bê dê e fê i kê lê mê nê ngê o pê sê tê u vê wê yê zê**.

Da mesma forma que não existe a letra C em kikongo, também não existe nas línguas Kimbundu, Lingala, Swalli e Zulu.

São muitas as possíveis origens do nome África, até porque o ato de selecionar, nomear e dar sentido a algo também é um tipo de poder sobre alguma coisa. O uso do K é um resgate da sua autonomia.

ARTISTAS AFRO-BRASILEIROS E A VALORIZAÇÃO DA ANCESTRALIDADE

Seja através de pinturas, performances ou da música, a arte é uma ferramenta de combate ao racismo e valorização das raízes, além de reverberar pautas importantes da sociedade.

Alice e o Chá através do espelho, Lixão do Aurá, Belém/PA.

POR JANIELE SALES

Ser artista negro no Brasil é um desafio imenso perante as desigualdades e o racismo estrutural. Os artistas enfrentam grandes desafios no decorrer de suas carreiras, e isso desestimula o surgimento de outros. Para artistas negros, esses desafios se multiplicam, contudo, suas obras não param de surgir, mesmo com o mercado racista e elitista existente no Brasil. No entanto, muitas pessoas ainda não conhecem grandes artistas negros que usam seus talentos para expressar ancestralidade, personalidade e igualdade.

Quando falamos em Arte, as imagens acústicas que surgem na nossa mente são de grandes espaços com quadros e grandes obras esculturais, entretanto, muitos artistas transcendem esses espaços.

O artista Rafael Bqueer produz arte integrada à performances. Drag queen e ativista LGBTQIA+, produz um trabalho incrível, partindo de assuntos como política, gênero, sexualidade, afrofuturismo, descolonialidade e interseccionalidade. Nasceu em Belém do (PA) em 1992, vive atualmente entre São Paulo e Rio de Janeiro, onde em trabalhos integra sua arte a vídeos e fotografias.

Alice e o chá através do espelho é um dos trabalhos realizados pelo artista em 2014. O autor buscou resgatar a personagem de Alice produzida pelo ator Jorge Lafond no desfile da escola de Samba Beija-flor de Nilópolis no ano de 1991, com o desfile “Alice no Brasil das maravilhas”. Com esse ato performático ele enfrentou os padrões coloniais hegemônicos promovendo uma cartografia sobre distopias. O lixo é como metáfora e reflexo do mundo atual, apresenta um imaginário com subjetividades e estratégias políticas de sobrevivência.

Bqueer, aos 28 anos, já participou de exposições nacionais e internacionais, e possui uma trajetória de formação e trabalhos extensa, montando o grande profissional que é Rafael Bqueer. Atualmente é participante da Pivô, uma associação sem fins lucrativos fundada em 2012, que atua como plataforma de intercâmbio e experiências artísticas, onde podemos encontrar um pouco do seu trabalho, assim como no seu perfil social no instagram @rafaelbqueer.



Foto: Instagram @rafaelbqueer.

Produção Preta

A equipe do vídeo-álbum "Bom mesmo é estar debaixo d'água" é composta por pessoas negras, sendo produzida por uma mulher, Joyce Prado. A ideia surgiu a partir da observação de muitas outras produções de cantores negros que são compostas por pessoas brancas, assim, a artista visa dar oportunidades a pessoas negras da área.

Foto: Reprodução/Instagram



A ANCESTRALIDADE NA FORMA ARTÍSTICA DA MÚSICA

A música nos faz sentir emoções e permite expandir nosso olhar a partir da perspectiva que o cantor quer nos fazer sentir. No âmbito da música temos diversos artistas que buscam transmitir a ancestralidade africana. As produções de muitos deles são verdadeiras obras de arte, que apresentam de forma grandiosa a força e beleza negras.

Luedji Luna é uma cantora nascida em Salvador (BA), cresceu sabendo das lutas que ia enfrentar durante a vida e hoje relaciona esses fatores à ancestralidade em forma de música. Ao sentir na pele as dores que uma sociedade racista a fez passar, decidiu transformá-las em arte. Iniciou suas composições com 17 anos, lançando seu primeiro álbum em 2017 intitulado "Um corpo no mundo". O álbum, com 12 faixas, mostra com leveza a beleza dos corpos negros, força e ancestralidade.

Atualmente com 34 anos, a cantora se dedica a espalhar sua voz e mensagem para o mundo.

Outro exemplo de material rico que Luedji Luna produziu foi o álbum "Bom mesmo é estar debaixo d'água". Este segue a mesma leveza do primeiro álbum e expressa de forma minimalista e intensa uma essência ancestral, memórias e celebração à negritude. Ela produziu um álbum visual do mesmo, que se encontra no seu canal no YouTube.

O álbum reproduz a vida da mulher negra, expressando toda vivência, ancestralidade e lutas. Utiliza-se de poemas de autoras como Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, Tatiana Nascimento, Dejanira Rainha Santos Melo e Marissol Mwaba.

A ARTE TAMBÉM OCUPA AS RUAS E OS CORPOS

Outra grande artista presente entre nós é Tânia Lima, denominada Criola. Nascida na Bahia, Criola é grafiteira e pinta os arranha-céus de espaços urbanos com sua arte,

transmitindo suas vivências a partir do que acredita, enquanto mulher negra. Utiliza o grafite, mas não só ele, a moda também é usada para transmitir diversas formas de ver, ser, ter e dar voz às mulheres que ainda não conhecem seu poder e direitos.

Nos seus trabalhos são destacados temas sobre ancestralidade e empoderamento feminino, marcados por cores fortes, que destacam a força da mulher negra. Possui pinturas espalhadas por todo o Brasil e pelo mundo, onde mostra a cultura brasileira influenciada pela estética de matrizes africanas. Formada em Design de Moda pela Universidade Federal de Minas Gerais, está morando atualmente em Belo Horizonte. A grafiteira com 26 anos, espalha com seus trabalhos a identidade da mulher negra brasileira livre de estéticas europeias.

Tanto no quesito da arte, como da afirmação das suas identidades dentro da sociedade, os artistas afro-brasileiros possuem um papel de grande importância dentro do contexto contemporâneo. São mensagens impactantes, tanto culturais quanto sociais, que permitem expressar sentimentos coletivos de classes e culturas discriminadas na sociedade, possibilitando a escuta de falas silenciadas por um sistema opressor.

Essas reflexões trazidas por esses autores decorrem de vivências enquanto pessoas negras, assim como a soma dos seus ancestrais. A ancestralidade é uma força conjunta de grande luta, que deve ser perpassada no tempo. Esses autores mostram a importância das raízes, de se reconhecer enquanto pessoa negra afro-brasileira e valorizar as influências de matrizes africanas existentes no nosso país.



Foto: Reprodução/Instagram



Foto: Reprodução

Mural de Criola na empena do edifício Chiquito Lopes foi promovido pelo Circuito Urbano de Arte (CURA) em 2018.

HERANÇAS TRANSATLÂNTICAS

O que o Brasil tem d'África

POR ELIZABETH SILVA E MIRO CESÁR

Com a chegada dos portugueses no continente africano no século XV começa a se desenhar a estratégia de obtenção de lucro por meio da venda (tráfico) de africanos, o Brasil foi um dos destinos de diversos povos africanos que sobreviveram aos navios ‘tumbeiros’ que atravessavam o oceano Atlântico. Nesse processo, mesmo sendo obrigados a não praticarem sua cultura e língua, os povos africanos encontraram inúmeras formas para vivenciar e preservar suas culturas. O Brasil foi moldado social e culturalmente, em parte, pela presença africana e como prova disso basta olharmos para o que conhecemos hoje como cultura brasileira: comida, música, dança, estética e linguagem.

Falando de comida...

A gastronomia brasileira é bastante diversificada e mundialmente conhecida, mas o que não nos contam é que muitos dos pratos que vão ser chamados de tipicamente brasileiros não são brasileiros, existe toda uma história e lugar de origem: África.

Aqui iremos conhecer um pouco dos pratos típicos mais conhecidos e os que, provavelmente, você não sabia que fazia parte da culinária africana.

Foto: Reprodução/Creative Commons



ACARAJÉ

Bolinho feito de feijão fradinho, frito no azeite de dendê e recheado com vatapá, caruru, camarão e molho de pimenta. Seu nome tem origem na língua iorubá: “acará” (bola de fogo) e “jé” (comer).

Começou a ser vendido em tabuleiros nas ruas de Salvador por mulheres negras libertas que usavam as mesmas roupas dos terreiros de candomblé e acabou se popularizando como principal prato da culinária baiana.

ABARÁ

De origem nigeriana conhecido como Moimoi ou Moin-moin. O abará é um bolinho feito com massa de feijão fradinho, vários temperos e camarões inteiros ou moídos misturados à massa. A principal diferença entre o acarajé e o abará é que o abará não é frito, mas sim envolvido em folhas de bananeira e cozido em banho-maria. Ele também pode ser servido recheado com vatapá ou caruru.



ANGU

Também conhecido como fungé (funji) de milho em Angola, fofú no Congo e outros nomes dependendo do país africano. Essa comida é preparada como uma papa feita com inhame ou fubá misturado com água. É servida sempre com algum acompanhamento (molho) que tanto pode ser de vegetais ou carne. Foi levado pelos colonizadores para a Europa, se popularizando no norte da Itália e voltou para as regiões brasileiras com a influência colonial italiana, onde ficou mais conhecida como polenta.

CARURU

Conhecido em Angola como Kalulu, o caruru era um refogado feito com uma mistura de várias ervas batidas no pilão. Logo depois, começou a ser misturado com quiabo, camarão seco e azeite de dendê, tornando-se um cozido que pode acompanhar peixes, frango e carnes.



PAMONHA

A pamonha que conhecemos surgiu como uma variação do acaá (Àkàsà) ou ekô, do povo Jeje. A pamonha é um bolinho de milho enrolado em folhas verdes de bananeira e pode ser servida com vatapá ou caruru.



CUSCUZ

Prato típico do norte da África e bastante consumido no nordeste brasileiro, o cuscuz é feito com farinha de milho ou flocos de milho pré-cozidos, água e sal. Normalmente é servido com manteiga, ovo ou queijo, mas também pode ser servido em outras refeições, acompanhado de carne ou de legumes e verduras. Uma refeição completa que pode ser consumida a qualquer hora do dia.



COCADA

Os coqueiros eram muito abundantes na costa brasileira e, nas grandes fazendas escravocratas de cana-de-açúcar, era comum as mulheres negras escravizadas ralarem o coco e misturar com uma calda feita de açúcar, dando origem à cocada. O doce pode ser mais claro ou mais escuro e com a consistência mais seca ou mais cremosa, dependendo do ponto em que é retirado do fogo e o que for sendo acrescentado no preparo.



VATAPÁ

Seu nome se origina do termo iorubá *ehba-tápa*. O seu preparo inclui pão molhado ou farinha de rosca, fubá, pimenta-malagueta, leite, óleo de dendê, camarões frescos inteiros ou secos e moídos.

MUNGUNZÁ

Também conhecido como potopoto em Angola, o mungunzá é feito com grãos de milho branco ou amarelo cozido com leite e açúcar. Esse cozido ganhou novos ingredientes quando chegou às casas dos escravocratas, passando a ser feito com leite de coco e canela. O Mungunzá pode ser feito também na versão salgada, misturando o milho cozido com carnes de porco que em Angola tem o nome de canjica.

Em Cabo Verde esta culinária é conhecida com Cachupa ou como se escreve em crioulo do país *katxupa*. Existe uma distinção entre cachupa rica e cachupa pobre. A primeira com muitos tipos de carnes e a segunda é feita apenas com peixe.



Foto: Reprodução/Creative Commons



Foto: Neide Rigo/Estadão / Reprodução



Foto: Acervo Personal, Ana Cássia Alves

VOCÊ SABE O QUE É ABAYOMI?

**As bonecas pretas artesanais
que representam a força dos
movimentos negros no Brasil**

POR ALICE DE OLIVEIRA

Aabayomi é uma boneca negra confeccionada com tecidos ou até mesmo com retalhos. Não possui costura e nenhum segredo para sua confecção, pois é moldada apenas por nós.

Em Iorubá, Abayomi possui um significado muito bonito, quer dizer "meu presente" ou até mesmo "encontro precioso".

Na narrativa popular, conta-se que as mulheres, no período da escravização, rasgavam um pouco as barras das suas saias para criarem bonecos e bonecas para entreter as crianças durante as cansativas viagens nos navios, conhecidos como "tumbeiros". Em outras oportunidades também serviam de amuletos de proteção.

Embora essa versão seja bastante conhecida e possua um significado de superação nos tempos da colonização, a verdade é que a criadora das bonecas é uma artesã maranhense e ativista do Movimento de Mulheres Negras, Lena Martins.

A boneca foi desenvolvida na década de 1980, inspirada na mãe da artesã, que era costureira de bonecas tradicionais e nos movimentos negros da época. O nome da boneca foi inspirado em uma amiga, que na época estava grávida e planejava por o nome do bebê de Abayomi, que é uma palavra iorubá e significa encontro precioso.



Lena Martins é maranhense, mas mora no Rio de Janeiro desde criança. Aprendeu com a mãe o ofício e criou no final da década de 1980 as bonecas Abayomi.

Em uma entrevista ao Portal Conexão Lusófona, Lena diz que: "Eu fico achando que nas nossas narrativas, de negros e descendentes, sempre tem uma interferência. Parece que não temos o direito de ter uma boneca que nos represente, mas que tenha nascido no período de maior efervescência dos movimentos sociais no Rio de Janeiro, no final dos anos 1980."

Longe da narrativa sobre mães que tentavam acalantar seus filhos, a história das bonecas Abayomi tem como precursora uma mulher negra artesã e ativista, que junto de diversas pessoas fizeram com que a história e a cultura da população negra fosse reconhecida como parte constituinte do que chamamos por cultura brasileira.

A artesã passou a ensinar a confeccionar as bonecas em oficinas nas comunidades no Rio de Janeiro, em que ao longo dos anos foram sendo aperfeiçoadas até chegar no que conhecemos hoje.

O porquê de continuar a reproduzir e compartilhar essa vivência é uma forma de dar continuidade a valorização e fortalecimento da cultura afro-brasileira. Além disso, é uma manifestação de combate à reprodução de racismo e preconceito.

As bonecas Abayomi tem um significado importante para a cultura dos negros e afrodescendentes, ela simboliza resistência e poder.

COMO FAZER?

Como já foi exposto, as bonecas Abayomi são confeccionadas apenas através de nós, sendo realizado o acabamento com outros materiais, o uso da cola totalmente opcional. Tenho quase certeza que os materiais você poderá encontrar com muita facilidade na sua casa, com um(a) amigo(a) ou na casa dos seus familiares. Então, olha só!

Você vai precisar de:

- Tecido malha, cor preta (35cm x 2cm)
- Tecido malha, cor preta (15cm x 2cm)
- Tecido colorido (14cm x 6cm)
- 2 tirinhas coloridas de tecido
- Tesoura (opcional)



PASSO A PASSO

1



Estique o pedaço de tecido que possui o tamanho de 35cm x 2cm, faça um nó nas duas pontas.

2



Junte as duas pontas e você vai ver que ficará duas pontas com nós em baixo e ao meio sem nenhum nó. É aí, que você fará um novo nó e você já terá feito as pernas e cabeça da boneca.

3



Pegue o segundo tecido preto que você separou e, em seguida, coloque ele por trás da boneca, abaixo da cabeça. Depois, dê um novo nó. Você acabou de fazer os braços, então, também faça outro nó na ponta de cada braço. Você acabou de fazer todo o corpo da sua boneca!

4



Partiu começar os acabamentos! Pegue o pedaço de tecido colorido, logo, dobre ao meio por duas vezes e corte a pontinha que ficará na dobra.

5



Vista a roupinha na boneca, amarre uma tirinha no meio do vestido e outra tirinha na cabeça.

Sim, sua boneca está pronta!

Ela possui mais ou menos 9cm, mas você pode fazê-la de vários tamanhos, com roupinhas de várias estampas, escolher novos acessórios e enfim. Você pode guardar ou se preferir, dar de presente a alguém que você ama muito. Inclusive, há muitos que dizem que dar de presente a boneca Abayomi, é sinônimo de desejo de boa sorte e proteção para quem está recebendo. Sem contar que, durante a confecção da boneca, você estará exercitando sua criatividade, com amor. Muito mais legal do que imaginamos!

Para saber mais:

Chevalier, Henri. Bonecas Abayomi: por que a origem romantizada dura mais? Conexão Lusófona. Disponível em: <https://www.conexaolusofona.org/bonecas-abayomi-por-que-a-origem-romantizada-dura-mais/>

INDICAÇÕES

LITERATURA

POR MARIA DA LUZ FONSECA

→ Carolina Maria de Jesus



Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira, nascida no ano de 1914, em Sacramento/MG. Sua história de vida é marcada pela desigualdade social, pois ainda em sua adolescência se viu obrigada a mudar de cidade para buscar uma vida melhor.

Um dos seus livros mais importantes foi o Quarto de Despejo, publicado em 1960 e já vendeu mais de dez mil cópias, em quatro dias, e 100 mil cópias, em um ano. O livro relata as experiências vividas por Carolina Maria de Jesus ao viver na favela do Canindé, em São Paulo, onde trabalhava como empregada e catadora de papel para sustentar a si e seus três filhos.

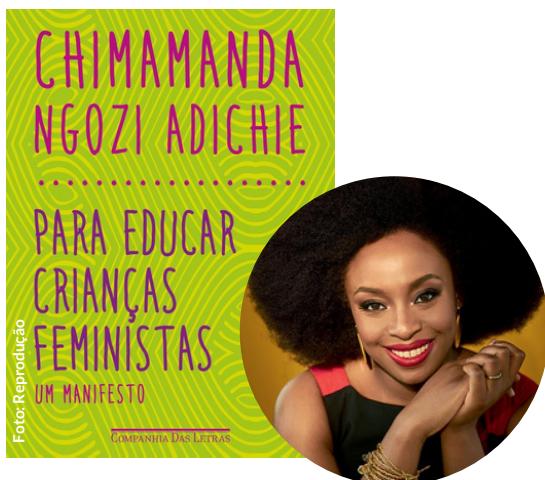
→ Oyérónké Oyéwùmí



De nacionalidade nigeriana, atualmente Oyérónké Oyéwùmí é uma das principais referências sobre filosofia africana contemporânea e vem buscando trazer as experiências africanas na construção e composição dos conhecimentos. Em seu livro "A invenção das mulheres", a intelectual tece críticas à categoria de gênero euro-americana, ao mesmo tempo que constitui uma teoria epistemológica de origem iorubá da Nigéria.

Para conhecer mais sobre esta autora, no YouTube tem um vídeo traduzido da II Jornada Feminismos Decoloniais, em a intelectual foi conferencista com o tema A invenção das Mulheres.

→ Chimamanda Ngozi Adichie



Ser feminista é ter consciência que precisamos lutar por nossos direitos, seja os direitos das mulheres, homens, pessoas LGBTQIA+, das crianças e idosos, e é através deste manifesto que a nigeriana e escritora Chimamanda Ngozi Adichie, escreve um pequeno texto de grande importância para aqueles e aquelas que desejam oferecer uma formação igualitária a todas as crianças.

O livro também está disponível para download e para acessá-lo basta pesquisar no seu navegador "Para Educar Crianças Feministas, PDF".

→ Conceição Evaristo



Conceição Evaristo, nascida em 29 de novembro de 1946, na cidade de Belo Horizonte/MG, é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. É autora de obras impactantes, abordando realidades ferinas e belezas ímpares em sua palavra-mulher. Com suas potentes "escrevivências", termo que criou para descrever suas experiências vividas que transmite através da palavra escrita, enquanto mulher preta no Brasil, Conceição certamente já entrou para a categoria de eternos da literatura nacional. Passeando entre estilos literários diversos, Conceição retrata, também, por meio de seus versos, memórias, sonhos, dores, amores e dissabores. Isto pode ser testemunhado através de seus inúmeros poemas reunidos na obra "Poemas da Recordação", lançado em 2008 pela Editora Malê.

LEITURINHA :)

→ Emicida

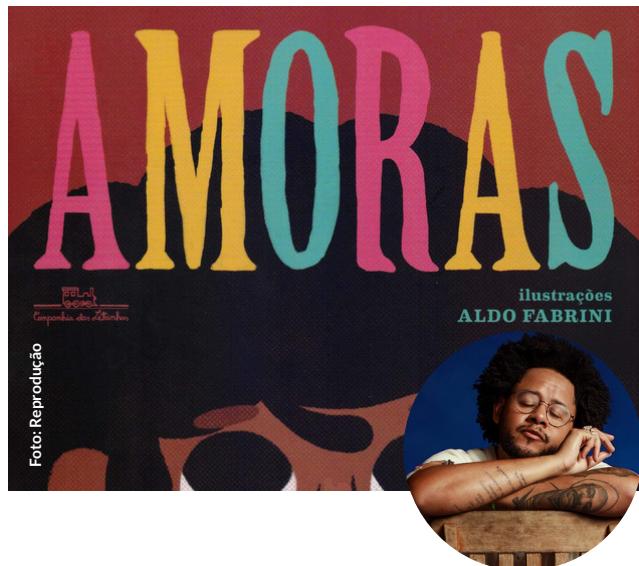


Foto: Reprodução

Por muitos anos as histórias infantis e infantojuvenis eram protagonizadas por personagens que não pareciam com boa parte da população brasileira, mas de alguns anos para cá, vamos conhecendo outros personagens e escritores que reconhecem a necessidade da representatividade.

Amoras é um livro escrito pelo rapper, cantor, letrista e compositor brasileiro Emicida. A obra foi publicada pela Companhia das Letras e trata sobre como as crianças devem sentir orgulho do que são, da sua cor e afeto por serem negras.

No YouTube tem uma versão animada do livro, narrada pelo próprio autor, intitulada "Emicida - Livro "Amoras" - Versão Animada".

→ Nilma Lino Gomes

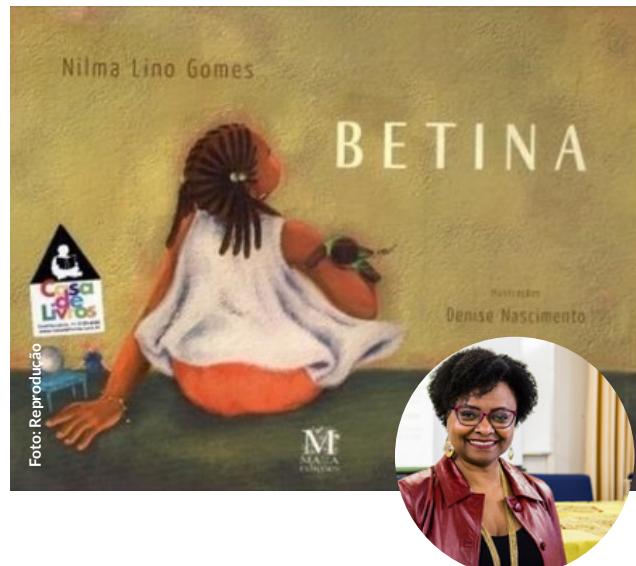


Foto: Reprodução

Falar sobre ancestralidade e afeto é importante para a formação e valorização daquilo que a gente é, assim, Betina, livro de autoria da professora Nilma Lino Gomes, que faz um resgate da tradição oral, falando sobre amor, afeto, aconchego e os cuidados de vó.

O livro está disponível para download e para acessá-lo basta pesquisar no seu navegador "Betina, Nilma Lino Gomes, PDF", além disso, tem vídeos no YouTube com contação de histórias.

Além deste livro, a autora também tem outros títulos entre suas publicações, sempre relacionando as suas temáticas a valorização da população negra e a educação.

ARTES PLÁSTICAS

→ Malangatana Valente Ngwenya

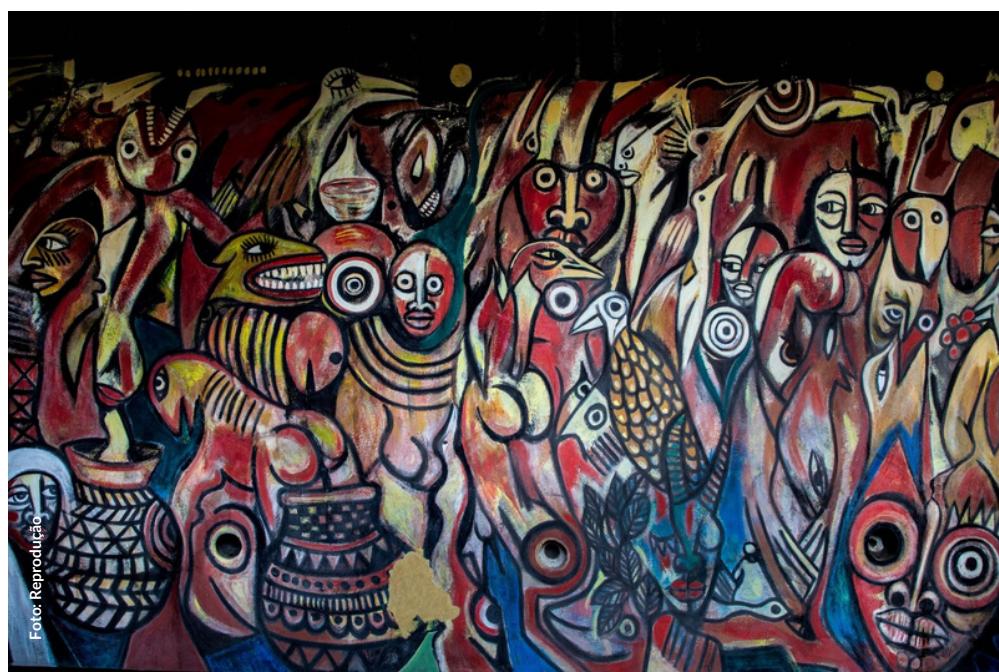


Foto: Reprodução



Malangatana Valente Ngwenya, ou simplesmente Malangatana, foi um grande pintor e artista polivalente moçambicano, nascido em 06 de junho de 1936. Algumas de suas obras, entre desenhos, pinturas, escritos e músicas, além de sua brilhante trajetória, podem ser encontrados facilmente na internet, e, com uma rápida pesquisa, logo nota-se a beleza e sensibilidade presentes em suas obras. Infelizmente, no dia 05 de janeiro de 2011, Malangatana faleceu, mas deixou um imenso legado artístico, nas mais diversas áreas.

MÚSICA

→ Ernesto Dabó

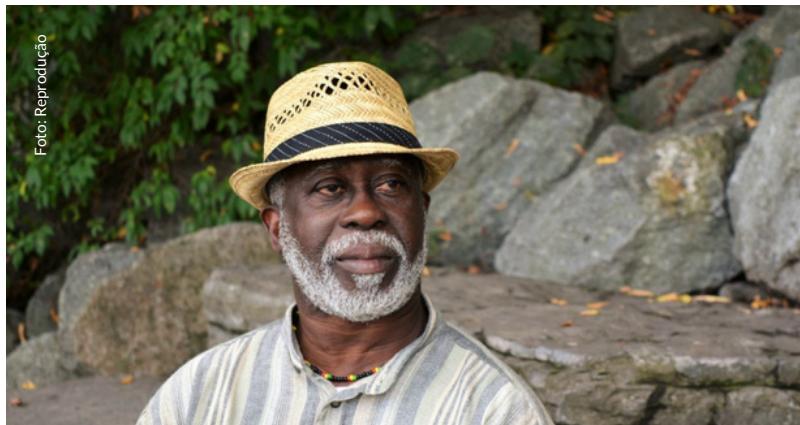


Foto: Reprodução

- #1. Mahmundi 
- #2. Baco Exu do Blues 
- #3. Luedji Luna 
- #4. MC Soffia 
- #5. IZA 
- #6. Aminata Indjai 
- #7. Américo Gomes 
- #8. Rincon Sapiênci 
- #9. Dulce Neves 
- #10. Eneida Marta 
- #11. Lura 
- #12. Titica 
- #13. Sara Tavares 
- #14. Fatoumata Diawara 
- #15. Gilberto Gil 
- #16. Agnes Nunes 
- #17. James Bantu 
- #18. Ernesto Dabó 
- #19. MC THA 

→ Luíza Nobél



Foto: Reprodução

Luíza Nobél é uma artista cearense polivalente, que, entre diversas produções, destaca-se principalmente na música. Ao longo de sua jovem trajetória, quando foi se descobrindo enquanto mulher negra numa sociedade racista, Luíza adquiriu experiências nas áreas do teatro e do audiovisual, fazendo com que suas formas de expressão se tornassem ainda mais abastadas de beleza e potência. Em seu canal no Youtube, é possível encontrar várias músicas de sua autoria.

Para conhecer mais sobre a artista:

-  Luíza Nobel
-  @luizanobel

-  @luzianobelmusica
-  @luizanobel

REDES SOCIAIS

→ Miguel de Barros



Para quem tem curiosidade e gosta de conhecer sobre outras culturas, um perfil a ser seguido é do sociólogo, Pan-Africanista e ativista guineense, Miguel de Barros. Fundador da Corubal, cooperativa de produção cultural em Guiné-Bissau, atualmente ele é diretor executivo da ONG Tiniguena, que promove a prevenção e conservação do meio ambiente do país.

Nos anos de 2018 e 2019 ele foi considerado a personalidade mais influente para a juventude africana. Em suas postagens, seja no Twitter ou Instagram, Miguel apresenta uma África ativa, política, diversa e humana.

Para conhecer mais sobre o ativista:

@miguel.debarros

@debarros_miguel

→ Raull Santiago



Morador do Complexo do Alemão, Raull Santiago é um ativista dos direitos humanos, empreendedor da favela, pesquisador e fundador/ integrante dos coletivos Papo Reto, Movimentos, Perifa Connection e Favela & ODS.

Em suas redes sociais, Raull compartilha suas experiências, ações e também denuncia os casos de violência nas comunidades do Rio de Janeiro. Ele já participou de dois TED Talks Brasil (programa de palestras), com os temas: "A favela é uma potência cultural" e "Eu não quero um 'Novo Normal'".

Para conhecer mais sobre o ativista:

@raullsantiago

@raullsantiago

VÍDEOS

→ Mwana Afrika



Quem você segue no Youtube? Que tipo de conteúdo chama mais sua atenção? Para aqueles que gostam de saber mais sobre história, danças, ciências, símbolos culturais, filosofia, instrumentos musicais, trajes, etnias, crenças e fatos relevantes sobre a cultura africana, o Canal Mwana Afrika é um ótimo lugar para se estar. Produzido pela TV Pública de Angola, o programa é apresentado pela jornalista e economista Mwana, que é brasileira, mas vive entre Portugal e Angola.

Para assistir aos vídeos, acesse:

Mwana Afrika

playlist de conteúdo do PETHL

#1. RTP África

#2. África do Jeito que Nunca Viu

#3. Jones Manoel

#4. Papo de Preta

#5. Pastora Ruth Catala

#6. Navváb Aly

#7. Silvio de Almeida

#8. Caçador de Histórias

IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE

O que sabemos sobre os nossos antepassados? As histórias que a nossa mãe e pai ainda não nos contaram.

POR ANA CÁSSIA ALVES

Quem eu sou? De onde viemos? Para onde vamos? Estas questões podem ser vistas como filosóficas, nos permitindo a busca por conhecimentos sobre si, de maneira subjetiva ou íntima, nos possibilitando reflexões sobre a nossa vida, mas também nos proporcionando curiosidades.

Quando eu era criança, acreditava que minha mãe não era minha mãe. Eu tinha muitas provas na minha cabeça e muitas ideias mirabolantes.

Estes são alguns exemplos da minha genialidade infantil: Por não existir uma foto dela grávida, por eu não ter um pai, por eu não me achar parecida com ela (ao contrário de várias primas que eu achava muito parecida com ela) e também porque achava minha mãe muito distante, tudo isso me fazia crer que eu não era filha dela.

Para cada uma dessas questões existe uma explicação! Fotografias naquela época eram coisas muito caras, tanto que eu tenho algumas fotos minha criança, e em sua maioria tiradas no dia do meu aniversário; Meu pai não se sentia preparado para a paternidade, mas minha mãe sim, então ela me teve, mas ser uma mãe “solteira”, ter que cuidar da saúde e bem estar de uma criança, não é algo tão fácil; A distância da minha mãe se dava por ela ser a provedora do lar.

O que minha mãe faz de melhor, segundo ela mesma, é trabalhar. Aprendeu o ofício de cuidar da casa dos outros ainda criança e desde lá não parou mais. Então a sua não presença era para me manter segura e alimentada; E sobre a aparência, tive que chegar no ensino médio para compreender que o que define a nossa aparência física são os genes (pequenas partes do DNA que é responsável por herdarmos as características dos nossos ancestrais), então a minha aparência não tão cópia da minha mãe estava explicada.

Demorei muito para descobrir que todos estes pensamentos eram falsos e se eu não parecia com minha



Foto: Reprodução/Creative Commons

mãe, então deveria parecer com o meu pai.

Demorei anos para encontrá-lo. Nos anos 2000, com o acesso à internet nas lan houses comecei a minha busca. Encontrei uma foto, de péssima qualidade e que eu não conseguia confirmar se éramos parecidos ou não. Passaram alguns anos e finalmente consegui localizá-lo. E descobri que na verdade eu era mais parecida com minha mãe nas feições!

Embora parecesse que finalmente tinha resolvido todas as questões e finalmente poderia seguir a vida, novas questões surgiram. Minha mãe sempre me contava sobre suas peripécias da infância e eu queria saber qual a história do meu pai. Como ele era criança? Quem são seus pais? Ele conheceu seus avós? Como foi a sua vida? Um novo caminho a ser percorrido surgiu, novas curiosidades e possibilidades de encontros.

Aos poucos fui conhecendo mais sobre o meu pai, principalmente através das histórias das minhas tias e avó e com essa aproximação pude descobrir muito sobre o meu pai criança, mas também sobre a minha vó, sobre seus pais, suas brincadeiras, sobre seu trabalho e suas cicatrizes.

Poder ouvir as histórias sobre os nossos ancestrais, das nossas mães e pais, avós e avôs é um presente raro. Poder saber as aventuras e desventuras que atravessaram suas vidas é se permitir conhecer novos mundos. Para além disso, a experiência de vida desses homens e mulheres também é nossa. Foram suas escolhas, vivências e caminhos que nos permitiram estar aqui hoje e esse tesouro ninguém pode nos tirar.

Então vamos experienciar esse novo mundo? O que você sabe sobre seus pais, avós? Quais histórias foram marcantes na vida deles? Se o gene nos traz parte das características dos nossos ancestrais, a oralidade vem para preservar a nossa história. Vamos ouvir o que os nossos tem a dizer e quem sabe, conhecendo o nosso passado não possamos mudar o nosso presente e o nosso futuro?

A COR DA TERRA

FRANCISCO

O meu cabelo se enrola
Como um parafuso
A minha pele esquenta mesmo estando frio
Demorei 20 anos para perceber
Que meus olhos são da cor do Brasil
Da terra violada e mãe
Morra ou chute uma bola, eles impõem
Ria nos melhores dias
Chore nos piores
Pois é isso que eles não querem ver você fazendo
Ainda há corpos negros sentindo prazer
Ainda há uma pipa no céu e o neguinho não é aviãozinho
Sinta a brisa do calor bater no corpo
Coma o arroz e feijão como se fosse uma princesa
Pois você é
O nariz de batata sente que é a hora da colheita
Vamos crescer e pintar os lustres da cidade de azul e laranja
Vamos colher o que plantamos
Para que a colher nunca fique vazia.

“

Francisco tem 20 anos de idade e mora em São Paulo-SP; desde cedo, ele sempre foi uma pessoa interessada pela arte e poesia, acreditando que ambas podem mudar a forma como as pessoas veem o mundo. Em 2021 ele lançou o seu e-book de poemas intitulado “O Cheiro do Sal”, que está disponível na Amazon.



Foto: Arquivo pessoal.



GLOSSÁRIO

A gente entende que você leitor possa sentir algumas dificuldades com os temas propostos na revista, até porque muitos desses temas também são novos para nós, considerando que somos jovens universitário. Esse espaço é dedicado para aquelas grandes palavras que não possuem significados tão evidentes.

Ah, encontrou outras palavras que você acredita que deveriam estar aqui e não estão? Entre em contato, nós avise!

AFROAFETIVO

A palavra tem origem no terno afroafeto, que foi designado pela antropóloga quilombola Marta Quintiliano. Afroafeto significa: “a aceitação e disposição à solidariedade emotiva, uma aproximação pelo amadurecimento político e o reconhecimento que as variadas e históricas formas de opressão foram enfrentadas historicamente por uma rede de resistência que se fortalecia e se fortalece, sobretudo pelo afeto, acolhimento, cuidado e respeito.” (QUINTILIANO, 2017).

AFROFUTURISMO

Movimento sociopolítico e cultural, com foco na estética, que destaca, através de narrativas ligadas à ficção científica, o protagonismo negro. Geralmente, produções afrofuturistas visam ressaltar uma perspectiva otimista, na idealização de futuros de autoafirmação e autoamor do povo preto, num processo de real empoderamento coletivo.

ANCESTRALIDADE

Conjunto de características, físicas e/ou espirituais, que remetem aos antepassados. No contexto das populações negras, tem um forte significado de valorização das raízes culturais africanas e afro-diaspóricas, no resgate de saberes invisibilizados pelas estruturas dominantes de poder.

CANDOMBLÉ

Religião de matriz africana, trazida ao Brasil por pessoas negras que foram escravizadas. No candomblé, se cultua os orixás, que são divindades na tradição iorubá, um dos maiores grupos étnicos de origem africana.

CAPITALISMO

Sistema econômico, social e político, construído com base na privatização dos meios de produção. Ou seja, o capital

fica acumulado nas grandes empresas e na classe burguesa, de modo geral, que contratam mão de obra, geralmente com o menor valor possível, para gerar grandes lucros para si. No capitalismo, há uma enorme divisão de classes, que é necessária para o seu funcionamento e acaba gerando inúmeras desigualdades sociais.

COLONIZAÇÃO

No contexto histórico abordado ao longo da revista, a colonização foi um processo no qual algumas nações, principalmente europeias, saquearam, escravizaram, exploraram e violentaram, de inúmeras formas, outros povos, deixando marcas profundas, que até hoje ecoam em todas as áreas da vida coletiva dessas populações vitimadas.

COMUNISMO

Sistema político, social e econômico, construído com base na coletivização dos meios de produção e na supressão da burguesia, visando o desaparecimento das classes sociais e do próprio Estado, uma vez que seus ideais orientam-se pelo igualitarismo e equidade social. Seguindo um pensamento marxista, o comunismo seria uma espécie de “última etapa” do socialismo.

COSMOVISÃO

Simplificadamente, significa visão de mundo, ou seja, a forma como os indivíduos percebem sua existência em contato com tudo o que há de sensível e inteligível no mundo.

CRIOULO

Não existe apenas uma língua crioula e sim muitas. No contexto da invasão do continente africano, a língua surge a partir das necessidades de comunicação forçada entre

povos falantes de duas ou mais línguas diferentes. Nós países africanos colonizados por Portugal, por exemplo, existem particularidades da linguagem em cada país, apresentando oralidade, grafia, ritmo e significados diversos.

DIÁSPORA

Deslocamento ou dispersão de populações, provocados, geralmente, por perseguições de diversas naturezas. O processo de escravização, por exemplo, fez, violentamente, com que vários povos africanos se deslocassem de seus territórios e se estabelecessem, de maneira forçada, em outras regiões.

DECOLONIAL

Busca-se, através do pensamento decolonial, o rompimento com o colonialismo e o eurocentrismo, possibilitando, assim, a abertura de caminhos e a formulação de estratégias para se pensar outros mundos possíveis, com a valorização da pluralidade de saberes e cosmovisões, focando, principalmente, nas formas de conhecimento dos povos que foram subalternizados pela colonização e pela lógica do colonialismo, que ainda sobrevive no sistema capitalista.

DESCOLONIZAR

Agir em prol da destruição das marcas mais profundas deixadas pelo processo de colonização, que subjugou povos inteiros, violentando seus corpos, seus saberes e suas formas de viver. Descolonizar é, portanto, a reapropriação daquilo que fora arrancado, ou invisibilizado, das populações que sofreram, e ainda sofrem, com o colonialismo.

ELITISTA

É um sistema político que prioriza a elite (grupos posicionados em locais hierárquicos importantes da sociedade), uma minoria que exerce poder e prestígio sobre um grupo social. No contexto brasileiro, as elites são todos aqueles que tem poder político ou econômico (em sua maioria, um está associado ao outro).

EMPODERAMENTO

Ação de desenvolvimento de poder, no sentido de construir a própria autonomia e emancipação individual, que inclui a construção saudável da autoestima e, consequentemente, do amor-próprio.

EUROCENTRISMO

Modo de pensar que coloca a Europa como centro de referência para o mundo, criando a percepção de que a história, a cultura, a ciência, a modernidade, a tecnologia e a lógica do desenvolvimento, em si, só possuem um único caminho a seguir, que é justamente o caminho da razão e dos valores europeus. Logo, tudo o que foge da lógica eurocêntrica, é invalidado, desumanizado e, portanto, passível de ser eliminado, como fizeram, de maneira mais explícita, na colonização.

EPISTEMOLOGIA

Ramo filosófico referente à teoria do conhecimento, isto é, de como o conhecimento é construído, desenvolvido e validado. Num contexto eurocêntrico, por exemplo, a epistemologia é estritamente ligada à racionalidade científica europeia, algo que acaba por deslegitimar outros modos de pensar e de construir conhecimentos.

INTERSECCIONALIDADE

Método de análise sociopolítica, criado pela intelectual estadunidense Kimberlé Crenshaw, que entrecruza marcadores sociais, ou seja, características de identidade, para melhor compreender as situações de opressão ou discriminação. Em outras palavras, a interseccionalidade ajuda a identificar, por exemplo, os impactos que existem numa sociedade racista, machista, elitista e homofóbica, sobre o corpo e a própria existência de uma mulher trans, negra, e periférica.

LGBTQIA+

Sigla que significa "Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo e Assexuais". É utilizada por diversos movimentos sociopolíticos que prezam pelo respeito e valorização da diversidade e reivindicam direitos para essa população.

MARXISTA

Aquela (e) que é adepta (o) ao pensamento de Karl Marx, sociólogo alemão que desvendou o funcionamento do capitalismo e defendeu a revolução da classe trabalhadora e a supressão da burguesia, no que ele chamou de "luta de classes".

MATRIARCADO

Forma de organização social em que as mulheres ocupam as funções de liderança, possuindo poder suficiente para comandar e administrar suas famílias e suas comunidades.

RACISMO ESTRUTURAL

Como indica o próprio termo, racismo estrutural diz respeito ao racismo como elemento fundador de determinada estrutura social. Ou seja, o racismo como elemento enraizado nesta estrutura, em seus aspectos históricos, em suas configurações sociopolíticas e culturais, e em suas instituições.

SOCIALISMO

Sistema político, social e econômico, construído com base na socialização dos meios de produção e centralização de poder do Estado, que busca organizar de forma mais igualitária a distribuição de renda para a população, diminuindo as desigualdades sociais.



Projeto África na Unilab

